

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RS – PUCRS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO  
MESTRADO EM EDUCAÇÃO**

**DARLENE ANGELITA DE PAULA DOS SANTOS**

**DIÁRIOS DE AULA EM CONTEXTOS DE ALFABETIZAÇÃO**

**Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Maria Inês Corte Vitória**

**Porto Alegre  
2013**

**DARLENE ANGELITA DE PAULA DOS SANTOS**

## **DIÁRIOS DE AULA EM CONTEXTOS DE ALFABETIZAÇÃO**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós- Graduação em Educação da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul como requisito parcial para obtenção de título de Mestre em Educação.

**Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Maria Inês Corte Vitória**

**Porto Alegre  
2013**

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**

S237d Santos, Darlene Angelita de Paula dos  
Diários de aula em contextos de alfabetização / Darlene Angelita de  
Paula dos Santos. – Porto Alegre, 2013.  
173 f.

Diss. (Mestrado em Educação) – Fac. de Educação - PUCRS.  
Orientação: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria Inês Corte Vitória.

1. Educação. 2. Professores – Formação Profissional. 3. Ensino  
Fundamental. 4. Educação Infantil. 5. Diário de Aula. 6. Prática  
Profissional. 7. Alfabetização. I. Vitória, Maria Inês Corte. II. Título.

CDD 370.71

**Ficha Catalográfica elaborada por  
Vanessa Pinent  
CRB 10/1297**

**DARLENE ANGELITA DE PAULA DOS SANTOS**

## **DIÁRIOS DE AULA EM CONTEXTOS DE ALFABETIZAÇÃO**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós- Graduação em Educação da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul como requisito parcial para obtenção de título de Mestre em Educação

### **BANCA EXAMINADORA**

---

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Maria Inês Côrte Vitória (PUCRS)

---

Prof. Examinador: Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Miriam Pires Correa de Lacerda (PUCRS)

---

Prof. Examinador: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup> Maria Conceição Pillon Christofoli (PUCRS)

## AGRADECIMENTOS

A Deus a quem dirigi minhas orações quando precisei acalmar o coração: obrigada por me acalantar e elevar meu espírito.

À minha família amorosa: meu filho Igor, minha filha Isadora, meu amor Marcos e minha querida mãe Maria de Lourdes: obrigada pelo amor de sempre.

À minha professora Dr<sup>a</sup> Maria Inês Côrte Vitória: obrigada por ter estado presente comigo na escrita de cada linha, cada frase, cada hipótese, cada conclusão deste estudo. Em cada encontro para orientação eu saía mais forte e mais convicta do que estava buscando. Será lembrada para sempre.

À Instituição pesquisada que acolheu e autorizou a realização deste estudo: obrigada por ser a Escola dos Sonhos e perseguir cotidianamente a formação de professores, crianças, adolescentes e adultos pelo viés da pesquisa, do estudo e, sobretudo, pela emancipação e humanização do Ser.

Às minhas queridas professoras alfabetizadoras Cristiane Vaz, Grasiela Zambiasi, Sílvia Araújo, Ivone Devantier e Luciana Gorski: sem vocês a realização desta pesquisa não teria se concretizado. Obrigada pela amorosidade com a qual acolheram este estudo.

À todos aqueles e aquelas que contribuíram para meu processo de Ser Mais.

À CAPES/DEB e ao OBEDUC/PUCRS pelo financiamento deste estudo.

## A IMPORTÂNCIA DO ATO DE LER

“ [...] enquanto ato de conhecimento e ato criador, o processo da alfabetização tem, no alfabetizando, o seu sujeito. O fato de ele necessitar da ajuda do educador, como ocorre em qualquer relação pedagógica, não significa dever a ajuda do educador anular a sua criatividade e a sua responsabilidade na construção de sua linguagem escrita e na leitura desta linguagem. Na verdade, tanto o alfabetizador quanto o alfabetizando, ao pegarem, por exemplo, um objeto, como faço agora com o que tenho entre os dedos, sentem o objeto, percebem o objeto sentido e são capazes de expressar verbalmente o objeto sentido e percebido. Como eu, o analfabeto é capaz de sentir a caneta, de perceber a caneta e de dizer caneta. Eu, porém, sou capaz de não apenas sentir a caneta, de perceber a caneta, de dizer caneta, mas também de escrever caneta e, conseqüentemente, de ler caneta. A alfabetização é a criação ou a montagem da expressão escrita da expressão oral. Esta montagem não pode ser feita pelo educador para ou sobre o alfabetizando. Aí tem ele um momento de sua tarefa criadora. [...]

Creio desnecessário me alongar mais, aqui e agora, sobre o que tenho desenvolvido, em diferentes momentos, a propósito da complexidade deste processo. A um ponto, porém, referido várias vezes neste texto, gostaria de voltar, pela significação que tem para a compreensão crítica do ato de ler e, conseqüentemente, para a proposta de alfabetização a que me consagrei. Refiro-me que a leitura do mundo precede sempre a leitura da palavra e a leitura desta implica a continuidade da leitura daquele. Na proposta a que me referi acima, este movimento do mundo à palavra e da palavra ao mundo está sempre presente. Movimento em que a palavra dita flui do mundo mesmo através da leitura que dele fazemos. De alguma maneira, porém, podemos ir mais longe e dizer que a leitura da palavra não é apenas precedida pela leitura do mundo mas por uma certa forma de “escrevê-lo” ou de “reescrevê-lo”, quer dizer, de transformá-lo através de nossa prática consciente.”

*Paulo Freire*

## RESUMO

O presente estudo apresenta uma análise reflexiva sobre os Diários de Aula utilizados como instrumento de pesquisa da formação docente junto a professoras dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental que trabalham com Alfabetização no 1º, 2º e 3º anos, em uma Escola Pública de Ensino Fundamental e Médio da cidade de Canoas (RS). As professoras pesquisadas possuem formação em Magistério e em Pedagogia, apresentando discrepância apenas no tempo de atuação. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, contando com os Diários de Aula das professoras e pesquisa documental como instrumentos de pesquisa. Para a coleta de dados estabelecemos seis meses, retirando dois meses de recesso escolar. Optamos em iniciar a coleta ao final de 2011, época em que os resultados finais do ano letivo estão sendo divulgados e início de 2012, momento em que um novo trabalho de alfabetização está sendo desencadeado. Essa escolha ocorreu por considerarmos esses dois períodos essenciais e significativos no processo de construção da leitura e da escrita, demarcando a atuação do professor alfabetizador como ponto de partida para o sucesso das aprendizagens dos alunos. A análise de dados foi realizada com base na teoria da Análise de Conteúdo (BARDIN, 2010). As questões indagadoras da pesquisa foram: De que forma os Diários de Aula podem contribuir como instrumento de qualificação profissional no cotidiano de alfabetizadoras do 1º, 2º e 3º ano, de uma escola de Escola de Ensino Fundamental e Médio da rede pública de Canoas (RS)? Quais dimensões são identificadas nos escritos dos Diários de Aula dos sujeitos investigados? É possível propor estratégias pedagógicas potencialmente capazes de converter a reflexão desenvolvida a partir dos diários de aula em instrumento de qualificação da própria prática docente? A base teórica que fundamenta o estudo se ampara em obras de autores que desenvolveram estudos em formação de professores, processos de alfabetização, saberes docentes e registro das práticas e a experiência de escrita dos Diários de Aula como possível fonte e ferramenta de análise, reflexão e transformação da prática docente. Como resultados desta pesquisa pode-se apontar os Diários de Aula como instrumento de qualificação profissional das professoras pesquisadas, como ferramenta para pesquisa, uma fonte na coleta de dados. Além disso, a utilização dos Diários de Aula desencadeou reflexões permanentes sobre o cotidiano docente, tornando-se metodologia que se constituiu significado para uma prática alfabetizadora mais reflexiva, coerente e competente. Foram evidenciados em todos os Diários de Aula analisadas as dimensões pedagógicas: planejamento, avaliação, metodologia de ensino, ensino e aprendizagem, processos de alfabetização e importância do

registro. Assim, a utilização dos Diários de Aula pelas professoras alfabetizadoras trouxe contribuições para a sua formação e qualificação pessoal e profissional.

**Palavras-chave:** Formação Docente. Diários de Aula. Processos de Alfabetização.



## RESUMEN

Este estudio presenta un análisis reflexivo acerca de la lección diaria utilizada como una herramienta de investigación para la formación de maestros junto con los maestros en los primeros años de la escuela primaria que trabajan con la alfabetización en el 1 °, 2 ° y 3 ° en una escuela pública de la Escuela Primaria y Secundaria en Canoas (RS). Los profesores encuestados tienen una formación en la Enseñanza y Pedagogía, presentando discrepancia sólo en el tiempo de la acción. Se trata de una investigación cualitativa, con los maestros de clase diarias y de investigación documental como herramienta de investigación. Para la recolección de datos establecido de seis meses, tomando dos meses de receso escolar. Hemos decidido empezar a cobrar a finales de 2011, momento en que los resultados finales del año escolar y están siendo liberados a principios de 2012, momento en que se está de una obra nueva alfabetización disparado. Esta elección se debe tener en cuenta estos dos períodos esenciales y significativos en el proceso de construcción de la lectura y la escritura, el marcado y la alfabetización del desempeño docente como punto de partida para el aprendizaje del estudiante exitoso. El análisis de datos se basa en la teoría de análisis de contenido (Bardin, 2010). Las preguntas inquisitivas de la investigación fueron: ¿Cómo el Aula diario puede contribuir como una herramienta para la cualificación profesional en la alfabetización de todos los días de la 1<sup>a</sup>, 2<sup>o</sup> y 3<sup>o</sup> de una escuela de primaria y secundaria de las Canoas públicas (RS)? ¿Qué dimensiones se identifican en los escritos de la lección diaria de los sujetos investigados? Usted puede proponer estrategias de enseñanza que potencialmente puede convertir la reflexión desarrollada a partir de la lección diaria de la calificación de instrumento de práctica docente? La base teórica que sustenta el estudio refuerza en las obras de autores que han desarrollado estudios sobre la formación del profesorado, los procesos de alfabetización, y los registros de conocimientos docentes y la experiencia práctica de la escritura de la lección diaria como una posible fuente y herramienta para el análisis, la reflexión y la transformación la práctica docente. Los resultados de esta investigación pueden señalar la lección diaria como instrumento de cualificación de los docentes encuestados, como una herramienta para la investigación, una fuente en la recolección de datos. Además, el uso de la lección diaria provocó reflexiones en torno a profesor permanente todos los días, cada vez que la metodología era para una alfabetización más práctico reflexivo, coherente y

competente. Se pone de manifiesto en todas las dimensiones analizadas Lección diaria pedagógicas: la planificación, la evaluación, la metodología de la enseñanza, la enseñanza y el aprendizaje de la alfabetización y la importancia de la grabación. Así, el uso de la lección diaria de los alfabetizadores contribuido a la formación y cualificación personal y profesional.

**Palabras- clave:** Formación del Profesorado. Lección Diaria. Los Procesos de Alfabetización.

## LISTA DE TABELAS

<b>Tabela 1</b> – Análise flutuante dos Diários de Aula.....	87
<b>Tabela 2</b> – Análises iniciais do Diário de Aula da Professora A.....	132
<b>Tabela 3</b> – Análises iniciais do Diário de Aula da Professora B.....	141
<b>Tabela 4</b> – Análises iniciais do Diário de Aula da Professora C.....	157
<b>Tabela 5</b> – Análises iniciais do Diário de Aula da Professora D.....	165
<b>Tabela 6</b> – Análises iniciais do Diário de Aula da Professora E.....	170
<b>Tabela 7</b> – Dimensões Pedagógicas nos Diários de Aula.....	57

## SUMÁRIO

<b>1 CONTEXTUALIZAÇÃO DA PESQUISA E DO PESQUISADOR.....</b>	<b>14</b>
1.1 VIVÊNCIAS EM CONTEXTOS DE ALFABETIZAÇÃO .....	18
<b>2 BASES TEÓRICAS.....</b>	<b>19</b>
2.1 DIÁRIOS DE AULA – CONTEXTUALIZAÇÃO DO INSTRUMENTO DE PESQUISA..	19
2.2 OS ÂMBITOS FORMATIVOS DOS DIÁRIOS DE AULA.....	22
<b>3 SABERES DOCENTES – A FORMAÇÃO DE PROFESSORES PESQUISADORES....</b>	<b>23</b>
3.1 O PROFESSOR COMO PESQUISADOR.....	23
3.2 SABERES DOCENTES NECESSÁRIOS À PRÁTICA EDUCATIVA DE PROFESSORAS ALFABETIZADORAS.....	26
<b>4 DIÁRIOS DE AULA: CONSTRUÇÕES VIVENCIADAS EM PROCESSOS DE ALFABETIZAÇÃO .....</b>	<b>29</b>
4.1 OS REGISTROS DA ALFABETIZAÇÃO COMO PROCESSO .....	29
4.2 A FUNÇÃO SOCIAL DA LEITURA E DA ESCRITA NA SOCIEDADE GRAFOCÊNTRICA E O PAPEL DO PROFESSOR NESSE CONTEXTO .....	33
<b>5 METODOLOGIA.....</b>	<b>37</b>
5.1 CONTEXTO DA PESQUISA.....	37
5.1.1 Instituição Pesquisada.....	37
5.1.2 Critérios de Escolha para os Sujeitos da Pesquisa.....	38
5.1.3 Sujeitos da Pesquisa e Caracterização.....	39
5.1.4 Ética da Pesquisa.....	40
5.2 PROBLEMA DE PESQUISA.....	40
5.3 QUESTÕES DE PESQUISA.....	41
5.4 INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS.....	41
5.4.1 Consigna para os Registros nos Diários de Aula.....	42
5.4.2 Pesquisa Empírica: Prazos e Critérios para Escolha do Tempo de Realização da Coleta de Dados.....	42
5.4.3 Elaboração dos Diários de Aula: a sistematização dos registros.....	43
5.4.4 Percursos da Pesquisa: Transcrição, Análise e Discussão dos Encontros realizados Mensalmente com os Sujeitos da Pesquisa.....	44
5.4.5 Análise e Discussão dos Encontros Coletivos: reflexões da pesquisadora.....	47
5.4.6 Análise e discussão dos Dados apresentados nos Diários de Aula.....	48
5.5 A PRÉ-ANÁLISE.....	49
5.5.1 Leitura Flutuante dos Diários de Aula.....	49
5.5.2 Análises Iniciais dos Diários de Aula .....	50
5.5.2.1 Análise Inicial do Diário de Aula da Professora A.....	50

5.5.2.2 Análise Inicial do Diário de Aula da Professora B.....	52
5.5.2.3 Análise Inicial do Diário de Aula da Professora C.....	54
5.5.2.4 Análise Inicial do Diário de Aula da Professora D.....	55
5.5.2.5 Análise Inicial do Diário de Aula da Professora E.....	56
5.5.3 Dimensões Pedagógicas nos Diários de Aula.....	57
<b>6 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS.....</b>	<b>60</b>
6.1 Diários de Aula: Aspectos objetivos/descritivos.....	61
6.2 Diários de Aula: Aspectos subjetivos .....	71
<b>7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>77</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>81</b>
<b>APÊNDICES.....</b>	<b>82</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>86</b>

## 1 CONTEXTUALIZAÇÃO DA PESQUISA E DO PESQUISADOR

Este estudo propõe-se a analisar a utilização dos Diários de aula como instrumento de pesquisa sobre práticas docentes de professoras alfabetizadoras do 1º, 2º, e 3º ano do EF, de uma escola de Ensino Fundamental e Médio da rede pública de Canoas (RS). Tal pesquisa se justifica pela experiência que tenho acumulado ao longo de vinte anos de docência em contextos de alfabetização de crianças de 6 anos a 15 anos. Destes, 05 anos como alfabetizadora e 15 anos como Supervisora Escolar.

Minha trajetória enquanto professora da Rede Pública Estadual vem sendo permeada de registros nos quais explico expectativas, recuos, avanços, erros, acertos, anseios e inconclusões. Enfim, o que deu e dá significação ao meu ato de aprender e ensinar, contribuindo para minha formação, para a construção de meu processo de constituição e de possibilidade em cada vez Ser Mais, enquanto pessoa e profissional, que pretende avançar em sua experiência como professora-pesquisadora a fim de qualificar a prática buscando a ressignificação do cotidiano educativo.

Ser professora sempre foi um dos meus objetivos de vida e lembro-me que, quando criança, ao perguntarem meu nome, acrescentava no final a palavra professora como extensão deste. Sempre às voltas com livros, quadro e giz. Assim fui enamorando-me da profissão. Até que, em 1986, ao iniciar o Ensino Médio, optei pelo Magistério e a cada ano do curso, nas aulas, nas observações, nas práticas, fui edificando minha constituição enquanto educadora, até 1988, quando concluí o mesmo.

Prestei concurso para a Rede Pública Estadual em 1990 e fui nomeada dois anos depois para ser docente em uma Escola Pública na qual permaneço até hoje, vinte anos depois. Feliz em finalmente poder trabalhar e tornar-me então uma “professora de verdade”, planejava minhas aulas com certa ansiedade em dominar saberes, métodos e técnicas. Porém fatores como repetência, evasão, desinteresse e a rotina, foram elementos que me levaram a perceber que ser professora é mais do que isso. É manter-se numa escuta curiosa e atenta, em sintonia com a realidade.

Tomando consciência do meu inacabamento, em 1994, iniciei o curso de Pedagogia, na UNILASALLE, mesma época em que recebia convite para atuar como Supervisora Escolar. Neste período já vinha não somente repensando, mas alterando algumas práticas enquanto

docente. Concluí a Graduação em agosto de 1999. Um curso que acrescentou à minha formação. Trouxe-me saberes e me permitiu regar a curiosidade em busca de tantos outros.

Ser Supervisora Escolar tornou-se um desafio, pois conquistar espaço no coletivo de professores exige tempo, paciência, abertura, para assim poder constituir intervenções e encaminhamentos para uma escola realmente educativa. Propor ações que levassem a uma práxis reflexiva, que levasse à concretude de ações que rompessem com práticas que pretendem a neutralidade, a fragmentação do saber e a não humanização do Ser.

Em 2006, sentindo necessidade de ampliar meus conhecimentos a fim de qualificar o trabalho pedagógico, iniciei o curso de Pós-Graduação em Pedagogia Gestora, pois acredito que é preciso avivar e alimentar a curiosidade que se mantém cada vez mais epistemológica frente ao ato de agir e de pensar.

Em 2007 fui convidada a fazer parte da vice-direção da escola e este acontecimento também fez com que me sentisse cada vez mais parte do TODO da escola, assumindo uma função que reforçaria o suporte ao fazer pedagógico, enfrentando diferentes desafios e agregando experiências a minha constituição, nesta função, enquanto gestora.

Desta experiência, restou a inquietação, a curiosidade em querer estudar mais, em compreender melhor os processos que permeiam a educação e em especial, a formação de professores. Considerando estas reflexões, é possível visualizar minha constante inquietude e curiosidade epistemológica, razões pelas quais busquei o Mestrado em Educação pela PUCRS.

Minha pesquisa inseriu-se na Linha de Pesquisa Formação, Políticas e Práticas em Educação, tendo em vista que a mesma acena como possibilidade de investigar minha prática e de meus colegas professores em uma escola da Rede Pública; constituindo-se em um movimento que sugere o desafio da compreensão, da interpretação e das diversidades que permeiam as concepções dos diversos segmentos da comunidade escolar, visando a reinventividade do cotidiano educativo.

Nesta última década diversas políticas públicas educativas constituíram o governo do RS. Neste tempo, a escola pública na qual exerço prática como Supervisora Escolar e Vice-diretora tiveram momentos de apoio da mantenedora e momentos em que fez sua caminhada, apoiada na efetivação da Proposta Político-pedagógica criticamente exercida, em resistências estabelecidas coletivamente, mantendo o compromisso político e a responsabilidade histórica com a comunidade na qual está inserida.

A partir dessa compreensão “resistir e ocupar” em nosso espaço educativo tem nos submetido a riscos e desafios, a denúncias e anúncios, na busca de uma mentalidade consciente e de práticas não alienadas, como dispositivos de empoderamento do coletivo.

Assim, a escola pesquisada, através da assunção de uma prática pesquisante, que busca verificar as dimensões que se revelam nos atos de enfrentamento, é uma instituição que resiste a governos, propostas e programas, oriundos de diversas políticas públicas e mantém o compromisso com sua Proposta Pedagógica alicerçada em uma prática democrática e transformadora. Para contribuir com esse processo pretendo buscar no Mestrado vertentes teóricas que estruturem e dêem sustentação à investigação da questão que é fonte de minhas indagações: a Formação de Professoras Alfabetizadoras.

Minha participação e promoção para que os estudos se constituam inteireza no cotidiano da escola, enquanto Supervisora Escolar, parte do princípio de que acredito que aprendizagens são gestadas na prática e na pesquisa. Para isso venho construir meu referencial teórico a partir de autores que pontuam uma prática-reflexiva, os quais considero *sine qua non*, visto a necessidade de determinadas compreensões acerca dos processos de alfabetização vivenciados pela comunidade educativa da escola pesquisada.

Nessa perspectiva, a investigação pretendida assume relevância ao buscar potencializar o caráter desafiador da curiosidade através do qual pretendo buscar a possibilidade de transformar a realidade através de pensares e fazeres articulados à compreensão do registro reflexivo como ato de intervenção na transformação da realidade, valorizando os saberes construídos e buscando os ainda-não saberes.

Porém, mesmo diante da proposta pedagógica, metodologia, planejamento e avaliação emancipatórios, a escola ainda não superou os altos índices de reprovação nos anos que trabalham o processo de construção da alfabetização. Através de documentos comprobatórios da escola, considerando os dados da construção do conhecimento, sobre os níveis de aprendizagem, com ênfase em leitura e interpretação e resolução de problemas, a escola apresentou níveis abaixo da média esperada. Os Diários de Aula surgem como possibilidade de qualificação da prática docente e como possível contribuição na elevação dos índices de alfabetização dos alunos desta Instituição Escolar, direcionando minha investigação a partir do problema de pesquisa: De que forma os Diários de Aula podem contribuir como instrumento de qualificação profissional no



cotidiano de alfabetizadoras do 1º, 2º e 3º ano do EF, de uma escola de Escola de Ensino Fundamental e Médio da rede pública de Canoas (RS)?

Os resultados obtidos na escola pesquisada, segundo a Secretaria de Educação do RS, constituem números insatisfatórios nos índices de alfabetização, precisando urgentemente rever os pré-requisitos que envolvem as capacidades lingüísticas de ler e escrever, falar e ouvir com compreensão e aplicar essas aprendizagens em diferentes situações. Sabe-se que os três anos iniciais da Educação Fundamental não esgotam essas capacidades lingüísticas e comunicativas, que se desenvolvem ao longo de todo o processo de escolarização e das necessidades da vida social, porém a continuidade da escolarização necessita da construção de algumas habilidades, segundo o Ministério da Educação.

Sabe-se, também, que o trabalho a ser feito nesses três anos iniciais não se esgota na alfabetização ou no desenvolvimento dessas capacidades lingüísticas. Mas elas são importantes porque é na alfabetização e no aprendizado da língua escrita que vêm se concentrando os problemas localizados não apenas na escolarização inicial, como também em fracassos no percurso do aluno durante sua escolarização. O que se pretende oferecer, nesta abordagem, é uma expectativa das capacidades lingüísticas que as crianças devem desenvolver gradualmente, ou seja, daquilo que cada criança deve ser capaz de realizar a cada ano. O aprendizado e a progressão da criança, entretanto, dependerão do processo por ela desenvolvido, do patamar em que ela se encontra e das possibilidades que o ambiente escolar lhe propiciar, em direção a avanços e expansões. Espera-se, por isso, que a consolidação dos princípios aqui definidos possa se combinar com propostas para os demais anos da Educação Fundamental, bem como com propostas das outras áreas curriculares desenvolvidas na fase inicial da escolarização. (BRASIL, MEC, 2011)

Atualmente, a progressão continuada do primeiro para o segundo ano garante a promoção do 1º ano para o 2º ano, segundo a LDBN 9394/96. E, neste ano, a escola encara um novo desafio que é alfabetizar sem retenção também do 2º ano para o 3º ano do Ensino Fundamental, isto é, dar conta do que é proposto no primeiro e segundo ano para que os alunos possam dar continuidade em seu processo de construção do conhecimento no 3º ano do Ensino Fundamental.

Segundo a Comissão de Ensino Fundamental, Parecer nº 194-2011, processo CEED nº 45-27.00-11.6 “Mesmo quando o sistema de ensino ou a escola, no uso da autonomia, fizerem opção pelo regime seriado, será necessário considerar os três anos do ensino fundamental como um todo e, particularmente, na passagem do primeiro ano de escolaridade e deste para o terceiro” (BRASIL, MEC, 2011)

Dessa forma e diante desse novo desafio e, a partir da análise das escritas, investigaremos de que forma os registros sistemáticos nos Diários de Aula podem constituir-se em possibilidade de qualificação do fazer pedagógico, avançando para uma prática docente alfabetizadora que efetive a aprendizagem de todos, na busca da superação da reprovação de crianças que necessitam garantir além do acesso e permanência na escola, mas que possa ser garantida a progressão continuada com qualidade e aprendizagem.

Desde a Graduação conservei o hábito de registrar o cotidiano em cadernos de apontamentos, agendas ou material para o registro da escola. Registros realizados para não serem esquecidos ou apenas para serem lembrados caso fosse preciso retornar aos mesmos, ao precisar de alguma anotação. Enfim, sem cunho reflexivo. Após conhecer e me apropriar da teoria de Zabalza acerca dos registros em Diários de Aula como suporte à formação, iniciei movimentos de escrita e percebi que minha escritura se tornou mais sistemática e com grau de reflexão aprofundado.

Há dois anos, desde 2010, adotei o Diário de Aula como ferramenta de formação no qual registro o que considero importante e significativo no cotidiano profissional. Sistematizações que faço a partir das leituras realizadas, das aulas no Mestrado, minhas impressões sobre as práticas pedagógicas desenvolvidas no dia-a-dia da escola pública na qual irei desenvolver a pesquisa são fontes que estão constituindo minha formação enquanto supervisora reflexiva. Ao me voltar para o que foi registrado nos Diários de Aula retomo ações realizadas e busco a transformação das mesmas em ações refletidas e reconstruídas, em novas aprendizagens.

### 1.1 VIVÊNCIAS EM CONTEXTOS DE ALFABETIZAÇÃO

Estar inserida em contextos de alfabetização e neste espaço de aprendizagem enquanto professora e supervisora escolar e já ter o hábito de registrar em Diários de Aula, fez com que me sentisse desafiada a trazer para o grupo de professoras um registro que sistematizasse suas vivências de sala de aula a partir da teoria de Zabalza e investigar de que forma podem contribuir como instrumento de qualificação profissional no cotidiano de alfabetizadoras.

Tal instrumento de pesquisa tem me permitido a reinvenção da docente que desejo ser, debruçada na profundidade da prática entrelaçada com a teoria, pois minha vivência de registros em Diários de Aula é a principal ferramenta para o desenvolvimento dessa pesquisa. As

professoras alfabetizadoras me percebem inserida nesse movimento de escrita, pois visualizam a forma como utilizo os Diários de Aula como instrumentos de pesquisa e de formação, me colocam no processo como parte da pesquisa e como pesquisadora.

Isso me aproxima das docentes pesquisadas. Esses conhecimentos adquiridos a partir dos Diários de Aula me fazem buscar a aproximação com esses sujeitos de uma maneira mais sensível e intencional me tem permitido (re) lançar novos olhares sobre práticas gestadas no contexto educativo.

Por isso mesmo, as professoras ao utilizar o registro de suas práticas docentes, através dos Diários de Aula, terão possibilidades de refletir sobre a própria prática, e provavelmente contribuir para a superação da não aprendizagem dos alunos e tornar seus percursos mais significativos, críticos e permeados de reflexão, alfabetizando os mesmos e mantendo-os na escola, ao buscar o acesso, a permanência e a aprendizagem.

Os materiais coletados poderão servir para os registros de vivências e experiências, de propostas e ações, reflexões, atitudes e construções de professores e alunos. Registros de movimentos no interior da escola, vivências e percepções de experiências profissionais, isto é, o diário como recurso voltado para a pesquisa, análise e avaliação dos processos didático-pedagógicos desencadeados na escola.

A redação dos diários leva consigo todo um conjunto de fases sucessivas que facilitam o estabelecimento de um processo de aprendizagem baseado em uma dupla categoria de fenômenos: a) o processo de se tornar consciente da própria atuação ao ter de identificar seus componentes para narrá-los e (b) o processo de recodificar essa atuação (transformar a ação em texto), o possibilita a racionalização das práticas e sua transformação em fenômenos modificáveis (e, portanto, possíveis de melhorar). (ZABALZA, 2004, p.27)

Por tais motivos, os Diários de Aula dos sujeitos pesquisados irão constituir experiências de registros cotidianos individuais e sistemáticos das alfabetizadoras dessa instituição de ensino, podendo as escritas ser convertidas em possíveis fontes de reflexão. Como instrumento de registro de ação, reflexão e ação com a finalidade de contribuir para o redimensionamento e ressignificação suas práticas, o que Zabalza denomina “potencialidade reflexiva e reconstrutiva do diário.” (2004, p. 11).

## **2 BASES TEÓRICAS**

### **2.1 DIÁRIOS DE AULA – CONTEXTUALIZAÇÃO DO INSTRUMENTO DE PESQUISA**

O fato de escrever um diário ajuda não só a ter uma perspectiva completa de tudo que foi realizado e de sua seqüência como fazer uma leitura mais profunda e pessoal dos acontecimentos. Os diários se tornam recursos de reflexão sobre a própria prática profissional e, portanto, instrumento de desenvolvimento e melhoria da própria pessoa e da prática profissional que exerce - na perspectiva de que possam ser utilizados no processo de formação e como instrumento de pesquisa.

Zabalza começou a escrever diários ao concluir o curso universitário. Faltando ainda algumas disciplinas para a conclusão do mesmo levou para morar consigo seis garotos delinquentes, menores, a quem as instituições fechadas já haviam dado por irrecuperáveis. Durante um ano viveu somente com eles organizando sua vida diária com tudo que precisassem.

Escrever um diário tornou-se uma ferramenta para travar diálogo com ele mesmo, uma forma de descarregar todas as tensões sofridas durante o dia, além de reconstituir mentalmente tudo o que havia acontecido. Isso foi apenas o começo, “Agora, após décadas de exercício profissional, continuo escrevendo o diário (‘querido diário’) como recurso de reflexão e lucidez profissional.” (ZABALZA, 2004, p. 9)

Este foi apenas o início de uma série de experiências e escrituras sobre as potencialidades desencadeadas a partir dos registros em Diários de Aula. Voltou-se então a pesquisar práticas pedagógicas docentes, pois o dia-a-dia destes profissionais é tão intenso que ao reconstituírem o mesmo por escrito abrem a possibilidade de recuperar imagens, ações, atuações, experiências empíricas e científicas e, após um (re) olhar mais aprofundado e reflexivo, tirar o máximo proveito em sua formação.

O profissional, através da escrita nos Diários de Aula passa a utilizar o mesmo como uma experiência de formação enquanto professor pesquisador da própria prática docente, que, através da reflexão permanente, retira do cotidiano educativo elementos que servirão de suporte para a construção e reconstrução de ações mais reflexivas e significativas.

Para Zabalza (2004), “Do ponto de vista metodológico, os ‘diários’ fazem parte de enfoques ou linhas de pesquisa baseados em ‘documentos pessoais’ ou ‘narrações autobiográficas’. Essa corrente, de orientação basicamente qualitativa, foi adquirindo um grande relevo na pesquisa educativa dos últimos anos.” (p.14)

Para escrever o livro “Diários de Aula: um instrumento de pesquisa e desenvolvimento profissional” Zabalza conviveu e pesquisou professores. Retirou do cotidiano dos mesmos materiais de pesquisa. Os professores, ao trabalhar com Diário de Aula, registram acontecimentos cotidianos e as práticas pedagógicas na sala de aula. Seus escritos são analisados com a intenção de pesquisar e retirar do cotidiano material de pesquisa.

Na obra, Zabalza propõe uma escritura que retrate “que possibilidades oferecem os diários e as biografias de *desenvolvimento pessoal e profissional* como instrumento de *pesquisa-ação*.” (2004, p. 11-12) O livro consta de três partes: a primeira se refere aos diários como recurso dialético de reflexão pessoal e desenvolvimento profissional, a segunda contém textos de vários diários de professores que se analisam e na terceira parte segue a análise de dilemas básicos que aparecem nos diários apresentados. A obra conclui com reflexões sobre o trabalho com diários e formas de como se pode obter maior rendimento de seu uso, tanto da perspectiva técnica como da perspectiva pessoal.

A origem do nome “Diários de Aula”, então, é utilizada porque trabalha com vivências desencadeadas em sala de aula, são documentos em que professores e professoras anotam suas impressões sobre os acontecimentos em suas aulas, isto é, a demarcação espacial da informação recolhida costuma ser o contexto da aula.

Cotidianamente estamos acostumados para perguntar e falar e não para ouvir – faz parte do comportamento contemporâneo – vamos perdendo a capacidade de interlocução – podemos garantir a interlocução pela escrita. Escrever é algo que se aprende, diariamente. Nossa escritura é o resultado do que vivemos, é reelaboração, recriação.

O exercício permanente de escrita nos Diários de Aula torna o ato sistemático como uma metodologia de trabalho para geração de novos conhecimentos, pois a leitura é diacrônica sobre os acontecimentos, sobre a evolução dos fatos. Isso significa a assunção da memória escrita como compromisso.

Os diários contribuem de uma maneira notável para o estabelecimento dessa espécie de *círculo de melhoria* capaz de nos introduzir em uma dinâmica de revisão e enriquecimento de nossa atividade como professores. Esse círculo começa pelo desenvolvimento da *consciência*, continua pela obtenção de uma *informação analítica* e vai se sucedendo por meio de outra série de fases, *a previsão da necessidade das mudanças, a experimentação das mudanças e a consolidação de um novo estilo pessoal de atuação*. [...] esse é o itinerário que muitos professores são capazes de seguir por meio da atividade *narrativa e reflexiva* que os diários proporcionam. (ZABALZA, 2004, p. 11)

Significar e refletir sobre o que ocorre em sala de aula é retirar do cotidiano material de pesquisa abrindo possibilidades de práticas reinventadas e repensadas, a partir do pensar sobre o vivido e assim buscar alternativas de superação para dilemas pessoais e profissionais que levem a uma prática alfabetizadora humanizadora e competente.

## 2.2 OS ÂMBITOS FORMATIVOS DOS DIÁRIOS DE AULA

A riqueza dos Diários de Aula direciona a âmbitos de impacto formativo: acesso ao mundo pessoal, desenvolvimento profissional, explicitação dos próprios dilemas e avaliação e reajuste de processos.

Para Zabalza (2004) dentro desses aspectos formativos é possível se ter acesso ao mundo pessoal dos professores, pois o Diário de Aula cumpre um papel importante como elemento de expressão de vivências e emoções, atua como instrumento para propiciar o conhecimento e o desenvolvimento pessoal.

Outro aspecto formativo evidenciado é referente ao aspecto profissional onde aparecem nas escritas os dilemas enfrentados por esses profissionais e como se põem diante dos mesmos – de que forma pode se tornar ele mesmo pesquisador de sua prática. Provoca a reflexão e a reconstrução de ações, ao ser utilizado para registrar o cotidiano das aulas e como recurso voltado para a pesquisa e a avaliação dos processos. Para Zabalza (2004, p. 27) os Diários de Aula “[...] são capazes de instaurar o círculo da melhoria de nossa atividade como professores.”

Elementos e dimensões enriquecedoras da reflexão entrelaçam os aspectos formativos dos Diários de Aula levando ao redimensionamento de ações, estabelecendo relações entre aspecto pessoal e profissional, vivências e experiências. É uma experiência na qual se vive “a experiência de contar (o que você mesmo faz) e de contar a si mesmo (como duplo ator: o ator que realiza as coisas contadas e o ator que as conta).”(2004, p. 136) Isto é, ler a si mesmo para se reinventar. Registrar para ler e nos reler.

O Diário de Aula apresenta a possibilidade de desenvolvimento de práticas reflexivas, pois permite revisar o período narrado: revisar o que se faz, avaliar recuos e avanços, visitar práticas e ações, reconstruir movimentos, qualificar fazeres e pensares.

O Diário nos oferece uma dupla perspectiva de nosso trabalho: uma perspectiva *sincrônica* e pontual (o que se conta em cada unidade narrativa, o que aconteceu nesse momento que cada parte do diário registra) e uma perspectiva *diacrônica* (a

forma como vão evoluindo os fatos narrados e nossa própria experiência). (ZABALZA, 2004, p. 142)

Não importa o motivo que leva a escrever o Diário, mas sim os benefícios obtidos através das potencialidades expressivas dos mesmos. No caso de professores, a transformação destes em uma fonte de qualificação da prática docente.

Converte-se em um instrumento de aprendizagens, de pesquisa, de formação. A reflexão sobre os escritos nos Diários de Aula perpassa pela ressignificação de novos conhecimentos construídos. Isso perpassa pela produção e construção de conhecimentos por excelência, razão de ser do ensino, da pesquisa e da docência.

Tanto escrever sobre o que fazemos como ler sobre o que fizemos nos permite alcançar certa distância da ação e ver as coisas e a nós mesmos em perspectiva. Estamos tão entranhados no cotidiano, nessa atividade frenética que nos impede de parar para pensar, para planejar, para revisar nossas ações e nossos sentimentos que o diário é uma espécie de oásis reflexivo. (ZABALZA, 2004, p. 136)

Nessa perspectiva os Diários de Aula ganham potência formativa, pois possibilitam que ocorra uma “pausa” para a escrita, um momento para, ao final do dia, ou da semana para reconstruir as vivências e narrá-las. Dessa forma, o que foi registrado pode ser lido e relido. É uma forma de nos reler e revisar as ações, analisar os recuos e os avanços do exercício profissional para então transformar essas reflexões, usufruindo dos benefícios das potencialidades expressiva dos Diários de Aula.

### **3 SABERES DOCENTES – A FORMAÇÃO DE PROFESSORES PESQUISADORES**

#### **3.1 O PROFESSOR COMO PESQUISADOR**

Há tempos vem se discutindo sobre a possibilidade e a necessidade do redimensionamento da formação do professor alfabetizador. Sabemos que o mesmo precisa mudar sua postura profissional, pois hoje a concepção social do alfabetizado é outra. O que se requer de um sujeito alfabetizado na atualidade é diferente do que em meados do século 20. Hoje muitas habilidades precisam ser desenvolvidas, pois os usos sociais da escrita no mundo contemporâneo exige uma complexidade cada vez maior.

Para que essa demanda dê conta da complexidade exigida é preciso que o professor se perceba e se desenvolva enquanto pesquisador. A prática alfabetizadora irá exigir ações que sejam conduzidas no sentido de viabilizar a formação não apenas de um sujeito que codifica e decodifica o código escrito, mas que faça o uso social do mesmo. O modo como o professor conduz seu trabalho é determinante para que a criança construa conhecimento sobre o objeto escrito e adquira habilidades de como fazer uso efetivo da leitura, da escrita, da interpretação e do uso destas diferentes habilidades nos diferentes meios.

Nos atuais contextos de alfabetização fica evidente a necessidade de formação desse profissional, exige um repensar docente mais sistemático e aprofundado principalmente após a implantação da progressão continuada do 1º ao 3º ano do Ensino Fundamental. Para que esse desafio seja vencido na sua totalidade deve ocorrer uma reorganização do planejamento, da avaliação, da prática pedagógica como um todo, capaz de oferecer ao aluno espaços, situações e condições que possam mediar a construção da leitura e da escrita.

De acordo com Freire “Ninguém pode estar no mundo, com o mundo e com os outros de forma neutra. Não posso estar no mundo de luvas nas mãos constatando apenas. A acomodação em mim é apenas caminho para a inserção, que implica decisão, escolha, intervenção na realidade.” (1996, p.86) Essa opção em ser ou tornar-se um profissional pesquisador com possibilidade de intervir perpassa pela reflexão sobre a prática, que é uma maneira de formar e formar-se permanentemente.

Essa reflexão sobre a prática representa uma atitude docente transformadora frente às exigências que a contemporaneidade traz consigo, pois ao exercê-la passa a identificar e repensar as estratégias do ensinar a pensar, ensinar a aprender a aprender, além de integrar no exercício da docência à dimensão reconstrutiva do trabalho profissional. Uma das fontes para que o professor pense não apenas em sua formação, mas também no currículo, ensino e metodologia de docência, são os registros nos Diários de Aula na perspectiva de Zabalza (2004) o que ocasiona o desenvolvimento da capacidade reflexiva deste profissional sobre seu trabalho e, conseqüentemente traz a qualificação ao seu fazer pedagógico.

Segundo Zabalza a reflexão sobre a prática conduz a estágios cada vez mais elevados no desenvolvimento profissional dos professores. Torna o professor pesquisador da própria prática docente. De acordo com Zabalza “A boa prática, aquela que permite avançar para estágios cada



vez mais elevados no desenvolvimento profissional, é a prática reflexiva.” (ZABALZA, 2004, p.137).

Neste sentido Zabalza (2004) continua tecendo considerações sobre o professor como pesquisador, o que denomina competência epistemológica. Aponta que os professores, ao utilizarem os Diários de Aula como fonte de indagação e reflexão podem ser capazes de se tornarem eles mesmos pesquisadores de suas práticas. Desta forma, por meio dos Diários de Aula, emergem saberes docentes específicos ao professor alfabetizador que se faz cotidianamente intelectual e pesquisador de sua própria prática docente. Saberes estes que vem ao encontro de uma proposta de educação que considera os atos de ensinar e de aprender como algo que se cria e se (re) cria diariamente, no registro da prática, na reflexão sobre a prática registrada e no desencadeamento de ações transformadoras.

Para Brandão (2002, p.418) “[...] o que eu mesmo ‘digo por escrito’, isto fica como uma espécie de espelho de mim mesmo. Uma imagem que me fotografa por dentro no que eu escrevi para dizer.” Esse desencadeamento de ações transformadoras pode perpassar por esse contar e contar-se nos Diários de Aula atravessados pelas reflexões produzidas sobre os registros.

Outro aspecto relevante apontado por Arroyo (2000, p. 53) é que “Nesse processo de redefinir o saber escolar, as funções sociais, políticas e culturais da escola em função de projetos de sociedade e de ser humano, de cidade e de cidadania não perdemos a centralidade nem do conhecimento, nem de nosso ofício de ensinar.” Pelo contrário, nos redescobrimos em nosso ofício de aprender e de ensinar, reencontramos o sentido de ensinar, de alfabetizar, descobrimos que “[...] nossa docência é uma humana docência.” (p.53) Por aí reencontramos o sentido de ensinar, de entrelaçar pesquisa e fazer pedagógico, o que contribui para mudança nas concepções e crenças do ofício de professor.

Nesse sentido Freire aponta que: “Ninguém pode conhecer por mim assim como não posso conhecer pelo aluno. O que posso e o que devo fazer são, na perspectiva progressista em que me acho, ao ensinar-lhe certo conteúdo, desafiá-lo a que se vá percebendo na e pela própria prática, sujeito capaz de saber.” (FREIRE, 1996, p. 140) Isso nos remete para o desenvolvimento de um papel docente desafiador e mediador de aprendizagens. Consciente dessa concepção de educação cabe ao professor alfabetizador apresentar os conteúdos e atividades de aprendizagem de maneira que os alunos compreendam o porquê e o para que aprendam, compreendendo que o exercício da cidadania exige o acesso ao domínio da língua falada e escrita.

Estão emergindo possibilidades de um redimensionamento da prática educativa do professor alfabetizador, porém para Smolka “[...] ‘acreditar’ que a alfabetização seja possível e viável não leva efetivamente à sua realização. É preciso, na prática, conhecer e conceber formas de alfabetização condizentes com o momento histórico em que vivemos para operar transformações.” (1988, p. 13) E essas transformações perpassam pela formação e qualificação de profissional alfabetizador pesquisador.

De acordo com Zabalza (2004, p. 26) “Não menos importante nesse uso do diário como recurso de pesquisa é o próprio fato de que torna os que o escrevem em pesquisadores.” Por isso reiteramos que os Diários de Aula podem permitir a reflexão e o conhecimento de nós mesmos e de nossas ações, pesquisando práticas, revisando-as e transformando-as, se for preciso.

### 3.2 SABERES DOCENTES NECESSÁRIOS À PRÁTICA EDUCATIVA DE PROFESSORAS ALFABETIZADORAS

É urgente que a questão da leitura e da escrita seja vista sob o ângulo de uma necessidade política, pedagógica e cultural. Apesar de inúmeras discussões e estudos acerca do tema ainda ostentamos altos índices de analfabetismo. A alfabetização é um marco na escolarização dos sujeitos e está no centro das avaliações estaduais e nacionais e os índices comprovam que o fracasso escolar tem agravado nos últimos anos no Brasil. Para Kramer “[...] assegurar alfabetização, leitura e escrita precisa ser parte de um projeto de sociedade que vise à democracia e justiça social.” (KRAMER, 2010, p. 14)

Nesse sentido a formação de professores é essencial, pois os saberes docentes que emergem de seu cotidiano vem a ressignificar a prática alfabetizadora e incidir sobre esses números alarmantes, seja positivamente ou negativamente, depende dos investimentos na formação do profissional. Conforme Kramer o professor alfabetizador é fundamental nesse processo ao exercer seu papel de profissional e de cidadão:

O compromisso profissional do professor costura os seus procedimentos em sala de aula, dá o tom das notas tocadas no cotidiano sem precisar proclamá-lo a cada momento. Esse compromisso manifesta-se junto com seu trabalho diário, imbrica-se à sua competência técnica. É preciso esclarecer que não se trata aqui apenas de discursos, de declarações feitas *a priori* pelo professor por ele atribuído à alfabetização. Trata-se ao contrário, da explicitação dessa importância no acontecer diário da sala de aula traduzido de expectativa em ação concreta, de

uma forte relação afetiva com seus alunos na ênfase sobre os conteúdos e no entusiasmo com que aborda os conhecimentos. Trata-se, sobretudo, de o professor exercer na prática o seu papel profissional e o seu papel de cidadão. (KRAMER, 2010, p. 64)

O processo de alfabetização requer uma atividade significativa para o aluno, na qual aconteçam interações com diferentes conhecimentos, reorganização e reformulação das maneiras de ensinar. Seguindo essa linha de pensamento Ferreiro aponta que: “A dimensão das questões levantadas pode suscitar de imediato uma pergunta: se a compreensão da escrita começa a se desenvolver antes de ser ensinada, qual é o papel dos adultos, especialmente dos professores, no que se refere à aprendizagem?” (1988, p.60) Então, quais os saberes docentes aos professores alfabetizadores?

Desse modo, na prática pedagógica, o professor utiliza diferentes tipos de saberes para resolver as situações diárias, para tomar decisões e executar ações. Suas falas, seus gestos, sua relação com o aluno e com o conhecimento explicitam sua maneira de ensinar. Esses saberes que o professor possui surgem da sua formação acadêmica, da experiência profissional e de sua experiência pessoal.

Porém, o professor não é o único que pode dar conta da universalização da escrita no contexto escolar e extraescolar. Há muitos saberes envolvidos, além dos docentes. Há os saberes da escola como um todo, dos colegas, dos amigos, da mídia, da família. Muitos são os saberes que circulam e que fazem parte do cotidiano das crianças. Todos causam impacto nas aprendizagens construídas. São pelos saberes do professor alfabetizador e demais pessoas que constituem a escola, que se dão os sentidos e os significados contínuos aos conhecimentos historicamente construídos.

Autores como Arroyo (2000) e Brandão (2002) também tratam dessa questão do professor repensar sua prática e ressignificar os saberes trazidos pelas crianças para a escola. Arroyo (2000, p.183) aponta que “A criança em nosso convívio irá aprendendo, sobretudo a usar a mente em situações diversas. O que ficará de tantos aprendizados as ferramentas, os significados acumulados pela cultura.” Brandão (2002) sinaliza que somos responsáveis pela formação de sujeitos que sejam livres, críticos, criativos e solidariamente e corresponsáveis pela criação de seu próprio mundo de vida.

Diante de tanta demanda, não deveria ser somente compromisso do alfabetizador o de “[...] dar inicialmente todas as chaves secretas do sistema alfabético, mas o de criar condições

para que a criança a descubra por si mesma”. (FERREIRO, 1988, p. 60) Criar condições para que a criança aprenda perpassa pela significação de saberes trazido pelos alunos e ressignificados pelo professor alfabetizador.

Neste sentido a intervenção do professor é necessária, pois “Estando de um lado da rua, ninguém estará em seguida no outro, a não ser atravessando a rua. Se estou no lado de cá, não posso chegar do lado de lá, partindo de lá, mas de cá.” (FREIRE, 2008, p. 27) Então o professor alfabetizador precisa construir junto com o aluno o processo da escrita. Parafraseando Freire “precisa ir até o outro lado e atravessar a rua junto com”.

O professor alfabetizador é um profissional em permanente processo de formação e de aprimoramento de suas potencialidades, um sujeito construtor e (re) construtor de suas próprias aprendizagens. Sua formação, assim, relaciona-se com suas capacidades, sua afetividade, seu imaginário, suas descobertas, seus avanços e seus recuos, tudo isso entrelaçado pela fundamentação teórica que permeia sua prática e, portanto, seus saberes.

Nas tramas da alfabetização, estão envolvidos métodos, práticas, conhecimentos e habilidades. A amorosidade, a interação e diálogo favorecem o ambiente da aprendizagem. A postura do professor não pode se restringir somente a conteúdos e técnicas, mas também, estar fundamentado nas emoções, na convivência, no respeito, no diálogo e na colaboração entre os sujeitos. Vai além de decifrar signos, vai para o que chamamos de poder transformador da educação quando acreditamos que para mudar a História “[...] ler a história é crucial. Por isso escrever e reescrever os textos é essencial. Ler, escrever e reescrever os textos e a história, enquanto sujeitos da história que somos tecendo- cada qual – os fios da trama [...]” (KRAMER, 2010, p. 18)

Neste sentido Freire aponta que esses saberes necessários à prática educativa se redimensionam na medida em que ocorre uma reflexão crítica sobre a prática, pois “É pensando criticamente a prática de ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática.” (FREIRE, 1996, 44) Ainda nessa perspectiva salienta que o professor sempre deixa sua marca. “O professor autoritário, o professor licencioso, o professor competente, sério, o professor incompetente, irresponsável, o professor amoroso da vida e das gentes, o professor mal-amado, sempre com raiva do mundo e das pessoas, frio, burocrático, racionalista, nenhum desses passa pelos alunos sem deixar sua marca.” (FREIRE, 1996, p. 73)

Principalmente no período da alfabetização, o professor deixa sua marca, pois esse é um período bastante significativo na/para a vida das crianças. Nessa perspectiva Arroyo (2000, p. 182) afirma: “Sabemos que os saberes e competências que ensinamos à infância ou à adolescência terão consequências na sua pessoal e na sociedade, na economia e na política”. O alfabetizador tem a responsabilidade de abrir as portas do conhecimento acumulado historicamente às crianças, e isso precisa ser feito, respeitando os saberes trazidos e entrelaçando com os seus saberes docentes para que possam se tornar a base do processo de apropriação da linguagem escrita.

Na perspectiva de Brandão “‘Palavras ditas voam com o vento’ [...] Mas as escritas ficam... numa folha de papel ou num ‘disquete de micro’. Ficam e se multiplicam como uma benção, como uma praga. Depois de grafadas, elas permanecem gravadas e fixam as minhas palavras.” (2002, p. 418) Esse é o propósito dos Diários de Aula: deixar por escrito a prática, os caminhos percorridos e os descaminhos para que possamos achar a trilha que leva a saberes transformados e transformadores.

Nesse redimensionamento dos saberes do professor alfabetizador os Diários de Aula além de permitir processos reflexivos podem trazer a reinvenção do planejamento e da avaliação, repercutindo positivamente na aprendizagem das crianças, pois de acordo com Zabalza (2004, p.18) “[...] reconstrói a experiência [...]” cotidianamente.

## **4 DIÁRIOS DE AULA: CONSTRUÇÕES VIVENCIADAS EM PROCESSOS DE ALFABETIZAÇÃO**

### **4.1 OS REGISTROS DA ALFABETIZAÇÃO COMO PROCESSO**

A forma tradicional de alfabetização consiste em um método no qual o professor transmite seus conhecimentos aos seus alunos, sem compreender o que a criança enfrenta antes de entender o verdadeiro sentido da leitura e escrita. A metodologia utilizada baseia-se em junções de sílabas simples, memorização de sons, decifração e cópia, fazendo com que o aluno se torne um receptor mecânico, pois não participa do processo de construção do conhecimento.

Com o passar do tempo, a partir de investigações de muitos estudiosos, passamos a conceber a alfabetização como uma construção contínua, desenvolvida simultaneamente dentro e fora da sala de aula, em processo interativo, que acontece desde os seus primeiros contatos da

criança com a escrita, isto é, com a compreensão de que o aprendizado da escrita alfabética não se reduz apenas a um processo de associação entre letras e sons.

Assumir uma postura tradicional é atribuir um “[...] caráter mágico emprestado à palavra escrita [...] O analfabeto, porque não a tem, é um “homem perdido”, cego, quase fora da realidade. Daí que o papel do analfabeto não seja o de sujeito de sua própria alfabetização, mas o de paciente que se submete docilmente [...]” (FREIRE, 2008, p. 28-29) A professora alfabetizadora precisa ter clareza que criança aprende desde muito cedo e quando chega à escola já traz inúmeras aprendizagens. Ainda não domina o código escrito, mas traz consigo a leitura de mundo.

Muitos alunos, quando chegam à escola já estão imersos no universo da escrita, já interagem com a mesma em diversos momentos e situações. Sabem que a escrita existe, embora não saibam “decifrar” o que aquela escrita no papel quer dizer. No entanto, é na escola que se adquire o domínio da língua oral e escrita, para a participação efetiva na comunicação. É um movimento que toma conta de todas as crianças em idade em processo de alfabetização. Cabe ao professor alfabetizador ensinar e aprender a codificar, decodificar e inserir os alunos nas aprendizagens que levam à utilização da prática social da leitura e da escrita.

Nessa perspectiva, Ferreiro e Teberosky (1985) colocam que na sua proposição tradicional a escola ignora essa progressão natural e propõe um ingresso imediato ao código, porém as crianças não conseguem perceber o que isso tem a ver com sua linguagem, pois “Para chegar a compreender a escrita, a criança pré-escolar raciocinou inteligentemente, emitiu boas hipóteses a respeito dos sistemas de escrita [...] superou conflitos, buscou regularidades, outorgou significado constantemente.”

Para Freire (1998, p.19) “[...] enquanto ato de conhecimento e ato criador, o processo da alfabetização tem, no alfabetizando, o seu sujeito. O fato de ele necessitar da ajuda do educador, [...] não significa anular a sua criatividade e a sua responsabilidade na construção de sua linguagem escrita e na leitura desta linguagem.”

Ainda seguindo essa linha de pensamento: “A percepção e o controle motor substituirão a necessidade de compreender; haverá uma série de hábitos a adquirir no lugar de um objeto para conhecer. Haverá que deixar o próprio saber linguístico e a própria capacidade de pensar até que logo se descubra que é impossível compreender um texto sem recorrer a eles.” (FERREIRO; TEBEROSKY, 1985, p. 276)

Considerando a alfabetização um processo de construção de hipóteses sobre o sistema alfabético de escrita, o aluno precisa participar de situações desafiadoras, que oportunizem a reflexão sobre a língua escrita. Portanto, é por meio da interação com o objeto de conhecimento que as crianças vão construindo hipóteses de forma progressiva. São essas especificidades do processo de alfabetização que não podem ser esquecidas.

Não basta apenas o convívio com o material escrito, é necessário ter uma direção e uma sistematização por meio de uma reflexão metalingüística, partindo de textos reais de vários gêneros que circulam socialmente. Conforme Ferreiro (1988, p. 7) “Essa criança se coloca problemas, constrói sistemas interpretativos, pensa raciocina e inventa, buscando compreender esse objeto social particularmente complexo que é a escrita, tal como ela existe em sociedade.”.

A invenção da escrita foi um processo histórico de construção de um sistema de representação, não um processo de codificação. Uma vez construído, poder-se-ia pensar que o sistema de representação é aprendido pelos novos usuários como um sistema de codificação. Entretanto, não é assim. No caso dos dois sistemas envolvidos no início da escolarização (o sistema de representação dos números e o sistema de representação da linguagem) as dificuldades que as crianças enfrentam são dificuldades conceituais semelhantes às da construção do sistema e por isso pode-se dizer, em ambos os casos, que a criança reinventa esse sistema. Bem entendido: não se trata de que as crianças reinventem as letras nem os números, mas que, para poderem se servir desses elementos como elementos de um sistema, devem compreender seu processo de construção e suas regras de produção, o que coloca o problema epistemológico fundamental: qual é a natureza da relação entre o real e sua representação? (FERREIRO, 1988, p. 12-13)

Para Ferreiro (1988) a leitura e escrita são sistemas construídos progressivamente e assim, seu ensino se tornou um grande desafio para os professores alfabetizadores, para as políticas públicas de alfabetização e para as próprias crianças. Ao fracassarem nessa aprendizagem, essas crianças têm seu processo educacional comprometido, o que pode acarretar, em alguns casos, a descontinuidade dos estudos.

Segundo Ferreiro e Teberosky (1985) a lecto-escrita tem ocupado um lugar de destaque na preocupação e apesar da variedade de métodos para se ensinar a ler, existe um grande número de crianças que não consegue construir conhecimento. Para as autoras a lecto-escrita se constitui em essencial para a continuidade dos estudos e não ocorrendo a aprendizagem há uma grande incidência de fracasso escolar. E, seguido do fracasso vem a evasão escolar. Nessa perspectiva, Ferreiro e Teberosky trazem os seguintes questionamentos:

Fala-se também da repetência como um dos maiores problemas da educação primária [...] o que é repetência? Quando uma criança fracassa na aprendizagem, a escola lhe oferece uma segunda oportunidade: recomeçar o processo da aprendizagem. É esta uma solução? Reiterar uma experiência de fracasso em condições idênticas não é, por acaso, obrigar a criança a ‘repetir seu fracasso’? Quantas vezes um sujeito pode repetir seus erros? Supomos que tantas vezes sejam necessárias até que abandone o propósito. (1985, p.17-18)

Um dos fatores que faz com não ocorra essa não aprendizagem é ensinar fora da realidade da criança, sem articular com os saberes trazidos por ela. E, estar alfabetizado, na atualidade, significa poder transitar com eficiência e fazer uso social da escrita, trata-se de produzir textos nos suportes que a cultura define como adequados, ler e interpretar textos variados, buscar material impresso e virtual, entre outros.

Muitas vezes se destacou o conteúdo ideológico dos livros de leitura, livros que raras vezes falam do operário e demasiado amiúde da família de classe média, uma família em que regularmente borda, tricota e prepara a comida, enquanto que o pai lê o jornal; uma família que vive numa casa onde tem pelo menos dois quartos e uma sala, sem contar banheiro e cozinha; uma família que as ilustrações apresentam bem vestida e penteada, de pele branca e cabelos claros. Em resumo, uma família que não tem nada a ver com as condições reais de vida da maioria da população da América Latina. Uma criança ideal de classe média elevada à categoria de modelo de identificação para as crianças o continente. (FERREIRO; TEBEROSKY, 1985, p. 248)

Neste sentido, o processo de alfabetização não ganha significação. Seguindo essa linha de pensamento Freire propõe: “Por que não aproveitar a experiência que têm os alunos de viver em áreas da cidade descuidadas pelo poder público para discutir, por exemplo, a poluição dos riachos e dos córregos e os baixos níveis de bem-estar das populações, os lixões e os riscos que oferecem à saúde das gentes.”

Para que o professor acompanhe todo esse processo de construção de escrita precisa estar com lucidez profissional. O processo evolutivo do aprender a ler e a escrever, revela que o ensino e a aprendizagem em contextos de alfabetização requerem uma prática diferenciada, pois o professor precisa fazer o tempo todo intervenções nas hipóteses de construção da língua escrita, além de trabalhar concomitantemente o desenvolvimento de outras habilidades.

A partir da análise dos aspectos objetivos/descritivos e dos aspectos subjetivos do cotidiano de sala de aula e os mesmos podem se transformar em uma ação mais significativa e competente, conforme Zabalza (2004). O registro e a reflexão sobre os processos de alfabetização vivenciados pelos alunos poderão traduzir as experiências, os saberes, as preocupações, as práticas e as reflexões sobre as mesmas.



Utilizar os Diários de Aula como forma de registro da prática pode se tornar uma forma de reflexão na ação, ou seja, refletir sobre os acontecimentos de sala de aula. Porém, apenas refletir não é suficiente, sendo necessário que esta reflexão tenha força para provocar a mudança de prática, reinventá-la.

#### 4.2 A FUNÇÃO SOCIAL DA LEITURA E DA ESCRITA NA SOCIEDADE GRAFOCÊNTRICA E O PAPEL DO PROFESSOR NESSE CONTEXTO

A escrita sistemática avança para o desenvolvimento de uma prática reflexiva. O registro, enquanto fonte metodológica de reflexão e formação ganha potência pedagógica, pois possibilita a revisão, tornando possível que as ideias pensadas possam ser aprofundadas e ampliadas, provocando uma constante curiosidade e a gestação de perguntas, respostas, outros registros, outras reflexões; desafiando a novas ações , intervenções e reinvenções.

Registrar como provocação ao pensar, como princípio de investigação possibilita contribuir com fazeres e pensares do cotidiano educativo:

Não é a prática por si mesma que gera conhecimento. No máximo permite estabilizar e fixar certas rotinas. A boa prática, aquela que permite avançar para estágios cada vez mais elevados no desenvolvimento profissional, é a prática reflexiva. Quer dizer, necessita-se voltar atrás, revisar o que se fez, analisar os pontos fortes e fracos de nosso exercício profissional e progredir baseando-nos em reajustes permanentes. Sem olhar para trás, é impossível seguir em frente (ZABALZA, 2004, p.137).

A discussão em torno do ensino e da aprendizagem sobre processos de alfabetização vem tomando corpo entre pesquisadores da área, em diferentes contextos da história da educação brasileira. Atualmente, sob novas perspectivas e diante de novos desafios, devido à complexidade e a necessidade de novos pressupostos teóricos e práticos a fim de abarcar as características que se põem à infância do atual tempo histórico de uma sociedade grafocêntrica.

Muitas vezes se tem enfatizado a necessidade de abrir a escola para a comunidade escolar circundante. Curiosamente, no caso onde é mais fácil abri-la é onde a fechamos. A criança vê mais letras fora do que dentro da escola: a criança pode produzir textos mais fora da escola enquanto dentro na escola só é autorizada a copiar, mas nunca a produzir de forma pessoal. A criança recebe informação dentro mas também fora da escola, e essa informação extra-escolar se parece à informação linguística geral que utilizou quando aprendeu a falar. É informação variada, aparentemente desordenada, às vezes contraditória, mas é informação

sobre a língua escrita em contextos sociais de uso, enquanto que a informação escolar é frequentemente descontextualizada. (FERREIRO, 1988, p. 38-39)

O processo de alfabetização propõe que os movimentos que envolvem o processo de construção da escrita como uma prática transformadora deste mundo, em que o indivíduo que não aprenda somente ler e escrever, mas que exerça as práticas sociais de leitura e escrita que circulam na sociedade em que vive. Assim, busca-se repensar a aquisição da língua escrita, baseado no alfabetizar como forma de inserção social. “A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele.” (FREIRE, 2008, p. 11)

Isto é, não basta ao indivíduo ser simplesmente alfabetizado, ou seja, aprender decodificar e codificar signos faz-se necessário que o mesmo possa exercer as práticas sociais de leitura e escrita nesta sociedade. Inserir crianças no processo de alfabetização significa introduzi-las em um ambiente no qual irão entrar em contato com uma cultura da qual devem se apropriar, isto é, sua inserção em uma sociedade mediatizada pela escrita.

Adentram o universo chamado escola, algumas com suas primeiras experiências escolares outras com referências da Educação Infantil. São justamente neste âmbito que devem ser considerados os aspectos acesso, permanência e a garantia de aprendizagem. Esse direito ao conhecimento perpassa não somente pelos atos de codificar e decodificar símbolos e pelo domínio do princípio alfabético, ao possibilitar que as crianças tomem consciência do significado da palavra, as sílaba, da letra e das relações entre grafemas e fonemas. Perpassa pela formação integral do ser humano, considerando as diferentes dimensões de sua constituição, pois a aquisição do sistema de escrita é um meio de inserção cultural e social, é um processo que envolve outras competências e que ocorre durante toda a vida.

A alfabetização, ao adentrar o mundo infantil, de certa forma, “invade” o território das crianças e a cultura infantil e irão exercer forte influência deste sistema de escrita e a maneira como se apropria do mesmo interfere em relações posteriores com esse mundo, sua tomada de consciência desse mundo ocorre por meio de ações desencadeadas pelos educadores alfabetizadores.

Assim como não posso ser professor sem me achar capacitado para ensinar certo e bem os conteúdos de minha disciplina não posso, por outro lado, reduzir minha prática docente ao puro ensino daqueles conteúdos. Esse é um momento apenas de minha atividade pedagógica. Tão importante quanto ele, o ensino dos conteúdos, é o meu testemunho ético ao ensiná-los. É a decência com que o faço.

É preparação científica revelada sem arrogância, pelo contrário, com humildade. É o respeito jamais negado ao educando, a seu saber de “experiência feita” que busco superar com ele. Tão importante quanto o ensino dos conteúdos é minha coerência na classe. A coerência entre o que digo, o que escrevo e o que faço. (FREIRE, 1996, p. 116)

Esse profissional precisa desenvolver uma prática pedagógica que dê conta da aquisição desses conhecimentos que, ao mesmo tempo respeite os tempos, as individualidades, e as habilidades possibilitando que as crianças exerçam plenamente seu desejo de aprender a ler e escrever.

O estudo dessa nova forma de repensar conceitos de alfabetização e de um professor atuante nas classes de alfabetização, possibilita a construção de princípios teóricos metodológicos que possam reconstruí-la. Para que a garantia do direito à alfabetização se efetive e ocorra o desenvolvimento da linguagem escrita e o processo de aquisição da mesma, é necessária uma organização do trabalho pedagógico, um planejamento que considere a realidade sociocultural do aluno e o contexto da escola, bem como a formação do professor alfabetizador.

O professor tem o desafio de compreender esta fase da infância em seus aspectos sociais, cognitivos, afetivos, lingüísticos, além de encantar “os pequenos” com a possibilidade de construção de saberes através de atitudes de curiosidade científica, reflexão, de inquietude diante do papel de mediador entre a aquisição da leitura e da escrita.

O problema é que a escola só acredita e aceita ser possível a ocupação desses lugares depois que a criança já é considerada leitora e escritora. E o que é ser “escritora e leitora” na Escola? É decodificar e codificar mensagens por escrito; é ler e escrever com sentido. Mas ler com sentido é a última etapa que a Escola espera da criança em processo de alfabetização. A escola não trabalha o ser, o constituir-se leitor e escritor. Esperam que as crianças se tornem leitoras e escritoras como resultado de seu ensino. No entanto, a prática escolar é a negação da leitura e da escrita como prática dialógica, discursiva, significativa. (SMOLKA, 1988, p. 93).

O desenvolvimento de atividades que envolvam a brincadeira, a produção artística, oral, plástica, ética e estética como formas de construção de cultura encorajam as crianças a pensar e descobrir diferentes formas de inserção e aprendizagem no contexto educativo.

Isto significa considerar que as crianças possuem um modo particular de pensar, interagir com o mundo e questionamentos sobre o que a escrita é enquanto objeto de conhecimento para as mesmas deve ser uma das principais questões indagadoras do universo de docentes alfabetizadores. Para Ferreiro “Temos uma imagem empobrecida da criança que aprende: a

reduzimos a um par de olhos, um par de ouvidos, uma mão que pega um instrumento para marcar e um aparelho fonador que emite sons.” (1988, p.40)

O professor alfabetizador precisa ter clareza que tem diante de si um sujeito cognoscente, alguém que pensa, constrói hipóteses, (re) constrói interpretações, que desencadeia ações e constrói conhecimentos significativos.

As concepções que o professor alfabetizador tem definem sua prática pedagógica no processo de ensino da leitura e escrita. Pensando que a prática pedagógica requer uma organização do trabalho pedagógico da escola e da sala de aula o educador alfabetizador precisa perceber e conceber o processo de alfabetização na lógica da diversidade, da autonomia, de um (re) olhar sobre concepções de ensino e de avaliação.

Para Zabalza (2004) os Diários de Aula ocupam um lugar de destaque na concepção dos significados em torno dos atos de ensinar e de aprender ao serem utilizados como instrumento de reflexão sobre as práticas pedagógicas.

Os diários contribuem de uma maneira notável para o estabelecimento dessa espécie de círculo de melhoria capaz de nos introduzir em uma dinâmica de revisão e enriquecimento de nossa atividade como professores. Esse círculo começa pelo desenvolvimento da consciência, continua pela obtenção de uma informação analítica e vai se sucedendo por meio de outra série de fases, a previsão da necessidade de mudanças, a experimentação das mudanças e a consolidação de um novo estilo pessoal de atuação. (ZABALZA, 2004, p.11)

A repetição, a memorização e exercícios acrícos reproduzem um contingente significativo de analfabetos e não dá conta de formar cidadãos autônomos capazes de transformar sua realidade, por isso a importância de que o planejamento docente considere os conhecimentos prévios trazidos pelas crianças e se torne pleno de atividades significativas para que as mesmas possam se apropriar dos usos e convenções da linguagem escrita e dela fazer uso social ampliando sua leitura de mundo.

Para Ferreiro (1988, p. 102) “É necessário entender que a aprendizagem da linguagem escrita é muito mais que a aprendizagem de um código de transcrição: é a construção de um sistema de representação.” Nesse sentido Brandão (2002, p. 425) afirma que “[...] quem aprende a ler-e-a-escrever é levado a desvendar alguns segredos de sua língua situados mais a fundo do que a mera equivalência entre categorias de sinais, de signos e símbolos.” Para o autor, ler e

escrever vai além, é um descobrir infinito, é um tornar-se leitor de múltiplas linguagens do mundo e da vida.

Ao registrarmos nos Diários de Aula a apreensão de significados que envolvem o ato de ler e escrever, os processos construtivos de apropriação que permeiam os movimentos de ensinar e aprender que a alfabetização sugere, as vivências de experiências múltiplas, iremos criar possibilidades da inserção da criança na sociedade grafocêntrica ocorrer de uma forma competente, dinâmica, crítica e prazerosa, pois o professor ao se apropriar dos mesmos como um recurso formativo no âmbito de sua formação pessoal e profissional irá revisar elementos que necessitam de mudanças e conseqüentemente, ressignificar suas ações pedagógicas.

## **5 METODOLOGIA**

### **5.1 CONTEXTO DA PESQUISA**

#### **5.1.1 Instituição pesquisada**

O Conjunto Habitacional Hildo Meneguetti, mais conhecido como “Guajuviras”, é uma área de casas e apartamentos que ficou conhecida popularmente com o nome de uma árvore nativa da região. Situamos aqui a Escola Estadual de Ensino Médio, na cidade de Canoas (RS), local em que foi desenvolvida a pesquisa. Inicialmente o bairro onde a escola localiza-se foi constituído por casas e apartamentos da COHAB, ocupados em 1987, a partir de um movimento social pela urgência da questão ambiental em Canoas.

Hoje, com o passar dos anos é composto por várias ocupações e sub-ocupações, ultrapassando 60.000 habitantes. Durante muito tempo, a comunidade não teve acesso à infraestrutura mínima e a busca por essas condições fez que o bairro ficasse conhecido pela luta por moradia e melhores condições de vida. Embora o índice de pobreza e violência ainda seja alto na região, o bairro tem características de urbanidade, com as melhorias que vem sendo implantadas gradativamente: é uma “cidade” dentro da cidade de Canoas.

O Regimento da escola traduz a seguinte ideia: “[...] vivendo sobre essas tensões inconciliáveis, as pessoas buscam uma vida digna, lutam pela qualificação da vida de seus filhos e nessa perspectiva buscaram as escolas das redes estadual e municipal.” A Escola Estadual, contexto da pesquisa, foi uma das conquistas que a população do bairro obteve na qualificação das suas vidas, nasceu para atender e ouvir a comunidade. (REGIMENTO, 2001, p.2).

No Regimento Escolar (2001), é registrado que foi na socialização de encantamentos e desafios, gestados a partir da assunção de uma prática freireana em ação, é explicitado crenças *na* possibilidade de transformação em movimentos coletivos de debates, de tomada de decisões, de construção do conhecimento, de experiências. Nesse sentido, vem desafiar a concretude dos sonhos de muitos daqueles que acreditam ser a educação um dos instrumentos de contribuição para com o redimensionamento histórico-social-ético-cultural da realidade da comunidade escolar.

Assim, a escola assumiu a prática de saber escutar em movimentos nos quais a intencionalidade é falar com o outro e não a ele, partindo do pressuposto que muitos são os saberes necessários a uma prática educativa realmente comprometida com uma educação emancipatória, na perspectiva de transformação da realidade, a partir de decisões partilhadas coletivamente.

Segundo o Regimento (2001) a pesquisa, como fonte sócio-antropológica, epistemológica e filosófica, desencadeou, então, uma relação significativa entre conhecimento e realidade a partir do exercício do diálogo amoroso e da escuta curiosa, possibilitando, no planejamento, a construção, a (re) construção, a significação e a (re) significação da leitura do contexto.

Ainda segundo a inspiração e ideário que regem a escola investigada, pensar o processo da pesquisa socioantropológica em um movimento de resgatar a escola, como uma das instituições comprometidas com esse processo de transformação, fez com que fosse firmado verdadeiramente um compromisso histórico com a comunidade na qual a mesma está inserida. Esse compromisso com a comunidade perpassa pelo acesso, permanência e aprendizagem de todos, desde o 1º ano do Ensino Fundamental, quando se dá início ao processo de alfabetização.

### 5.1.2 Critérios de Escolha para os Sujeitos da Pesquisa e Contexto Investigado

Pareceu-nos mais efetivo em termos de investigação eleger o lugar da própria pesquisadora para desenvolver o estudo, afinal é aí onde a escuta e a escrita produzem a sustentação para o projeto de pesquisa. É onde a análise dos dados coletados ganha significação e contextualização da realidade e aprofundamento teórico. É onde a pesquisadora trabalha desde 1992, 05 anos como alfabetizadora e 15 anos como Supervisora Educacional. Por isso mesmo, se pode esperar que a pesquisa já começasse a se projetar sobre o ambiente analisado desde o início de sua realização.

Dessa forma, a possibilidade de estar inserida em contextos de alfabetização, entre professoras alfabetizadoras, faz com que a inquietude da pesquisadora, em torno de movimentos da construção da leitura e da escrita, faça buscar saberes que possam agregar e qualificar a formação docente das mesmas a fim de contribuir na construção dos conhecimentos dos alunos, já que os índices de aprendizagem nos três primeiros anos do Ensino Fundamental são insatisfatórios.

Assim sendo, o foco da pesquisa se centra nas práticas docentes de professoras alfabetizadoras de 1º, 2º e 3º ano do Ensino Fundamental, em função de acreditarmos que o processo formal de alfabetização se inicia no primeiro ano e se estende nos três primeiros anos, sobretudo, depois da homologação da Lei que foi publicada no Diário Oficial da União, através da Resolução CNE/CEB nº 7, de 14 de dezembro de 2010, homologada pelo Ministro da Educação, definindo:

Art. 30 Os três anos iniciais do Ensino Fundamental devem assegurar:

III - a continuidade da aprendizagem, tendo em conta a complexidade do processo de alfabetização e os prejuízos que a repetência pode causar no Ensino Fundamental como um todo e, particularmente, na passagem do primeiro para o segundo ano de escolaridade e deste para o terceiro.

§ 1º Mesmo quando o sistema de ensino ou a escola, no uso de sua autonomia, fizerem opção pelo regime seriado, será necessário considerar os três anos iniciais do Ensino Fundamental como um bloco pedagógico ou um ciclo sequencial não passível de interrupção, voltado para ampliar a todos os alunos as oportunidades de sistematização e aprofundamento das aprendizagens básicas, imprescindíveis para o prosseguimento dos estudos. (BRASIL, MEC, 2010)

Para assegurar o cumprimento da referida resolução a escola pesquisada já inseriu a Progressão Continuada em seu regimento a partir do ano letivo de 2011.

### 5.1.3 Sujeitos da Pesquisa: Perfil e Caracterização

O número de sujeitos participantes do estudo totaliza 05 professoras alfabetizadoras que atuam no 1º, 2º e 3º ano do EF de uma Escola de Ensino Fundamental e Médio da Rede Pública Estadual, cidade de Canoas (RS). Todas as pesquisadas possuem Habilitação em Magistério e Graduação em Pedagogia.

- Professora A: possui Magistério e Pedagogia com Habilitação em Orientação Educacional e 17 anos de docência. Atualmente atuando no 3º ano.

- Professora B: possui Magistério e Pedagogia com Habilitação em Séries Iniciais e Orientação Educacional e 05 anos de docência. Atualmente atuando no 2º ano.
- Professora C: possui Magistério e Pedagogia com Habilitação em Gestão e Supervisão e 10 anos de docência. Atualmente atuando no 3º ano.
- Professora D: possui Magistério Pedagogia com Habilitação em Séries Iniciais e Educação Infantil e 06 anos de docência. Atualmente atuando no 3º ano.
- Professora E: possui Magistério e Pedagogia com Habilitação em Séries Iniciais e Educação Infantil e 03 anos de docência. Atualmente atuando no 1º ano.

Destaca-se que todas apresentam em comum o fato de possuírem Magistério e formação em Ensino Superior – Graduação em Pedagogia, embora apresentem discrepâncias em termos de tempo de atuação. Isto é posto, pois nos faz pensar em levar em conta este tipo de dado na análise dos resultados alcançados. Atendendo aos critérios éticos de uma investigação, as professoras estão identificadas por letras do alfabeto para preservar o anonimato dos sujeitos pesquisados.

#### 5.1.4 Ética da Pesquisa

A presente pesquisa foi tratada e encaminhada, atendendo as normas do Comitê Científico FACED/PUCRS. Foram encaminhados os documentos necessários: apresentação da pesquisadora, apresentação do projeto à Instituição à qual os sujeitos de pesquisa estão vinculados, assinatura da carta de aceite da Instituição pesquisada, conforme anexos (Anexo A). Da mesma forma foi feito o encaminhamento do Termo de Compromisso Livre e Esclarecido aos sujeitos da pesquisa (Apêndice A).

De acordo com o pronunciamento da Comissão Científica o projeto de pesquisa atende aos requisitos exigidos, sendo aprovado pela Comissão Científica da Faculdade de Educação, conforme parecer em anexo.

## 5.2 PROBLEMA DE PESQUISA

De que forma os Diários de Aula podem contribuir como instrumento de qualificação profissional no cotidiano de alfabetizadoras do 1º, 2º e 3º ano do EF de uma Escola de Ensino Fundamental e Médio da rede pública de Canoas (RS)?



### 5.3 QUESTÕES DE PESQUISA

- De que forma os Diários de Aula podem contribuir como instrumento de qualificação profissional no cotidiano de alfabetizadoras do 1º, 2º e 3º ano do EF, de uma Escola de Ensino Fundamental e Médio da rede pública de Canoas (RS)?
- Quais dimensões são identificadas nos escritos dos Diários de Aula dos sujeitos investigados?
- É possível propor estratégias pedagógicas potencialmente capazes de converter a reflexão desenvolvida a partir dos Diários de Aula em instrumento de qualificação da própria prática docente?

### 5.4 INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS

Essa investigação foi desenvolvida na perspectiva da abordagem metodológica qualitativa. Assim, Triviños e Neto (2004) caracterizam o termo qualitativo como um conjunto de pressupostos e procedimentos com o objetivo de interpretar e compreender as representações e os significados peculiares que os sujeitos atribuem às suas práticas cotidianas.

A abordagem qualitativa, conforme Ludke e André (1986) tem sua fonte direta de dados no ambiente natural sendo o pesquisador o instrumento essencial, supondo o contato direto do pesquisador com o ambiente e o caso a pesquisar, mediante intenso trabalho de campo. Constitui-se a partir da ideia de que há uma relação eficaz e indestrutível entre o mundo real e a subjetividade do sujeito e que por isso não pode ser abordada em números.

Nesse sentido, fundamentada por este paradigma é que se fará a análise de conteúdo (BARDIN, 2010) dos registros dos Diários de Aula das professoras dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, investigadas nesse estudo.

Na pesquisa qualitativa salienta-se que o pesquisador precisa ter clareza no momento de suas inferências ao classificar os conceitos, codificar, bem como categorizar os dados obtidos. Por isso, esta pesquisa se constituirá na coleta de dados obtidos a partir dos Diários de Aula, não se configurando num processo acumulativo e linear, mas sim numa perspectiva de investigação qualitativa onde os dados serão analisados pelo método de análise de conteúdos, segundo Bardin (2010).

Os Diários de Aula também são considerados uma rica fonte na coleta de dados, pois a partir deles se têm inúmeros dados e informações manifestas ou latentes. Ao referir-se às metodologias qualitativas, Zabalza (2004) aponta os Diários de Aula como instrumentos básicos para uma pesquisa. De acordo com o mesmo autor, os diários se tornam um espaço narrativo do que pensam os professores acerca da sua prática pedagógica. E é nesse sentido que ainda complementa dizendo que: “o que se pretende explorar por meio do diário é, estritamente, o que figura nele como expressão da versão que o professor dá de sua própria atuação em aula e da perspectiva pessoal da qual a enfrenta” (ZABALZA, 2004, p. 41).

Por isso, este estudo se constituirá na coleta de dados obtidos a partir dos Diários de Aula, numa perspectiva de investigação qualitativa. Cabe à Análise de Conteúdo (BARDIN, 2010) desvendar o que está subjacente às respostas obtidas nos Diários analisados.

#### 5.4.1 Consigna para os Registros nos Diários de Aula

***Registra no teu Diário de Aula aspectos que te pareçam significativos no teu dia a dia. Isso significa registrar aspectos objetivos/descritivos bem como subjetivos.***

Como forma de elucidar a consigna solicitada, seguiu-se a instrução ora descrita:

*Professora Alfabetizadora,*

*A proposta de registrares tua prática neste Diário de Aula faz parte de um estudo que venho desenvolvendo pelo Mestrado em Educação da PUCRS. Tal estudo propõe-se a utilizar os Diários de Aula como instrumento de pesquisa de práticas docentes de professoras alfabetizadoras.*

*Conto com a sistematicidade de teus registros ao final de cada semana de aula. Agradeço deste já tua disponibilidade.*

*Darlene*

#### 5.4.2 Pesquisa Empírica: Prazos e Critérios para Escolha do Tempo de Realização da Coleta de Dados

Para a coleta de dados estabelecemos seis meses, retirando dois meses de recesso escolar. Optamos em iniciar a coleta ao final de 2011, época em que os resultados finais do ano letivo estão sendo divulgados e início de 2012, momento em que um novo trabalho de alfabetização está sendo desencadeado.

Essa escolha ocorreu por considerarmos esses dois períodos essenciais e significativos no processo de construção da leitura e da escrita, demarcando a atuação do professor alfabetizador como ponto de partida para o sucesso das aprendizagens dos alunos.

#### 5.4.3 Elaboração dos Diários de Aula: a Importância da Sistematização do Registro

A utilização dos Diários de Aula em minha prática docente se originou em 2010, a partir do meu encontro com um artigo que trazia os mesmos como ferramenta de reflexão na Formação de Professores, segundo Zabalza (2004), o que instigou minha curiosidade e, posteriormente levou-me à adoção do mesmo em meu cotidiano educativo.

Assim, comecei a elaborar meu Diário e ingressando no Mestrado em 2011, direcionei meu Projeto de Pesquisa para a Formação de Professoras Alfabetizadoras propondo que as mesmas tivessem um Diário de Aula para o registro de sua prática docente, processo esse que se concretizou gradativamente. No início de novembro de 2011, a proposta desse registro tornou-se “oficial” em uma reunião na qual expliquei toda a minha pesquisa e qual a intencionalidade da mesma no cotidiano escolar, entregando ao final um Diário de Aula para cada alfabetizadora.

Desde então, conforme explicitado na consigna, os Diários de Aula, durante o processo da pesquisa, de novembro de 2011 a junho de 2012, foram recolhidos todas as sextas-feiras para análise da investigadora e devolvidos pelas professoras na segunda-feira. Cabe ressaltar que alguns dos sujeitos da pesquisa realizaram os diários quinzenalmente, enquanto outros o realizaram mês a mês, embora para todos os registros tenham sido solicitados semanalmente. Os encontros em grupo para discutir o andamento do processo, as mudanças e as reflexões ocorreram mensalmente. Dessa forma, se buscou garantir o espaço individual de reflexão assim como o espaço coletivo de discussão e socialização. Seguem os relatos dos encontros em grupo, que nesta etapa do trabalho seguirá como transcrição literal.

#### 5.4.4 Percursos da Pesquisa: Transcrição, Análise e Discussão dos Encontros Coletivos Realizados Mensalmente com os Sujeitos da Pesquisa

➤ Transcrição dos Encontros Coletivos

##### **1º ENCONTRO**

DATA: 03/11/2011

- Neste encontro ocorreu a reunião com a Diretora da Escola e com as professoras alfabetizadoras para desencadear a pesquisa oficialmente. Expliquei quais as intencionalidades do meu projeto, quais os objetivos e questões indagadoras e porque havia escolhido as mesmas para serem os sujeitos pesquisados, conversando sobre a situação da escola em relação aos baixos índices de alfabetização e trazendo o Diário de Aula como possibilidade de Formação Docente e qualificação de seus fazeres pedagógicos.

- Apresentei o livro “Diários de Aula: Um Instrumento de Pesquisa e Desenvolvimento Profissional”, de Miguel Zabalza, trazendo também uma breve biografia do mesmo. Algumas professoras já registravam suas práticas, mas não na perspectiva desse autor.

- Entreguei a cada professora um Diário de Aula, personalizado, com o nome de cada uma na capa. Fiz a leitura da consígnia e colamos a mesma na contracapa do Diário. Finalmente, formalizamos o início da pesquisa e o comprometimento de cada uma em entregar o Diário todas as sextas-feiras e eu fazer a devolução do mesmo na segunda-feira. Mostrei meu Diário. A maioria já tinha me visto escrevendo, registrando. Pareceram bem empolgadas e curiosas em saber como se daria a pesquisa de suas práticas docentes e de como seriam as contribuições à sua formação e qualificação profissional. Cada uma foi presenteada com o livro “Diários de Aula: Um Instrumento de Pesquisa e Desenvolvimento Profissional”, de Zabalza. Combinamos de socializar as compreensões sobre a obra no encontro seguinte.

##### **2º ENCONTRO**

DATA: 06/12/2011

- Neste encontro fizemos a socialização das compreensões sobre a obra de Zabalza. As impressões, o que essa leitura contribuiu na elaboração do Diário de cada uma.

- Conversamos sobre planejamento e avaliação e mais uma vez as preocupações referentes a não alfabetização vêm à tona, pois o ano está findando e os resultados obtidos não são satisfatórios.
- Cada uma relatou como está sendo fazer esse registro nos Diários de Aula, o que estão escrevendo, o que tem em comum nos mesmos, quais percepções e compreensões.
- Falaram sobre suas conquistas e também sobre suas angústias. Pensaram juntas novas formas de trabalhar no ano seguinte. Surgiram ideias interessantes e me pareceram mais unidas, planejando e compartilhando novas formas de ensinar através da socialização de materiais e repensando a metodologia utilizada cotidianamente.
- Combinamos que escreveriam até o último dia letivo de Dezembro e que a escrita nos Diários seria retomada no retorno das férias, ou poderiam escrever nesse período, caso sentissem necessidade.

### **3º ENCONTRO**

DATA: 02/03/2012

- Retomamos as atividades do ano letivo de 2012 e as professoras pesquisadas continuam firmes no propósito de continuar os registros nos Diários de Aula. Cada uma retornou para a escola com seu Diário de Aula.
- (Re) Apresentei para o grupo o meu Projeto de Pesquisa, agora após a qualificação. O que havia mudado, alterado. Socializei como foi esse momento para mim e enfatizei o quanto elas foram, são e serão importantes para que o mesmo tenha continuidade com sucesso.
- Relemos a consígnia para que possam ser focados os objetivos da pesquisa.
- Planejamos ações docentes a serem desenvolvidas no decorrer do trimestre a fim de qualificar a metodologia utilizada em sala de aula e a aprendizagem dos alunos. Trocaram ideias e materiais.
- Estão preocupadas se é isso mesmo que quero que escrevam nos Diários. Disse a elas que cada pessoa tem seu estilo de escrever e que sugiro que deem prioridade a registros reflexivos sobre sua prática educativa.

### **4º ENCONTRO**

DATA: 30/04/2012

- No início relataram que sempre releem o que escrevem e uma professora disse que já conseguiu refletir sobre uma prática e reverter a mesma, fazer diferente, retomar a sua ação pedagógica.

- Este encontro foi permeado por discussões acerca do planejamento. Sobre a avaliação dos alunos, preocupação de que forma irão encaminhar a mesma, visto que é o primeiro ano da escola com turmas oriundas do 2º ano promovidos através da progressão continuada e as turmas são heterogêneas, dificultando a realização do planejamento inicial. Muitos alunos estão pré-silábicos enquanto outros já estão quase alfabetizados. Combinei de marcarmos outro encontro apenas para vermos a situação de cada turma, de cada aluno e de estabelecermos em conjunto quais os critérios que iremos utilizar para o registro e sistematização dessa avaliação do primeiro trimestre.
- Conversamos sobre os registros nos Diários de Aula, o que cada uma está percebendo, como está se percebendo, de que forma essas escritas estão impactando em suas práticas.
- Colocaram o quanto é difícil escrever sobre si, como é difícil “contar e contar-se”. Citaram a obra de Zabalza, a parte em que ele fala sobre isso. Disseram que tem momentos em que simplesmente escrevem, como catarse. Em outros momentos tem uma escrita mais reflexiva.
- Foi unânime a fala de que estão criando o hábito de reler o que já escreveram e retomar algumas ações diante da reflexão exercida sobre essas práticas. Achei isso muito interessante e emocionante, pois sinto que estão “encharcadas” pela proposta, estão fazendo do Diário de Aula o seu parceiro, sua ferramenta para a interlocução com seus fazeres e pensares.

## **5º ENCONTRO**

DATA: 25/05/2012

- Neste encontro conversamos sobre como foi o mês. Falaram muito sobre os alunos que vivem em situação de risco em seus lares: fome, abuso, doença, maus tratos. Comentaram o quanto essas condições incidem negativamente sobre a aprendizagem.
- A afetividade com que tratam as crianças me pareceu uma forma de compensar um pouco o que lhes falta com a família.
- Também falaram muito sobre crianças que tem necessidades especiais e que não são aceitas pelas famílias, que não tem laudo, não tem acompanhamento de um profissional que lhes propicie meios para superar as dificuldades e assim aprender a ler e a escrever.
- Comentaram sobre as políticas educacionais existentes nas escolas do estado e o quanto poderiam investir essencialmente na primeira e segunda etapa da Educação Básica.

- Senti que estavam indignadas, tristes. Não sei qual a expressão correta utilizar. Disseram que escreveram isso em seus Diários e que às vezes, registrar essas sensações leva a superação. Releem o que escrevem e isso as torna mais fortes, pois percebem que seu papel é muito maior diante do contexto vivenciado. O desafio com essa comunidade vai além da construção da leitura e da escrita.

## **6º ENCONTRO**

DATA: 29/06/2012

- Hoje foi um encontro muito significativo pois estou encerrando a coleta de material para a pesquisa. Conversei com as professoras, agradei, recolhi o Diário de Aula de cada uma. Um momento de nostalgia.

- Senti que cada uma estabeleceu uma relação com o seu Diário de Aula, como se não quisesse que esse tempo, esse ritual de ser recolhido na sexta e devolvido na segunda-feira terminasse. Em mim, teve o mesmo impacto.

- Estão curiosas com o tratamento que será dado ao material coletado. Disseram que se sentem de certas formas “amparadas” por essa pesquisa que está desencadeando na escola ações que buscam a qualificação da prática alfabetizadora: o planejamento coletivo, as discussões sobre avaliação, os materiais sugeridos, os encontros, as conversas sistemáticas, as sugestões de materiais e seminários.

- Além disso, enfatizaram a escrita no Diário de Aula como forma de interlocução e de investigação, principalmente neste período em que as crianças já estão entrando em período de recesso escolar e retornam exigindo uma atuação mais comprometida, reflexiva e competente.

- No lugar do Diário de Aula recolhido, entreguei outro a elas. Com a capa personalizada, com uma mensagem e uma citação de Zabalza para que continuem esse processo de registro do cotidiano já que o mesmo estava, segundo as professoras, servindo como ferramenta de formação e reflexão docente.

### 5.4.5 Análise e Discussão dos Encontros Coletivos: reflexões da pesquisadora

Os encontros coletivos, realizados uma vez por mês, tinham a intencionalidade de provocar aproximação entre a pesquisadora e os entre os sujeitos pesquisados, além de abrir

espaço para a discussão e socialização dos registros nos Diários de Aula, além de propor estratégias pedagógicas potencialmente capazes de converter a reflexão desenvolvida a partir dos Diários de Aula em instrumento de qualificação da própria prática docente.

Percebe-se desde o primeiro encontro o compromisso das pesquisadas com o Diário de Aula, em manter a sistematicidade dos registros, sempre com a preocupação explícita em suas falas se o que estavam escrevendo estava correto, se o que estava escrito era o esperado para o desenvolvimento do estudo.

No decorrer dos encontros foi possível visualizar o constante desafio vivido por essas professoras. Suas satisfações quando os alunos aprendem e seus altos graus de ansiedade e frustração quando alguns não conseguem construir conhecimento na leitura e na escrita, quando a família não acompanha o desenvolvimento escolar de seus filhos ou quando não buscam intervenções especializadas necessárias a aprendizagem de alguns.

Os temas planejamento e avaliação estão em todas as discussões, tanto nos encontros do final do ano quanto nos encontros do início. Apresentou-se com a mesma intensidade, se tratando de dois momentos significativos na vida escolar das turmas e das professoras alfabetizadoras: o início do ano letivo e o final do ano letivo.

A partir do 4º encontro percebe-se o impacto das reflexões e das ações a partir dos registros nos Diários de Aula. As professoras começam a verbalizar que dedicar-se à escrita sistemática desafia o pensar e o desenvolvimento de ações reflexivas.

#### 5.4.6 Análise e Discussão dos Dados Apresentados nos Diários de Aula

A análise e discussão dos dados apresentados serão realizadas com base na teoria da Análise de Conteúdo (BARDIN, 2010). Os Diários de Aula das professoras alfabetizadoras serão os instrumentos da coleta de dados desta pesquisa cuja interpretação dos dados se dará a partir da Análise de Conteúdo, seguindo as três etapas organizadas por Bardin (2010):

1ª) A pré-análise é a fase de organização propriamente dita, através da leitura flutuante e a classificação dos materiais recolhidos. [...] Além disso, também serão levantadas hipóteses iniciais, para serem posteriormente confrontadas.

2ª) A exploração do material é uma “fase longa e fastidiosa, consiste essencialmente em operações de codificação, decomposição ou enumeração, em função de regras previamente formuladas” (BARDIN, 2010, 127).



3ª) O tratamento dos resultados, que deixam de ser brutos passam a ser significativos e válidos. Nesta fase são pensadas e organizadas as categorizações.

## 5.5 A PRÉ-ANÁLISE

### 5.5.1 Leitura Flutuante dos Diários de Aula

Ao realizarmos a leitura flutuante, conforme a 1ª etapa sugerida por Bardin (2010) podemos perceber já no início do processo de pesquisa, que os Diários de Aula das professoras alfabetizadoras, do 1º ao 3º ano do EF, objeto deste estudo, caracterizaram e nos permitiu lançar (re) olhares sobre o fazer docente dessas professoras.

Tal como podemos observar na tabela 1 (Anexo B), os dados registrados nos Diários de Aula nos permitiram perceber a idiossincrasia na escrita de cada uma. Os seus jeitos de pensar, escrever, sonhar, formas de se constituir enquanto pessoa e profissional. Os Diários têm revelado o estilo de escrever de cada uma: estrutura, conteúdo, estilo, sistematicidade, grau de reflexão do registro.

Na leitura flutuante iniciamos um processo de identificação das questões de pesquisa, analisando de que forma os Diários de Aula podem contribuir como instrumento de qualificação profissional no cotidiano de alfabetizadoras do 1º, 2º e 3º ano de uma Escola de Ensino Fundamental e Médio da Rede Pública de Canoas (RS); identificando as dimensões expressas nos escritos dos diários de aula dos sujeitos investigados refletindo sobre as mesmas e propondo estratégias pedagógicas potencialmente capazes de converter a reflexão desenvolvida a partir dos Diários de Aula em instrumento de qualificação da própria prática docente das professoras alfabetizadoras.

Nessa perspectiva, limitações e potencialidades puderam ser percebidas, ao apontarem questões referentes ao planejamento, avaliação, progressão continuada, alunos com necessidades educativas especiais (com ou sem laudo) e relação família-escola. Olhares diferenciados dessas professoras, em determinados momentos parecem pedir auxílio em relação ao não saber qual decisão correta tomar ao deparar-se com situações-problema que exigem mais do que uma metodologia diferenciada, mas que tem uma relação direta com as políticas públicas educacionais existentes em nosso estado.

Criatividade, afetividade, amorosidade, (re) planejamento e desenvolvimento da autonomia são palavras que perpassam o cotidiano dessas professoras ao proporem as atividades às suas turmas. Percebe-se o prazer com que relatam fatos desencadeadores de aprendizagens significativas, demonstrando constante preocupação com a aprendizagem dos alunos.

São evidentes as diferenças apresentadas pelas professoras para efetuar os registros de aula. Algumas têm facilidade de registrar o cotidiano por escrito. Outras têm mais dificuldades. Isso se projeta na sistematicidade dos registros efetuados pelas mesmas. Em seis meses a professora A fez 13 registros, a professora B 20 registros, a professora C fez 10 registros e as professoras D e E fizeram 11 registros nos Diários.

Também verificamos que no decorrer da prática dos registros nos Diários de aula os apontamentos tornam-se mais reflexivos e em alguns já se percebe alteração da prática docente a partir das reflexões, impactando positivamente sobre a qualificação profissional das professoras. Em todos os Diários, em determinado momento, as pesquisadas enfatizam as contribuições do Diário de Aula à sua formação.

### 5.5.2 Análises Iniciais dos Diários de Aula

Nesta segunda etapa, na perspectiva de Bardin (2010) a exploração do material coletado é ampliado, em uma análise mais minuciosa de cada Diário de Aula, individualmente, agora trazendo os excertos significativos, focando nos objetivos da pesquisa.

#### 5.5.2.1 Análise Inicial do Diário da Professora A

Tal como podemos observar na tabela 2 (Anexo C) que traz os registros do Diário de Aula da professora A podemos dizer que se evidenciam as dimensões pedagógicas: planejamento, avaliação, metodologia de ensino, ensino e aprendizagem, processos de alfabetização e importância do registro para a formação docente.

No Diário de Aula da professora A fica evidente a satisfação docente diante dos que se alfabetizaram e a preocupação com os que, devido a progressão continuada, foram aprovados mesmo sem terem construído conhecimento na leitura e na escrita. Quanto ao início do ano letivo

a professora enfatiza as expectativas, a procura por um brilho diferente e a disposição em vencer os desafios postos para o ano que se inicia.

Cabe destacar que a professora, no decorrer das aulas costuma registrar avanços, aprendizagens significativas e dificuldades de aprendizagem de seus alunos. Compreendemos que a professora realiza testagens ao longo de todo o processo, com o registro criterioso do processo de evolução das hipóteses de escrita das crianças ao considerar fundamental uma observação cotidiana e atenta do percurso dos alunos, de acordo com a psicogênese da língua escrita, na perspectiva de Ferreiro e Teberosky (1985). Como esse processo é dinâmico e na maioria das vezes evolui muito rapidamente, pode acontecer dos alunos evoluírem de um nível para outro em questão de dias. Por isso as testagens são realizadas desde o início do ano até o final.

É relevante considerar que a professora acompanha o processo de alfabetização das crianças e vibra com os pequenos progressos, sempre avaliando os níveis de aprendizagem em que as crianças se encontram. O olhar da professora A é sensível no sentido de que acompanha o processo individual e coletivo da turma, valorizando os progressos e as ações realizadas pela turma.

Relata também o quanto é envolvida com a história de vida dos alunos, com o contexto em que os mesmos estão inseridos além de procurar estreitar a relação da escola com a família. A parceria entre escola e família é essencial na medida em que promove interação e diálogo. Promove a participação nas situações de aprendizagem, principalmente porque esse acompanhamento em processos de alfabetização é essencial.

Também se angustia quando percebe que alguns não conseguem acompanhar. Em alguns momentos aparece seu sentimento de frustração e de preocupação com os alunos que tem “distúrbios de aprendizagem ou comprometimento neurológico”, apenas alguns com laudo. Acredita que a ausência de profissionais especializados e a falta de procura dos mesmos pelas famílias fazem com que crianças com necessidades educativas não construam conhecimento na construção da língua escrita.

Destacamos os registros em que a professora revela preocupação com a progressão continuada que permite o avanço de todas as crianças, mesmo aquelas que ainda não construíram conhecimento na leitura e na escrita. O sentimento de frustração, neste sentido, é visualizado em quase todos os registros, pois a mesma demonstra-se preocupada com a inserção dessa criança em uma série posterior, sem dominar o código escrito.

Nos registros da professora percebemos que a mesma, em seu planejamento, procura propor uma metodologia diferenciada a fim de realizar atividades que mediam a inserção das crianças no universo da escrita, de acordo com os níveis de aprendizagem. A busca por uma metodologia diferenciada aparece quando relata algumas atividades interdisciplinares que realiza com as crianças: trabalhos em grupo, músicas, brincadeiras, Parede da Fama, articulando com a Feira de Ciências e com os filmes, já que o tema da Feira é Cinema.

O trabalho proposto pela professora valoriza as diferenças existentes entre as aprendizagens dos alunos e propicia momentos em que as trocas de saberes se concretizam, entre crianças alfabetizadas e ainda não alfabetizadas. No nosso entender essa é uma forma adequada de encaminhar o trabalho, pois possibilita momentos de ensino e de aprendizagem. Descobrem-se como sujeitos capazes de também ensinar.

Há ênfase da professora A na importância do registro. Relata nestes diários que estes contribuem para um (re) olhar sobre a prática e dialoga entre os atos de ler e escrever. Considera que a reflexão sobre os mesmos promove uma qualificação de sua prática.

#### 5.5.2.2 Análise Inicial do Diário da Professora B

Tal como podemos observar na tabela 3 (Anexo D) que traz os registros do Diário de Aula da professora B, podemos dizer que se evidenciam as dimensões pedagógicas: planejamento, avaliação, metodologia de ensino, ensino e aprendizagem, processos de alfabetização e importância do registro para a formação docente.

A professora B empenha-se com a aprendizagem de todos os alunos. Tem consciência de que mesmo que todos aprovem ao final do ano letivo, devem aprender. Isso é representado em seu relato ao final do ano letivo. Ao início do ano seguinte a mesma expõe suas expectativas e ansiedades frente aos desafios que se põem a cada turma, a cada aluno, a cada aula.

Assim, vibra a cada aprendizagem construída. Considera essa valorização importante para a autoestima dos alunos. Incentiva que toda a turma aplauda cada progresso, individual ou coletivo. Isso mostra a questão da solidariedade, da coletividade e da amizade entre os alunos.

Seguidamente solicita o auxílio dos pais, mães ou responsáveis através de reuniões: para explicar sobre a progressão continuada, organizar o dia das mães, para que encaminhem seus filhos a profissionais especializados, para que ajudem nos temas de casa, entre outros. Com isso

percebemos que a professora acredita que a parceria entre escola e comunidade pode auxiliar na aprendizagem das crianças.

A prática docente da professora B é permeada de frustrações e alegrias. Em um momento vibra com os pequenos progressos de um aluno, em determinado momento sofre porque outro não consegue aprender, não consegue dominar o código escrito. Ora seu planejamento traz alegrias, ora não consegue concretizar-se. Em alguns casos a família participa, em outros não dá o retorno esperado.

Nos registros aparece em seu planejamento o quanto procura inserir as crianças no universo da leitura e da escrita: com idas sistemáticas à biblioteca, com construção de livros de histórias, com a elaboração de um Diário de Leitura, com o Jornal na Sala de Aula. Isso demonstra que a mesma percebe a importância de oferecer variados instrumentos que incentivem as crianças a despertar o gosto pela leitura e pela escrita.

Na metodologia utilizada pela professora B observamos a utilização de atividades diversificadas: feitura de brigadeiro, Feira de Ciências, Dia do Brinquedo, Tema com a participação das famílias, Brincadeiras no pátio, além das atividades de leitura e escrita realizadas em sala de aula.

Nesse sentido percebe-se que a professora está atenta ao planejamento articulado à avaliação, pois se evidenciam em seus registros, constantes alterações nas atividades planejadas para abranger a aprendizagem de crianças que se encontram em diferentes níveis. Sabemos o quanto é necessário à professora alfabetizadora conhecer a psicogênese da língua escrita, na perspectiva de Ferreiro e Teberosky (1985) para trabalhar atividades de acordo com os níveis em que os alunos se encontram.

Faz-se necessário salientarmos que a professora faz referência à importância do registro da prática docente a fim de qualificar sua prática, pois a escrita desencadeia reflexões permanentes sobre o cotidiano docente, como metodologia que se constitui significado para uma prática alfabetizadora mais reflexiva, coerente e competente.

Durante todo o tempo de registro a professora A demonstra que sente prazer em ser alfabetizadora e escreve sobre a emoção de ver as crianças lendo e escrevendo as primeiras palavras. Alegra-se com cada aprendizagem construída e busca práticas diferenciadas para atrair a atenção e concretizar a aprendizagem daquelas que ainda não se alfabetizaram.

### 5.5.2.3 Análise Inicial do Diário da Professora C

Tal como podemos observar na tabela 4 (Anexo E) que traz os registros do Diário de Aula da professora C, podemos dizer que se evidenciam as dimensões pedagógicas: planejamento, avaliação, metodologia de ensino, ensino e aprendizagem, processos de alfabetização e importância do registro para a formação docente.

Percebemos que a professora termina o ano letivo preocupada com os resultados, essencialmente com os alunos que avançaram mesmo sem estarem alfabetizados, devido a progressão continuada. Observamos também expectativas diante do novo ano letivo que se inicia.

Os registros realizados pela professora C revelam os processos de aprendizado das crianças, demonstrando momentos de frustração e de satisfação docente, conforme se mostram os níveis de aprendizagem da leitura e da escrita de seus alunos.

A professora considera que seus alunos tem boa frequência, bons hábitos e atitudes e boa aprendizagem. Relata que às vezes o silêncio que normalmente perdura na sala de aula faz com que a incomode, pois o mesmo às vezes não quer dizer que todos estão entendendo, mas sim estão calados porque não estão compreendendo. Essa interpretação dúbia do silêncio faz com que reflita sobre a intencionalidade contida no mesmo.

Em alguns momentos entra em conflito com o que já escreveu e relata que está preocupada com a aprendizagem dos mesmos. Pelo que consta no Diário de Aula talvez esse conflito tenha a ver com as crianças que tem “distúrbios de aprendizagem ou comprometimento neurológico”, pois em diversos momentos a professora relata situações de crianças com necessidades educativas que não tem acesso a profissionais especializados e sofrem com o desaso da família em relação à procura desse tipo de acompanhamento. Ressaltamos que poucos têm laudo o que dificulta ainda mais.

Na análise do Diário de Aula da professora C constatamos que a mesma avalia constantemente através de testagens individuais, considerando a psicogênese da língua escrita, de acordo com Ferreiro e Teberosky (1985). Para o desenvolvimento das atividades inicialmente dividiu a turma em grupos: os que já estavam alfabetizados e os que ainda não sabiam ler e escrever convencionalmente. No decorrer dos registros percebemos que a professora acabou repensando essa metodologia e formou grupos heterogêneos para que fosse possibilitada a troca de saberes entre os alunos.

A nosso ver a professora realiza testagens durante todo o processo a fim de descobrir em qual nível cada criança se encontra, para organizar atividades que permitam desafios, pois identificar quais hipóteses sobre a língua escrita as crianças se encontram significa adequar o planejamento das aulas de acordo com as necessidades de aprendizagem. O resultado dessas testagens representa um momento no qual as crianças têm a oportunidade de refletir sobre aquilo que escrevem e a professora, ao diagnosticar o que os alunos sabem, quais hipóteses têm sobre a língua escrita e qual o caminho que vão percorrer até compreender o sistema e estar alfabetizados permite ao professor organizar intervenções adequadas à diversidade de saberes da turma.

Aqui se pode analisar que a professora, conhecendo os que demandam mais atenção, quantos têm hipóteses mais avançadas e os que estão alfabetizados acaba realizando atividades mais específicas. Sua metodologia aparece constantemente nos registros: atividades que trabalham a leitura e a escrita, recorte e colagem, música, expressão corporal, trabalhos individuais e em grupos, utilização de diversos portadores de textos.

Considera o registro como ferramenta para sua formação enquanto profissional, pois coloca que o mesmo é imprescindível para a reflexão sobre a prática.

#### 5.5.2.4 Análise Inicial do Diário da Professora D

Tal como podemos constatar na tabela 5 (Anexo F), no Diário de Aula da professora D, se evidenciam as dimensões pedagógicas: planejamento, avaliação, metodologia de ensino, ensino e aprendizagem, processos de alfabetização e importância do registro para a formação docente.

A professora considera o final do ano letivo como um dos mais importantes para a vida escolar do aluno que está em processo de alfabetização, pois considera que os conhecimentos construídos nessa fase são primordiais para os anos posteriores. No final do ano letivo relata preocupações com os que reprovaram, principalmente com aqueles que têm “distúrbios de aprendizagem”, muitos sem laudo.

Ao iniciar o ano letivo percebemos que a professora expressa expectativas em relação ao desenvolvimento de sua docência e da aprendizagem de seus alunos. É o primeiro ano que recebe alunos oriundos da progressão continuada. É visível sua preocupação inicial ao receber uma turma heterogênea, pois estava acostumada, segundo os registros, a receber alunos que já

alfabetizados no 3º ano. Neste sentido, relata com frequência que não está conseguindo desenvolver o planejando que estava habituada a desenvolver com suas turmas.

Constatamos que a professora D avalia constantemente os alunos e procura desenvolver os conteúdos dentro de uma metodologia que contemple a aprendizagem de todos, considerando os níveis de aprendizagem das crianças. Sempre atividades envolvendo leitura, escrita e compreensão. Registra uma atividade em que propõe aos alunos que construam um Dicionário e percebe que todas as crianças se envolvem nessa tarefa, construindo aprendizagens tanto individuais quanto coletivas, pois o processo de alfabetização envolve muito mais do que decifrar códigos e signos.

A professora D vibra com os pequenos progressos de seus alunos e relata que a autoestima dos mesmos reflete sobre a construção de seus conhecimentos agregando novas aprendizagens as já existentes.

Salientamos que a professora considera a questão da escrita reflexiva e sistemática como necessária à formação docente e, em determinado momento, expõe expectativas em relação às contribuições do Diário de Aula para a ressignificação de sua docência.

#### 5.5.2.5 Análise Inicial do Diário da Professora E

Tal como podemos observar na tabela 6 que traz os registros do Diário de Aula da professora E (Anexo G), podemos dizer que se evidenciam as dimensões pedagógicas: planejamento, avaliação, metodologia de ensino, ensino e aprendizagem, processos de alfabetização e importância do registro.

No Diário de Aula da professora E fica evidente desde o início que a mesma escreve pouco e relata sem detalhes sua prática, ficando em determinados momentos difícil realizarmos a análise de alguns aspectos de seus registros.

Em relação à metodologia, a professora desenvolve tarefas repetitivas como cantar, dançar, rezar, recortar, pintar e colar. Registra que as crianças são inseguras, choram e brigam entre si, além de não terem autonomia. Consideramos que a metodologia utilizada pela professora talvez não seja a mais adequada para motivá-los ou chamar sua atenção já que trabalha com uma turma de 1º ano. Acreditamos que a professora poderia propor atividades mais diversificadas e



lúdicas, além de estabelecer princípios de convivência entre os alunos, construindo coletivamente as combinações.

A professora E relata tanto no início quanto ao final do ano letivo a questão disciplina/indisciplina e cita as atividades que desenvolve, focando seus registros apenas em relatos desse âmbito, não priorizando o cunho reflexivo da escrita. Observamos que nem mesmo a avaliação fica clara, pois não registra sobre os níveis de aprendizagens das crianças. Não consta em seus registros o que as crianças aprenderam o que não aprenderam e o que precisam para aprender.

Ao término do semestre a professora relata que percebe que a rotina está deixando as crianças menos empolgadas. Isso é importante na medida em que começa a desencadear a reflexão sobre sua prática docente, o que irá ter impacto direto sobre a realização de suas aulas, na busca de uma metodologia mais significativa.

É perceptível o impacto do uso do Diário de Aula sobre sua prática, pois ao final desse período de pesquisa lemos nos registros da professora E que a mesma iniciou uma sistemática de ler o que escreveu e percebeu que precisa rever algumas ações a fim de qualificar sua prática. Relata que tem a intenção de mudar sua prática, ao refletir sobre seus registros no Diário de Aula.

### 5.5.3 DIÁRIOS DE AULA: As Dimensões Pedagógicas

As categorias emergentes da pesquisa deram origem ao que vamos chamar neste estudo de Dimensões Pedagógicas nos Diários de Aula das alfabetizadoras investigadas. De acordo com as análises iniciais expressas nas tabelas 2, 3, 4, 5 e 6 (Anexos de C a G) é possível verificar que em todos os Diários de Aula as dimensões se evidenciam e tomam significado na medida em que a pesquisa avança.

As Dimensões Pedagógicas que emergem são: planejamento, avaliação, metodologia de ensino, ensino e aprendizagem, processos de alfabetização e importância do registro.

Tabela 7 – Dimensões Pedagógicas nos Diários de Aula

<b>Dimensão Pedagógica</b>	<b>Análise Inicial/Inferências da Pesquisadora</b>
PLANEJAMENTO	O planejamento, para as professoras alfabetizadoras é essencial na medida em que

	consideram a Psicogênese da Língua Escrita como ponto de partida para o desenvolvimento das aulas. Evidencia-se que o planejamento é realizado e (re) elaborado o tempo todo, de acordo com as necessidades de cada turma e de acordo com as necessidades especiais de alguns alunos (muitos sem laudo).
AVALIAÇÃO	Referente à avaliação, a mesma ocorre diariamente, pois nos relatos as professoras avaliam fazendo as testagens ao longo de todo o ano para poderem fazer o planejamento de uma maneira adequada e eficaz.
METODOLOGIA DE ENSINO	A Metodologia de Ensino utilizada é visualizada nos registros nos quais as professoras relatam algumas atividades desenvolvidas. A preocupação e a reflexão sobre qual metodologia utilizar são latentes, pois diante do fracasso escolar de alguns alunos as professoras entram em conflito pois não sabem se estão utilizando a metodologia adequada.
ENSINO E APRENDIZAGEM	O Ensino e a Aprendizagem são dimensões que estão presentes o tempo todo. Movimentos concomitantes de ensinar e de aprender são visualizados tanto entre professor-professor, aluno-aluno e professor-aluno. Movimentos de conquista, de dúvida, de satisfação e de insatisfação permeiam os atos de ensinar e de aprender.
PROCESSOS DE ALFABETIZAÇÃO	Os movimentos que perpassam pelos Processos de Alfabetização vivenciados pelas

	<p>professoras alfabetizadoras são delineados em cada Diário de Aula. Essa dimensão pedagógica é fonte potente na medida em que é o foco da pesquisa e é a ferramenta de trabalho das docentes pesquisadas. Cada conquista, cada fracasso, cada conflito e cada progresso são relatados com a emoção de quem tem paixão em ensinar. A progressão continuada é um dos grandes desafios que se põe como meta para as professoras já que estão se inserindo em uma proposta que precisa de respostas e de aprendizagens que estejam concretizadas ao final do 3º ano.</p>
<p>IMPORTÂNCIA DO REGISTRO</p>	<p>Fica latente a importância do registro nos relatos nos Diários de Aula. Há ênfase nos Diários como fonte de reflexão e de conversão da mesma em práticas repensadas. As professoras relatam as contribuições dos Diários de Aula em sua formação.</p>

Fonte: A Autora (2012)

Ao direcionarmos nosso olhar sobre a tabela 7 sobre as Dimensões Pedagógicas presentes nos Diários de Aula é possível verificar que as mesmas se encontram em todos e ganham potência na medida em que os registros progridem cronologicamente— já tendo-se uma percepção acerca dos impactos da reflexão sobre o que foi escrito.

Essas dimensões são importantes na medida em que compõem os aspectos objetivos/descritivos. A investigação em torno dos processos de pensamento e de prática das professoras alfabetizadoras aponta para a construção da ideia de que estes são profissionais que constroem a sua ação de forma reflexiva, agindo em função dos seus pensamentos, juízos e decisões.

Isto é, na medida em que as professoras alfabetizadoras expressam essas dimensões pedagógicas em seus Diários de Aula e repensam sobre as mesmas vem a tornar-se um sujeito mais reflexivo, racional, que toma decisões, emite juízos, possui crenças e cria rotinas próprias no decurso do seu desenvolvimento profissional.

Essas percepções guiam e orientam os seus pensamentos e a ação, e esta, por sua vez, influencia os pensamentos, pressupondo, por isso, um processo dialético, no qual reflexão e ação, mesmo se constituindo em estruturas independentes, mas interligadas, vão se modificando mutuamente.

A formação docente e o desenvolvimento profissional das professoras alfabetizadoras colocam-se como um objeto de estudo relevante em um cenário em que se exige uma prática competente dentro de processos de alfabetização. E é nesse contexto que surgem as diferentes dimensões pedagógicas e os conceitos e ações que giram em torno das mesmas. Através do Diário de Aula enquanto instrumento permanente de reflexão e de investigação é possível ressignificá-las.

Convém salientarmos que as dimensões pedagógicas planejamento, avaliação, metodologia de ensino, ensino e aprendizagem, processos de alfabetização e importância do registro aparecem em todos os Diários de Aula das professoras investigadas.

## **6 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS**

A partir da análise flutuante e das análises iniciais, isto é, passando pela etapa 1 e 2 da Análise de Conteúdo foi possível delinear as categorias que norteiam este trabalho de pesquisa, para qual optamos em dedicar um capítulo de nosso estudo. Agora na terceira etapa, com base em Bardin (2010), passamos às categorizações.

Cabe destacar que alguns excertos serão retirados dos Diários de Aula e trazidos ao longo do texto sendo colocados em diálogo com os estudiosos que fundamentaram esta pesquisa, bem como as inferências da pesquisadora.

Retomando as questões deste estudo elaboramos as seguintes categorias oriundas da análise dos Diários de Aula.

- Aspectos Objetivos/Descritivos dos Diários de Aula;

➤ Aspectos Subjetivos dos Diários de Aula.

### 6.1 DIÁRIOS DE AULA: Aspectos Objetivos/descritivos

Os aspectos objetivos/descritivos presentes nos Diários de Aula das professoras alfabetizadoras pesquisadas foram: planejamento, avaliação, metodologia de ensino, ensino e aprendizagem, processos de alfabetização e importância do registro.

É possível compreender o real sentido do planejamento para as professoras. A professora A procura trabalhar a leitura e a escrita através de um planejamento interdisciplinar. *“O estímulo está vindo devido á história do cinema, filmes, onde questionamos, trabalhamos o nome de atores e filmes, através do alfabeto do cinema que temos em sala de aula. Associando à isso, eles relacionam aos sons das letras, através dos nomes dos filmes que estão expostos nas paredes. Associam também à figura, o que aproxima-os ainda mais da leitura e da escrita.”* e ainda a professora B planeja atividades diferenciadas que venham ao encontro do interesse da turma. *“Esta semana sugeri aos meus alunos que fizéssemos um Diário de Leitura, onde vamos escrever juntos palavras iniciadas com cada letra do alfabeto. O objetivo do diário é que eles leiam em casa as palavras e juntamente com a família escrevam novas palavras e até pequenos textos ilustrados. [...] O diário é uma maneira de estimulá-los a ler e a escrever.”* Ainda neste sentido enfatiza que *“[...] eu sempre planejo as minhas aulas semanalmente, mas dificilmente consigo seguir a risca tudo o que eu tinha em mente para com as atividades porque sempre acontece algo que faz mudar ou adaptar certas atividades.”*

Conforme Freire: “Planejar a prática significa ter uma ideia clara dos objetivos que queremos alcançar com ela. Significa ter um conhecimento das condições em que vamos atuar, dos instrumentos e dos meios de que dispomos.” (2008, p.84) A partir dos excertos verificamos que há um planejamento das aulas e que as professoras procuram realizar atividades diversificados a fim de tornar as aulas mais atrativas e contemplar os alunos em diversos níveis de escrita.

A professora E, que é professora do 1º ano registra: *“Passei exercícios para eles pintarem os números. Logo todos começaram a trazer o exercício na minha mesa para mostrarem se estava certo.”* Também demonstra preocupação em trabalhar com a turma o que foi planejado: *“Estou conseguindo trabalhar o que foi planejado.”* De acordo com Ferreiro (1988) a

inserção da construção da leitura e da escrita com crianças que estão ingressando na escola ocorre com sucesso desde que suas realidades e conhecimentos trazidos sejam considerados.

Dessa maneira o olhar docente das alfabetizadoras centra-se no planejamento como elemento importante, interdisciplinar e flexível. Também se pode observar que o mesmo ocorre de maneira a contemplar todos os níveis de aprendizagem das crianças.

Em alguns apontamentos nos Diários de Aula as professoras mudam seu planejamento a partir de reflexões sobre o que foi escrito. Segundo Zabalza “[...] pelas anotações que vamos recolhendo no diário, acumulando informação sobre a dupla dimensão da prática profissional: os fatos de que vamos participando e a evolução que tais fatos e nossa atuação sofreram ao longo do tempo.” (2004, p.10)

A professora C relata *“Tenho alfabetizado a partir de pequenos textos, retirando palavras-chave, enfatizando também a família silábica correspondente, assim contemplo vários níveis de alfabetização.”* Para Ferreiro e Teberosky (1985) o interesse deve residir em descobrir qual é o processo de construção da escrita, “[...] ao planejar situações experimentais onde a criança coloque em evidência a escrita tal qual ela a vê, a leitura tal como ela a entende e os problemas tal como ela os propõe para si.” (p.33)

D socializa que neste ano teve que rever o planejamento que estava acostumada a fazer. *“Este ano está sendo um desafio para mim enquanto educadora. Trabalho há anos com o 3º ano, estou acostumada a receber turmas quase toda num mesmo nível de aprendizagem, mas agora, em razão da progressão continuada, recebi alunos que não escrevem o próprio nome. A diferença é gritante, costumava começar o ano com pequenos textos, construção de frases, etc.”* Esse é um desafio que se põe a partir da progressão continuada pois é a primeira vez, segundo o registro, que a professora trabalha com os alunos oriundos da progressão continuada, o que exige um planejamento diferenciado do que costumava executar.

D compreende que necessita de um planejamento diferenciado e tem a percepção que o caminho para a construção do conhecimento vai além de planejar e executar. É preciso também, segundo Zabalza (2004) documentar, analisar e replanejar. É o que a professora fez após verificar as situações e níveis de aprendizagem de seus alunos. Esse é um dos propósitos do uso sistemático dos Diários de Aula: fazer registros, anotações e reflexões depois das aulas, para se questionar sobre o que aconteceu em classe e identificar as conquistas da turma e os conteúdos que ainda precisam ser mais bem trabalhados, identificar que práticas precisam ser alteradas.

Sobre a questão da avaliação da aprendizagem podemos perceber em todos os Diários que as professoras realizam a avaliação da aprendizagem dos alunos durante o ano todo, sempre de acordo com a Psicogênese da Língua Escrita, conforme proposto pela Teoria de Ferreiro e Teberosky (1985) que explicitam que “Medir a ‘performance’ de uma criança em determinado momento da sua aprendizagem supõe não somente uma teoria sobre a natureza do processo de aprendizagem”. É uma tarefa que vai além de testes e provas escolares. Significa compreender o desenvolvimento das ideias da criança sobre a escrita como um processo evolutivo.

Ainda segundo Ferreiro e Teberosky (1985), as crianças elaboram conhecimentos sobre a leitura e escrita, passando por diferentes hipóteses – espontâneas e provisórias – até se apropriar de toda a complexidade da língua escrita. Tal processo ocorre de acordo com a progressão individual de cada criança.

Neste sentido a professora A relata que *“Nesta semana, praticamente encerrando o ano letivo, estamos realizando testagens individuais.”* Faz considerações a respeito dos níveis da aprendizagem das crianças: *“No grande grupo há todos os níveis, desde alguns educandos pré-silábicos II até alfabetizados III, que já produzem textos.”* A professora E relata *“Quanto ao conhecimento de cada aluno continuo avaliando em grupo e individualmente.”*

Ferreiro e Teberosky (1985) afirmam que tais hipóteses, baseadas em conhecimentos prévios, assimilações e generalizações, dependem das interações delas com seus pares e com os materiais escritos que circulam socialmente. Por isso a importância das professoras avaliarem durante o ano todo, considerando sempre as hipóteses alcançadas individualmente e em grupo.

Smolka diz que *“É nesse esforço, nesse trabalho de explicitação das ideias por escrito para o outro, que as crianças vão experienciando e apreendendo as normas da convenção: os interlocutores, as situações de interlocução [...]”*(1988, p.111).

Os resultados das avaliações trazem preocupações às professoras. A professora B comenta que *“Vai chegando o final do ano e as preocupações vão aumentando a cada dia. É época de avaliação e apesar do primeiro ano não reprovar, eu me preocupo e trabalho para que os educandos possam ir para o 2º ano conhecendo as letras, os números, compreendendo o processo da leitura e da escrita.”*

Neste sentido C registra *“Realizei também neste período testagens para diagnosticar níveis de alfabetização.”* Nesta perspectiva D aponta que *“O final do ano letivo está chegando, isso faz repensar como esse momento é importante na vida do aluno. Como a aprovação ou a*

*reprovação tem impacto em sua vida escolar e pessoal. Isso torna nosso compromisso ainda mais sério.”*

Avaliar o aluno e se auto-avaliar. São momentos perceptíveis nos Diários de Aula das alfabetizadoras, principalmente no final do ano letivo. Para Freire “Avaliar a prática é analisar o que se faz, comparando os resultados obtidos com as finalidades que procuramos alcançar com a prática. A avaliação da prática revela acertos, erros e imprecisões.” (2008, p. 83)

O olhar das professoras em relação á metodologia de ensino mostra a forma como encaminham a realização das atividades utilizadas na construção da leitura e da escrita. Percebemos um grau de reflexão em relação a avaliação da metodologia utilizada e a eficácia da mesma.

Para Ferreiro e Teberosky (1985) nenhum método conseguiu resolver os fracassos escolares na aprendizagem da lecto-escrita. Para as autoras utilizar os resultados da psicolinguística contemporânea e a teoria psicológica e epistemológica de Piaget como marco de referência é possível compreender de que forma as crianças constroem diferentes hipóteses acerca do sistema da escrita, antes de chegar a compreender as hipóteses de base do sistema alfabético.

Ferreiro ainda aponta que “[...] um novo método não resolve os problemas. É preciso reanalisar as práticas de introdução da língua escrita, tratando de ver os pressupostos subjacentes a elas, e até que ponto funciona como filtros de transformação [...] de qualquer proposta inovadora.”(1988, p.41)

*Neste sentido a professora A relata que “É hora de rever metodologia, conceitos, paradigmas. Desafios maiores exigem uma formação mais consistente e contínua para dar conta dos mesmos.”* E para que as atividades desenvolvidas possam se tornar eficientes aponta que utilizou uma metodologia diferenciada *“Os dias iniciais foram de socialização, diálogo, atividades diversificadas com música, brincadeiras dirigidas além de testagens para saber os níveis de cada educando.”*

Percebemos que há preocupação da professora com a sua formação profissional mediante as demandas do cotidiano. Está repensando questões relativas às práticas de leitura e escrita realizadas e articulando as mesmas à sua formação docente.

B registra que pode articular uma metodologia lúdica para o desenvolvimento das atividades e que é possível aprender brincando. Para B: *“Combinamos que toda segunda-feira os*



*educandos podem trazer brinquedos. O objetivo dos brinquedos é trabalhar a produção textual a partir dos relatos. Na verdade estou buscando estratégias para atingir o interesse os alunos com objetos que tenha significado para eles.”* Ainda coloca que quando propõe atividades assim muitos alunos que não se envolviam começaram a participar mais ativamente: *“Observei na primeira vez que fizemos os registros que até aqueles alunos que nunca copiam, não participam, se mostraram interessados [...]”* Nessa perspectiva a professora E diz que *“[...] estão conseguindo copiar, fazer trabalhos orais como: contar historinhas e interpretá-las. As crianças adoram cantar, dançar e desenhar.”*

Destacamos nos registros de C que as atividades prazerosas e lúdicas também desenvolvem habilidades que podem contribuir na construção da leitura e da escrita: *“Atividades com música e expressão corporal acredito que possam desenvolver estas habilidades: expressão corporal e verbal”*.

Desenvolver atividades que possam propor uma aprendizagem mais significativa e lúdica permeia os registros dos professores. De acordo com Kramer “[...] há que se ampliar sua paixão pelo conhecimento. Pois quem além do ser humano conhece? Quem além dele cria e se cria na linguagem? (KRAMER,1993, p.191 apud KRAMER, 2010, p.197)

Dessa maneira o olhar docente direciona a metodologia na exploração de atividades que envolvem a expressão oral, verbal, plástica, a autonomia de cada aluno, a individualidade e a coletividade. Nessas atividades as professoras podem observar qual a melhor metodologia a ser utilizada no desenvolvimento das atividades.

Diante de crianças que não conseguem se alfabetizar a professora D ressalta sua preocupação com a metodologia utilizada. *“Tenho que alfabetizar e ao mesmo tempo tenho alunos que estão muito adiantados, querendo avançar. Me sinto amarrada, se eu adianto o conteúdo, alguns vão ficar perdidos. Estou estudando a forma de trabalhar e assim contemplar a todos nas suas dificuldades.”*

De acordo com Ferreiro e Teberosky normalmente se espera que um método vá dar conta da construção as aprendizagens. “O método (enquanto ação específica do meio) pode ajudar ou frear, facilitar ou dificultar, porém não criar aprendizagem. A obtenção de conhecimento é um resultado da própria atividade do sujeito” (1985, p.29). Ainda neste sentido colocam que “A escola procede com ambiguidade, muitas vezes assinalada, pensando o problema em termos

exclusivamente metodológicos, enquanto atribui, implicitamente, à criança, uma série de noções sem preocupar-se de investigar se elas a adquiriram.” (p.276)

Diante de tal constatação precisamos ter um olhar holístico sobre as aprendizagens construídas e as ainda não construídas. A diversidade da sala de aula, se valorizada, vem agregar conhecimentos, pois é na diversidade que se aprende.

O ensino e a aprendizagem são processos distintos, porém um está atrelado ao outro. Se não houve aprendizagem é porque não houve ensino. Percebemos que essa dimensão pedagógica se faz muito presente na medida em que o ano letivo avança, ora nos relatos em que demonstram como está ocorrendo o processo de ensino e de aprendizagem ora nos relatos mais reflexivos sobre os atos de ensinar e de aprender.

Conforme Ferreiro e Teberosky (1985) “Que uma criança não saiba ainda ler, não é obstáculo que se tenha ideias bem precisas sobre as características que deve possuir um texto escrito para que se permita um ato de leitura.” (p. 39) assim, “Entre as propostas metodológicas e as concepções infantis há uma distância que pode medir-se em termos do que a escola ensina e a criança aprende. O que a escola pretende ensinar nem sempre coincide com que a criança aprende.” (p. 276)

A professora A aponta que *“Cada um com o seu tempo. Alguns, iniciando o reconhecimento de letra e som. Outros formando sílabas, lendo e escrevendo palavras, e já aqueles que leem e escrevem frases e textos.”* Na sequência percebe sua atuação como mediadora entre o conhecimento e a aprendizagem. *“Auxiliei no início, agora apenas sou mediadora, pois eles ensinam uns aos outros, “brigam”, brincam, pronunciam os sons das letras [...]”* Para a professora B é importante estar atenta às evoluções dos alunos. *“Um aluno começou a escrever palavras simples e está lendo, bem devagar [...] conhece as letras e está evoluindo em seu processo de aprendizagem.”* De acordo com Ferreiro e Teberosky (1985) se definirmos a escrita num sentido mais amplo, levando em conta as origens psicogenéticas e históricas das crianças, como uma forma particular de representação gráfica, todos os sujeitos estão em processo de construção da escrita.”

Podemos então dizer, de acordo com as ideias das autoras que todos, dentro do seu nível estão inseridos no processo de escrita e que os movimentos de escrita ocorrem diferentemente, de indivíduo para indivíduo, em tempos diferentes. De acordo com Smolka (1988, p.111)

“Gradualmente, estas marcas iniciais vão se transformando: a escrita truncada e ilegível das primeiras tentativas vai adquirindo o caráter de legibilidade [...]”.

As atividades propostas também são relevantes para que ocorra o ensino e a aprendizagem com êxito. Segundo a professora D *“Estou desenvolvendo atividades que envolvem muita leitura e muita escrita. Isso irá prepará-los para o 4º ano. Exercícios que envolvem compreensão também são eficazes, além dos que envolvem desafios”*. Para Weisz (apud FERREIRO, 1988, p.5) *“A crença implícita era a de que o processo de alfabetização começava e acabava entre quatro paredes da sala de aula e que a aplicação correta do método adequado garantia ao professor o controle do processo de alfabetização dos alunos.”*

Para a professora D a sua competência como professora alfabetizadora revela-se também no estímulo às crianças, na certeza que todas têm capacidade para ler e escrever e no modo como incentiva seus pensamentos e hipóteses.

Fica implícita a ideia da professora que seu papel é encaminhar para o ano seguinte alunos plenamente aprovados. Para isso prepara-os pensando nos pré-requisitos exigidos para o próximo ano letivo.

Para a professora E ensinar vai além dos conteúdos historicamente acumulados, realmente ocorre ensino e aprendizagem quando o aluno consegue traduzir isso para a transformação de sua realidade o que fica claro quando a professora E fala que *“Aprenderam que salgadinho faz mal e não trazem mais para a escola.”* O aluno aprendeu e levou esse conhecimento para sua realidade, convertendo em algo com significado e sentido para sua vida.

No nosso entender uma forma de redimensionar o ensino e a aprendizagem é pensar sobre os mesmos, assumir um cunho reflexivo. Neste sentido a professora A registra *“Bom, repensar a própria prática. Este exercício, sem perceber, faço diariamente, ao me perguntar: será que estou fazendo correto? Se eu trabalhar em grupo? Como formar grupos com crianças em níveis diferentes? Que tipo de atividade? E assim vai...”* B aponta *“Muitos não conhecem as letras, não realizam as atividades, tem dificuldades de prestar atenção. Ainda não sei como fazer para atrair a atenção deles.”* E, ainda nesta linha de pensamento a professora C diz que C *“É na prática diária desta teoria, é no registro dos acontecimentos, das atividades das falas, das reações, do acolhimento do nosso trabalho que acontece verdadeiramente a aprendizagem.”*

Os professores muitas vezes podem ficar presos a programas e procedimentos. Podem trabalhar sobre premissas inadequadas com muitas crianças em ambientes não favoráveis à

construção da leitura e da escrita. Uma frequente necessidade de testes, avaliações e cobranças pode induzir e a tensão e o medo do fracasso tanto no professor quanto na criança e desviar do verdadeiro objetivo dos atos de ensinar e de aprender de maneira autônoma e emancipatória. Para Ferreiro (1988, p. 102) “É necessário entender que a aprendizagem da linguagem escrita é muito mais que a aprendizagem de um código de transcrição: é a construção de um sistema de representação”.

Tal como podemos observar, em seus registros, as professoras fazem relatos sobre como ocorrem os processos de alfabetização.

Os resultados sejam excelentes ou parciais, os avanços pequenos ou grandes são relatados de maneira clara. Percebemos que o acompanhamento do processo de alfabetização de cada aluno ocorre durante o ano todo através de testagens e de atividades diversificadas.

O processo de alfabetização já inicia no 1º ano do Ensino Fundamental conforme relata professora E: “*Estão trabalhando o alfabeto e associando com a letra do seu nome.*” Para Ferreiro e Teberosky “A criança é uma produtora de textos desde a tenra idade.” (1985, p. 181)

A professora A registra “*Um educando, o qual pensei que seria mais um que encerraria o ano no nível pré-silábico II, aprendeu a escrever o seu pré-nome. Para mim, uma grande vitória, talvez, para quem nunca alfabetizou, ou quem nunca teve a oportunidade de trabalhar com seríssimas dificuldades de aprendizagem, ao ler este depoimento deve-se perguntar: ‘mas em novembro, final de ano e uma criança recém aprender a escrever seu pré-nome?’*” Ainda neste sentido a professora B também acompanha o desenvolvimento de seus alunos ao registrar “*Tive grandes evoluções desde o início quando recebi toda a turma PS 2. Hoje a maioria está entre alfabético e alfabetizado.*” A professora C também relata “*Quanto á escrita, a maioria encontra-se alfabetizada, alguns alfabéticos, outros silábicos e um ou dois pré-silábicos*”.

Conforme os excertos acima, sobre os movimentos que perpassam os processos de alfabetização, aponta-se que as crianças constroem diferentes hipóteses acerca do sistema da escrita, antes de chegarem a compreender as hipóteses de base do sistema alfabético, conforme Ferreiro e Teberosky (1985).

A preocupação com a progressão continuada torna-se enfática na medida em que é proposta do 1º ao 3º ano e fica potente no registro das professoras. Neste sentido a professora C coloca “*Neste ano de 2012 trabalho com o terceiro ano. Uma turma com 28 alunos. É uma turma bastante heterogênea, oriunda de um segundo ano onde experienciamos pela primeira vez*

*a progressão continuada, ou seja, a não retenção nesta etapa da escolarização. A maioria dos educandos precisam ser alfabetizados, outros já leem e escrevem. Percebo que há muitas dificuldades de aprendizagem, alguns casos bem graves.*” Nessa perspectiva a professora D diz *“Tenho que alfabetizar e ao mesmo tempo tenho alunos que estão muito adiantados[...]*”

Nesse sentido a professora D deveria propor trabalhos coletivos, em duplas, em pequenos e grandes grupos para que os alunos pudessem trocar experiências e saberes entre si, pois crianças em níveis diferentes podem provocar conflitos e evoluir para o nível seguinte. Todo o processo de aprendizagem está articulado com a história de cada indivíduo, e o ser humano aprende mais facilmente quando o novo pode ser relacionado com algum aspecto de sua experiência prévia, com o conhecimento anterior, com imagens, palavras e fatos que estão em sua memória, com vivências culturais. Os trabalhos em grupo podem possibilitar essa troca de vivências e agregar novos conhecimentos aos já existentes. De acordo com Smolka “[...] as experiências individuais ampliam-se e redimensionam-se nos diferentes espaços e momentos de interlocução.” (1988, p.112) Para complementar Brandão (2002, p.226) afirma que “Outra coisa é reconhecer que na diferença está a diversidade e não a desigualdade.”

Evidenciam-se nos relatos das professoras que as mesmas dão importância aos registros inclusive relatando de que forma os Diários de Aula possibilitaram uma prática mais reflexiva. Para Zabalza além de reconstituir mentalmente tudo o que haviam acontecido, os Diários de aula podem ser utilizados como recurso de reflexão e lucidez profissional. (ZABALZA, 2004)

Para a professora A *“Escrever exige um maior compromisso. Registrar sistematicamente maior ainda. É um ato de deixar posto nossos fazeres e os fazeres de nossos alunos.”* Também diz *“Já comparei educandos em que registrei uma aprendizagem no início e fui vendo sua evolução através dos registros. A escrita no Diário de Aula me fez ter re-olhares sobre a prática para então retomá-la de uma maneira mais competente e eficaz. Contribuiu muito para minha formação, minha mudança enquanto educadora [...] A escrita fica. Pode-se voltar. Ler. Reler. Retomar ações.”* Continua enfatizando sua percepção acerca do impacto do uso dos Diários de Aula em seu cotidiano docente *“Achei muito positivo os relatos nos Diários de Aula [...] Gostaria de ler de outras pessoas, [...] trocar ideias [...] ”*

De acordo com Smolka é justamente “[...] do distanciamento que eu tomo da minha escrita que eu me organizo e apuro essa possibilidade de linguagem, essa forma de dizer pela escritura.”(1988, p. 111) Ainda nessa perspectiva Brandão aponta que “[...] depois de grafadas,

elas permanecem gravadas e fixam as minhas palavras. Elas ganham o poder [...] de perenizar no tempo os meus pensamentos [...]"

Segundo B *“Escrever no Diário de Aula foi uma experiência positiva para mim. Acredito que consegui rever alguns pontos sobre o meu trabalho e consegui mudar. Porém, relendo alguns registros eu consegui ver pontos que infelizmente não consegui mudar. É um sentimento de incapacidade diante de algumas situações que não estão ao meu alcance como: auxiliar os alunos que precisam de ajuda especializada e não tem.”* Isso confirma o que Zabalza diz que quando começamos a desencadear movimentos de refletir sobre, rever o que escrevemos começamos a ler a si mesmos para se reinventarmos. É registrar para reler e nos reler e desencadear assim o desenvolvimento e melhoria da pessoa e da prática profissional, pois “[...] pelas anotações que vamos recolhendo no diário, acumulamos informação sobre a dupla dimensão da prática profissional [...] Dessa maneira, revisando o diário podemos obter essa dupla dimensão: sincrônica e diacrônica de nosso estilo de ensino.” (ZABALZA, 2004, p.10)

Nessa perspectiva a professora C registra *“Penso que o registro em qualquer área da vida é importante, não seria diferente em nossa tarefa diária de alfabetização.”* Cita ainda *“Relendo e analisando os registros do ano passado pude perceber a diferença gritante entre esses e os educandos atuais, assim como seu processo de ensino e aprendizagem [...]”*. Ainda segundo o pensamento da professora C *“Os registros nos trazem à memória os vários acontecimentos que envolveram e envolvem nossos educandos, como também a nossa posição frente a isso. Nos fazem ver os progressos, os retrocessos das crianças, nossas intervenções positivas e as que não foram tão positivas.”*

Podemos perceber que o dia-a-dia destes profissionais é tão intenso que ao reconstituírem o mesmo por escrito tiveram a possibilidade de recuperar imagens, ações, atuações, experiências empíricas e científicas. Neste sentido Zabalza aponta que *“Os diários contribuem de uma maneira notável para o estabelecimento dessa espécie de círculo de melhoria capaz de nos introduzir em uma dinâmica de revisão e enriquecimento de nossa atividade como professores.”* (2004, p.11)

A relevância que se dá nesta investigação toma corpo quando conseguimos visualizar nos Diários de Aula o que Zabalza enfatiza quando coloca que os mesmos agem como instrumento de registro de ação, reflexão e ação com a finalidade de contribuir para o redimensionamento e ressignificação suas práticas, o que denomina *“potencialidade reflexiva e reconstrutiva do diário.”* (2004, p. 11).

Destaca-se a influência dos Diários de Aula na formação das professoras alfabetizadoras D e E . Para a professora D “*O Diário de Aula contribuiu para minha formação com as reflexões proporcionadas, mediadas pela escrita.*” Para a professora E “*Escrever nesse Diário de Aula durante seis meses me fizeram registrar algumas práticas de sala de aula. Reli o Diário. Percebi que preciso rever minha metodologia. Está muito repetitiva.*” Além disso enfatiza “*Quero continuar escrevendo para poder comparar minha metodologia utilizada hoje e depois de rever algumas formas de propor atividades às crianças.*”

Verificamos nos Diários de Aula das pesquisadas que a mudança para uma prática reflexiva ocorreu de maneira mais significativa nos últimos registros. Pelos excertos dos Diários de Aula de todas as alfabetizadoras é possível fazer essa constatação, que quando há uma sistematicidade no registro o mesmo se torna mais eficaz. Para Zabalza “Esse círculo começa pelo desenvolvimento da *consciência*, continua pela obtenção de uma *informação analítica* e vai se sucedendo por meio de outra série de fases [...]” Ainda nessa perspectiva aponta que “[...] *a previsão da necessidade das mudanças, a experimentação das mudanças e a consolidação de um novo estilo pessoal de atuação.* [...] esse é o itinerário que muitos professores são capazes de seguir por meio da atividade *narrativa e reflexiva* que os diários proporcionam.” (ZABALZA, 2004, p. 11)

## 6.2 DIÁRIOS DE AULA: Aspectos Subjetivos

Os aspectos subjetivos presentes nos Diários de Aula das professoras alfabetizadoras pesquisadas foram: Satisfação Docente, Insatisfação Docente, Conflito, Emoção, Ansiedade.

A partir dos excertos a satisfação docente permeou o registro das professoras alfabetizadoras. O trabalho pedagógico desenvolvido pelas professoras perpassa pela satisfação em perceber cada progresso nos processos de alfabetização.

De acordo com Freire “Há uma relação entre a alegria necessária à atividade educativa e a esperança. A esperança de que professor e alunos juntos podem aprender, ensinar, inquietar-se, produzir e juntos igualmente resistir aos obstáculos à nossa alegria.”(1996, p. 80)

A professora A relata “*Termina mais uma semana de aula mas, com um brilho diferente.*” E, em relação a cada pequeno progresso diz “*Porém, no universo que convivemos em sala de aula, cada pequeno progresso torna-se uma grande vitória, pelo histórico de vida de*

*cada um dos educandos, no grande grupo e na individualidade.*” Ainda nesta perspectiva a professora registra suas percepções *“Sinto que eles estão seguros e felizes. Mesmo aqueles que ainda apresentam seríssimas dificuldades de aprendizagem, realizam com empenho as atividades. Alguns se dando conta de seus “erros” e outros, que ainda não percebem. Em suma, estou muito feliz, e acredito que, encerrando positivamente estas semanas.”*

De acordo com Arroyo (2000); Brandão (2002) e Freire (1996) devemos ter um olhar educativo, humano e humanizador para nossos alunos, ensinando e aprendendo a partir da realidade dos mesmos. A partir de esse olhar a construção da leitura e da escrita vai se tornando concretude culminando na satisfação docente.

*“A professora B demonstra sua satisfação quando diz” Tenho duas turmas de 1º ano, nas quais sinto muito prazer em trabalhar.”* Quando um dos alunos da professora C começou a ler a mesma registrou e sua satisfação fica evidente *“Hoje chamei à minha mesa o aluno A e a aluna B. Pedi que ambos lessem algumas palavrinhas simples. Os dois conseguiram ler e alegraram-se muito com isso. “Nesses momentos sinto-me compensada, o sentimento de frustração nessas horas dá lugar à satisfação.”*

Ainda neste sentido D comenta *“Com esse trabalho noto avanços significativos, alunos que não conheciam as letras estão participando e adquirindo conhecimentos.”* Para a professora E *“As crianças [...] conseguem fazer do seu jeito.”*

Compreendemos que as professoras quando conseguem atingir seus objetivos, mesmo que parcialmente, ficam satisfeitas ficando isso evidente em seus registros, pois percebem que as crianças estão obtendo progressos em relação à sua inserção no universo da escrita. Para Smolka *“É nesse esforço, nesse trabalho de explicitação das ideias por escrito para o outro, que as crianças vão experienciando e apreendendo as normas da convenção [...] vão delineando os parâmetros consensuais para a leitura.”* (1988, p. 111)

Nesse processo a insatisfação docente também ocorre e emerge quando os alunos não conseguem se alfabetizar seja por dificuldades ou por distúrbios de aprendizagem (muitos sem laudo).

De acordo com a professora A *“Particularmente, sei que talvez seja um “sentimento errado”, mas sinto muita frustração quando não vejo progresso no meu educando.”* B também sente-se frustrado quando fica impotente diante de algumas situações que necessitam além de uma ação pedagógica eficaz *“Às vezes me pego observando a turma e penso o que estou fazendo*



*para contribuir com a aprendizagem desses educandos, pois parece que o que falo e faço para alguns não faz o menor sentido[...]*”

Conforme Freire (1996, p. 84) “Tenho o direito de ter raiva, de manifestá-la, de tê-la como motivação para minha briga tal qual tenho o direito de amar, de expressar meu amor ao mundo, de tê-lo como motivação de minha briga porque, histórico, vivo a História como tempo de possibilidade não de determinação.”

Ao longo das escritas dos Diários de Aula as professoras ficam frustradas quando não percebem reais progressos na construção da leitura e da escrita. Para C *“É com um pouco de frustração que começo a escrever essas linhas. Mais de 50% da minha turma não são alfabetizados. O restante, 9 alunos, estão alfabetizados, o que seria “normal” para crianças dentro de um terceiro ano do ensino fundamental.”* Nessa perspectiva D expõe *“Tenho dificuldades para trabalhar diante de uma turma tão heterogênea.”*

A professora E que trabalha com o 1º ano relata que *“[...] tem crianças que ainda não entenderam para que vem na escola, são muito infantis e dengosos[...].”*

Constatamos que o aspecto insatisfação docente consta em todos os Diários de Aula. Os registros das professoras alfabetizadoras exprimem esse sentimento, tal como se evidenciam nos Diários. As causas da insatisfação docente são: não aprendizagens na leitura e na escrita, não envolvimento de alguns alunos nas atividades propostas, pouca participação de algumas famílias, turmas numerosas com alunos em diferentes níveis de escrita, crianças com necessidades especiais, muitas sem laudo e ausência de progresso em alguns alunos, em relação à construção do domínio no código escrito.

Para Kramer a trajetória dos professores alfabetizadores é marcada por idas e vindas, por contradições. O professor alfabetizador está seguindo um “Curso que apresenta desvios, encontra atalhos ou alonga a caminhada na busca de compreender alfabetização, leitura e escrita no espaço da escola e da história.” (2010, p.17)

Nos Diários de Aula emerge também a categoria conflito. *“A tão questionada inclusão, termina por exclusão, pois, o mesmo tempo que temos educandos com seríssimos problemas de aprendizagem, temos os outros, que vão ficar como... simplesmente, como os outros... Desculpe o desabafo, mas acredito que estamos em um grande momento de conflito na alfabetização!”* Continua ainda a professora A registrando: *“Ora sinto-me culpada. Ora sinto a ausência da família em busca de atendimento especializado. Mas, lutar sempre, desistir jamais.”*

As professoras se colocam em conflito quando escrevem sobre os alunos com necessidade especial incluídos na escola regular, pois as mesmas sabem que essas crianças precisam de um atendimento diferenciado e competente para que sua aprendizagem seja garantida, além de laudo para que os encaminhamentos corretos possam ser realizados. Para Kramer “Nossa época continua a ser um tempo de conformismo, de tentativa de apagamento das diferenças, de consolidação de preconceitos, de discriminação [...]”(2010, p. 17) Isso se materializa na inclusão excludente dessas crianças, sem políticas educacionais capazes de garantir o que propõe a legislação: acesso, permanência e aprendizagem de todos, sem distinção.

Conforme Brandão (2002, p.224-225) “Uma educação assumidamente multicultural deve ser aquela que, ao mesmo tempo em que participa do esforço de criação e extensão de direitos e valores de âmbito universal, abre-se não apenas para uma consentida tolerância para com o diferente, mas vai, além disto.”

Seguindo essa linha de pensamento Zabalza diz que “[...] os professores de crianças pequenas, ou que atendem sujeitos com deficiência, desenvolvem em geral, um nível de envolvimento pessoal muito mais forte.”(2004, p.18)

Isso é visível nos registros das professoras, pois sofrem quando as crianças não conseguem se alfabetizar e sentem-se impotentes diante de crianças com necessidades especiais que não tem laudo ou acesso a atendimento especializado e desta forma, não conseguem progredir na aprendizagem da leitura e da escrita. Escrever no Diário de Aula sobre essas questões, de uma certa forma traz um conforto, funciona como uma espécie de catarse.

O conflito torna-se latente na escrita da professora B “*Tem dias que ser professora não é tarefa fácil. Dá vontade de largar tudo e sair correndo, mas depois de contar até 1000 e respirar é possível rever a prática e dar a volta por cima*”. Para a professora E a falta de bons hábitos e atitudes vem prejudicando a turma, além dos casos isolados como esse trazido pela mesma: “*O A. continua batendo nos colegas, as meninas K. e S. brigaram no recreio.*” D ainda aponta “*Últimas semanas bastante complicadas.*”

A professora C se preocupa com o silêncio que perdura em sua sala de aula ao registrar que “*São silenciosos para trabalhar. Como tudo, tem o seu lado negativo. Esse silêncio interfere a partir do momento que não tiram suas dúvidas, não participam. Poucos expressam seus pensamentos.*”

Essas situações de conflito é um repensar a prática, pois relatam diferentes momentos e situações vividas pelas professoras que suscitam reflexões. Segundo Zabalza “É uma forma de distanciamento reflexivo que nos permite ver em perspectiva nosso modo particular de atuar, é, além disso, uma forma de aprender.”(2004, p.10)

A emoção não poderia deixar de fazer parte desse contexto de alfabetização, quando a professora A registra “*Enfim, Vitor Rafael escreveu no seu trabalho “VITOR RA”, e ganhei a semana.*” Também quando B diz “*Me emocionei com cada palavra lida. Cada palavra escrita.*” Para D sua emoção vem quando “*Eles vibram com pequenas conquistas.*”

Também essa emoção emerge quando conhecem a realidade na qual as crianças vivem. A professora B relata “*Durante uma atividade que pedia para desenhar a mãe, um aluno perguntou se podia desenhar ele dentro da barriga da mãe. Eu fiquei emocionada e respondi que sim. Esse aluno foi abandonado pela mãe ainda pequeno, é criado pelos avôs paternos[...]”* “*Como é difícil trabalhar essa data para algumas crianças.*”

Ser alfabetizadora é viver todo dia a emoção de participar do crescimento intelectual das crianças, o que fica subjacente nos registros das professoras, quando relatam sua emoção a cada palavra lida, a cada palavra escrita, a cada vibração e avanço.

O compromisso da escola e das professoras se torna mais complexo quando, segundo C percebe-se que “*A escola deve ser um local onde apreendam conhecimentos de uma forma prazerosa, alegre e feliz já que suas vidas, muitas vezes retratam uma triste e sofrida realidade.*” Para Ferreiro e Teberosky (1985) é relevante ao professor se apropriar da ação do meio em relação às hipóteses e aos conhecimentos infantis sobre o escrito, pois “Desde um ponto de vista interacionista, como da conceitualização piagetiana adotada por nós, o conhecimento se constrói a partir do sujeito cognoscente e do objeto a conhecer, onde o objeto serve de ocasião para que o sujeito se desenvolva.” (1985, p.37) Ao ser vivido esse desenvolvimento cognitivo, intelectual, social, afetivo o professor vive a emoção de compartilhar com seu aluno o objetivo alcançado.

Para E é emocionante na segunda-feira pois “[...] *quando retornam do final de semana elas falam que sentiram saudade.*” De acordo com Freire (1996, p. 106) “A prática docente que não há sem a discente é uma prática inteira. O ensino dos conteúdos implica o testemunho ético do professor. A boniteza da prática docente se compõe do anseio vivo de competência do docente e dos discentes e de seu sonho ético.” Essa boniteza, esse encontro ético e estético se viabilizam a cada encontro.

A categoria ansiedade entra em evidência na fala de A “*Os sentimentos registrados são diversos: tristeza, angústia, vergonha: “Como, com tantos anos de Magistério fui errar assim?”* Ou sentimento de sucesso: *‘Consegui, meu aluno se alfabetizou!’*”

Para B “*A alfabetização é uma mistura de emoção com ansiedade. Fico muito feliz pelos alunos que conseguem avançar e seguem descobrindo coisas novas mas também sofro muito por aqueles que não conseguem avançar.*”Essa mesma ansiedade aflora quando está próximo o final do ano e a criança ainda não se alfabetizou. “*O que me deixa triste e com certo sentimento de culpa é que infelizmente não são todos que conseguem concluir esse processo no 1º ano, alguns nem no 2º ano [...]*”

Para Arroyo (2000) estão implícitos no fazer docente não apenas aspectos cognitivos, mas políticos, culturais e econômicos, o que incide na prática do professor gerando inúmeros fatores que podem desencadear sentimentos que refletem diretamente no âmbito pessoal e profissional. Trazemos aqui a ansiedade como um dos fatores que podem desencadear outros sentimentos afetando negativamente a prática docente.

Nesta ansiedade C apela utiliza a espiritualidade para amenizar a mesma: “*Peço a Deus sabedoria todos os dias para poder alcançar essas crianças e ser mediadora de seu processo de aprendizagem.*”D acredita que pode pensar novas formas e registra: “*Início de ano. Vou fazer com que esse ano tenha algo diferente.*” A professora E demonstra ansiedade quando seus alunos não demonstram autonomia e preocupa-se com essa dependência ao registrar que eles “*[...] procuram sempre ficar perto.*”

Conforme Zabalza “*É justamente nessas ‘experiências pesadas’ que o diário cumpre um papel importante como elemento de expressão de vivências e de emoções.*” (2004, p.18) ainda neste sentido afirma que os Diários de Aula servem como “*[...] um recurso formativo no âmbito da formação permanente dos docentes e profissionais da educação*” (p.11) As professoras, ao registrarem suas ansiedades podem pensar e refletir sobre as mesmas fazendo com que sejam convertidas em aprendizagens para a superação destas e conseqüente melhoria de sua prática.

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste estudo muitas aprendizagens foram construídas. Ao utilizarmos os Diários de Aula, como ferramenta de pesquisa, verificamos que os mesmos podem ser convertidos em instrumentos de investigação a partir da análise de seu conteúdo, desvelando objetividades e subjetividades implícitas nas práticas pedagógicas das professoras alfabetizadoras, sujeitos desta pesquisa.

Dessa forma os Diários de Aula das professoras alfabetizadoras que exercem sua docência no 1º, 2º e 3º ano do Ensino Fundamental permitiu lançarmos olhares sobre os processos de alfabetização vivenciados pelas mesmas. Com o propósito de nos apropriarmos dos resultados da pesquisa, faremos a retomada de alguns aspectos da mesma para podermos estabelecer uma interlocução com os dados e as análises realizadas no percurso da investigação.

Em relação à primeira questão indagadora: “De que forma os Diários de Aula podem contribuir como instrumento de qualificação profissional no cotidiano de alfabetizadoras do 1º, 2º e 3º ano, de uma escola de Escola de Ensino Fundamental e Médio da rede pública de Canoas (RS)?” Foi possível identificar as formas de contribuição como instrumento de qualificação profissional através dos registros nos Diários de Aula das professoras pesquisadas, inclusive os mesmos são considerados pelas alfabetizadoras uma ferramenta para pesquisa, uma fonte na coleta de dados, pois todas mencionam, em seus relatos, as contribuições do mesmo à sua formação.

Ao analisar os Diários de Aula, ainda na análise fluente percebemos que no decorrer da prática dos registros nos Diários de aula os apontamentos tornaram-se mais reflexivos e em alguns já se percebia alteração da prática docente a partir das reflexões, impactando positivamente sobre a qualificação profissional das professoras, conforme a pesquisa avançava. Nessa perspectiva concluímos que os Diários de Aula contribuem para a qualificação da prática das alfabetizadoras, pois a escrita desencadeou reflexões permanentes sobre o cotidiano docente, como metodologia que se constitui significado para uma prática alfabetizadora mais reflexiva, coerente e competente.

Sobre a segunda questão indagadora: “Quais dimensões são identificadas nos escritos dos Diários de Aula dos sujeitos investigados?” Podemos dizer que se evidenciaram em todos os

Diários de Aula analisados as dimensões pedagógicas: planejamento, avaliação, metodologia de ensino, ensino e aprendizagem, processos de alfabetização e importância do registro.

Essas dimensões pedagógicas tornaram-se significativas na medida em que contribuíram para a qualificação da prática docente, pois na medida em que foram repensadas e reconstruídas permanentemente possibilitaram o avanço para uma práxis alfabetizadora reflexiva, sendo assim dimensões necessárias à promoção de pensares e fazeres emancipatórios.

Na terceira questão proposta onde indagamos: “É possível propor estratégias pedagógicas potencialmente capazes de converter a reflexão desenvolvida a partir dos Diários de Aula em instrumento de qualificação da própria prática docente?” Em síntese, constatamos que os encontros coletivos para discutir sobre os registros nos Diários de Aula transformaram-se e fizeram surgir estratégias pedagógicas que possibilitaram a conversão da reflexão em instrumento de qualificação da prática docente além de promover a assunção de uma docência mais significativa.

Discutir sobre o que a colega alfabetizadora escreveu significou acreditar no outro como sujeito de conhecimento e, portanto, acreditar que na troca podemos aprender juntos, acreditar que ideias gestadas na vivência de conhecimentos que emergem da experiência podem ser socializadas e (re) construídas. Assim, legitimar a fala do outro nos encontros coletivos trouxe contribuições do registro para a formação acadêmica, pessoal e profissional enfatizando o papel dos Diários de Aula na Formação como ferramenta para uma prática docente transformadora.

E, nesses movimentos coletivos de uma ler o Diário da outra ou de dialogarmos sobre o que os mesmos tem em comum ou não faz com que a reflexão sobre a prática se torne mais discutida e assim a busca por alternativas de superação possa emergir do coletivo e não fique apenas na individualidade.

Em suma, os Diários de Aula, quando utilizados na perspectiva de Zabalza (2004) como instrumento de pesquisa e desenvolvimento profissional, leva à dedicar-nos à escrita e ao desafio do pensar e sua sistematização. Pensar sobre o vivido faz com que nossa produção escrita se torne mais pensada e se transforme em ações mais refletidas e articuladas. Isso ficou claro na medida em que foram identificados na pesquisa os aspectos objetivos/descritivos e os aspectos subjetivos, já na terceira etapa proposta por Bardin (2010).

Na categorização os aspectos objetivos/descritivos da prática docente das professoras alfabetizadoras emergem na medida em que os Diários de Aula são analisados: planejamento,

avaliação, metodologia de ensino, ensino e aprendizagem, processos de alfabetização e importância do registro. O planejamento, para as professoras alfabetizadoras é essencial e o tempo todo é (re) elaborado, de acordo com as necessidades de cada turma e de acordo com o nível da escrita de cada um, de acordo com a Psicogênese da Língua Escrita, proposta por Ferreiro e Teberosky (1985). Referente à avaliação, a mesma ocorre diariamente, pois nos relatos as professoras avaliam fazendo as testagens ao longo de todo o ano para poderem fazer o planejamento de uma maneira adequada e eficaz.

A Metodologia de Ensino utilizada é visualizada nos registros nos quais as professoras relatam algumas atividades desenvolvidas. A preocupação e a reflexão sobre qual metodologia utilizar são latentes, pois diante do fracasso escolar de alguns alunos as professoras entram em conflito, pois não sabem se estão utilizando a metodologia adequada.

Ainda sobre as dimensões encontradas nos Diários de Aula o Ensino e a Aprendizagem são dimensões que estão presentes o tempo todo. Movimentos concomitantes de ensinar e de aprender são visualizados tanto entre professor-professor, aluno-aluno e professor-aluno. Os movimentos que perpassam pelos Processos de Alfabetização vivenciados pelas professoras alfabetizadoras são delineados em cada Diário de Aula.

Essa dimensão pedagógica é fonte potente na medida em que é o foco da pesquisa e é a ferramenta de trabalho das docentes pesquisadas. Fica evidente a importância do registro nos relatos nos Diários de Aula. Há ênfase nos Diários como fonte de reflexão e de conversão da mesma em práticas repensadas. As professoras relatam as contribuições dos Diários de Aula em sua formação.

Em relação aos aspectos subjetivos da prática docente das professoras alfabetizadoras são identificados: satisfação docente, insatisfação docente, ansiedade, conflito e emoção. A satisfação docente ocorre quando as professoras percebem que seus alunos estão construindo conhecimento na leitura e na escrita, quando suas dificuldades estão sendo superadas e quando conseguem desenvolver uma boa aula. Já a insatisfação docente ocorre quando identificam alunos que não apresentam progressos na aquisição da alfabetização.

O conflito e a ansiedade também são aspectos subjetivos que aparecem em todos os Diários de Aula analisados. Ocorrem quando as professoras não sabem que atitude tomar, qual metodologia, o que fazer quando a criança não aprende a ler e a escrever. São perceptíveis também no início e ao final do letivo. A emoção aparece em cada palavra lida e escrita, em cada

realidade conhecida e sofrida dos alunos, em cada final de ano quando ocorre o fracasso escolar, em cada pequeno ou grande avanço dos alunos. Alfabetização com certeza rima com emoção o tempo todo.

Em síntese, todos os aspectos encontrados e analisados sejam objetivos/descritivos ou subjetivos apontaram para uma prática que avançou no decorrer de um semestre de pesquisa. Considerando que a escrita é um processo artesanal, quando mais se escreve mais a mesma vai se aprimorando e indo para estágios mais elaborados e reflexivos, foi possível observar momentos em que o registro favoreceu momentos de revisita onde o que foi escrito foi analisado e ressignificado, quando necessário. Muitos dos aspectos sofreram modificações a partir das reflexões sobre a prática docente, da assunção de metodologias que promoveram a emancipação e a aprendizagem da linguagem oral e escrita, qualificando assim o fazer pedagógico das professoras alfabetizadoras.

Para finalizar, a pesquisa proporcionou momentos de aproximação entre pesquisadora, pesquisadas e autores que fundamentam este estudo. Selamos o compromisso com o registro, com a intencionalidade sempre voltada e regada na busca pelo sonho de que todas as crianças ingressem, permaneçam e aprendam, construindo conhecimento na leitura e na escrita sem defasagem entre idade-ano-aprendizagem.

Finalmente, concluímos que quando observo a mim mesma e quando escrevo sobre minha prática educativa isso significa contar e contar-se, para em momentos posteriores poder ler, reler e transformar a realidade. Os registros se tornam memórias profundamente reflexivas. Memórias estas que levam a uma profunda transformação da prática nos tornando professores mais conscientes de nosso papel enquanto formadores – em constante formação.

O ato de narrar faz reconstituir a cena com fidedignidade, a escrita sistemática se torna metodologia de trabalho para geração de novos conhecimentos, ajuda a transitar entre tanta demanda do cotidiano pessoal e educativo. Assim, os Diários de Aula se tornam instrumentos para poder racionalizar a experiência e tirar dela o máximo proveito, se tornam instrumentos de desenvolvimento e melhoria da própria pessoa e da prática profissional que exerce.



## REFERÊNCIAS

- ARROYO, Miguel G. **Ofício de Mestre: Imagens e auto-imagens**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.
- BRASIL, MEC. **Alfabetização e Linguagem**. Disponível em: [portal.mec.gov.br/index.php?Itemid=&gid=6002&option](http://portal.mec.gov.br/index.php?Itemid=&gid=6002&option). Acesso em: 01-01-2012.
- BARDIN, Laurence. **Novas tendências em Análise do Discurso**. Campinas: Pontes/Unicamp, 1997, 3ª ed.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A Educação Popular na Escola Cidadã**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.
- CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO (Brasil). Comissão de Educação Básica. Resolução CNE/CEB nº. 7, de 14 de dezembro de 2010. Fixa as diretrizes curriculares nacionais para o ensino fundamental de 9 (nove) anos. Brasília (DF), 2010.
- FERREIRO, Emília. **Reflexões sobre Alfabetização**. 25 ed. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1988.
- FERREIRO, Emilia; TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da Língua Escrita**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.
- FREIRE, Paulo. **A Importância do Ato de Ler: em três artigos que se completam**. 49. ed. São Paulo: Cortez, 2008.
- \_\_\_\_\_, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. 8 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1998.
- KRAMER, Sonia. **Alfabetização, Leitura e Escrita: formação de professores em curso**. São Paulo: Ática, 2010.
- LUDKE, Menga. ANDRÉ, Marli. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.
- REGIMENTO ESCOLAR. Escola da Rede Pública Estadual, Secretaria da Educação do RS, Canoas, 2001.
- SMOLKA, Ana Luiza B. **A Criança na Fase Inicial da Escrita: a alfabetização como processo discursivo**. São Paulo: Cortez, 1993.
- TRIVIÑOS, Augusto N. S e NETO, Vicente Molina (Org.). **A pesquisa qualitativa na educação física: alternativas metodológicas**. 2.ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS/Sulina, 2004.
- ZABALZA, M. A. **Diários de aula: um instrumento de pesquisa e desenvolvimento profissional**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

## APÊNDICES

### APÊNDICE A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido



Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

#### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

##### Título do Projeto

“DIÁRIOS DE AULA EM CONTEXTOS DE ALFABETIZAÇÃO”

Prezada Professora!

Você está sendo convidada a participar voluntariamente de uma pesquisa intitulada: **Diários de Aula em Contextos de Alfabetização**. A pesquisa tem como objetivos: (1) Analisar de que forma os Diários de Aula podem contribuir como instrumento de qualificação profissional no cotidiano de alfabetizadoras do 1º, 2º e 3º ano de uma escola de Escola de Ensino Fundamental e Médio da rede pública de Canoas (RS); (2) Identificar as dimensões expressas nos escritos dos Diários de Aula dos sujeitos investigados refletindo sobre as mesmas e (3) Propor estratégias pedagógicas potencialmente capazes de converter a reflexão desenvolvida a partir dos Diários de Aula em instrumento de qualificação da própria prática docente.

Vinculada ao Programa de Pós Graduação em Educação da PUCRS, a pesquisa justifica-se pela necessidade de investir na Formação das Professoras Alfabetizadoras. Dessa forma e diante desse desafio e, a partir da análise das escritas, investigaremos de que forma os registros sistemáticos nos Diários de Aula podem constituir-se em possibilidade de qualificação do fazer pedagógico, avançando para uma prática docente alfabetizadora que efetive a aprendizagem de todos, na busca da superação da reprovação de crianças que necessitam garantir além do acesso e permanência na escola, mas que possa ser garantida a progressão continuada com qualidade e aprendizagem.

Sua contribuição é de fundamental importância para essa pesquisa, uma vez que representa importante contribuição para a Formação de Professores. Se concordar em participar, você será solicitado a responder uma entrevista, na qual discorrerá sobre sua percepção quanto aos registros e sua importância para a reflexão docente, assim como entregará à pesquisa os registros dos Diários de Aula.

Esta pesquisa faz parte da elaboração de uma Dissertação de Mestrado em Educação da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS e será desenvolvida pela mestranda Darlene Angelita de Paula dos Santos, sob orientação da professora Dra. Maria Inês Corte Vitória.

Assinando este termo de Consentimento, estou ciente de que:

1. A minha participação na pesquisa iniciará após a leitura, o esclarecimento de possíveis dúvidas e do meu consentimento livre e esclarecido por escrito. A assinatura do Termo de Consentimento Livre e esclarecido será em duas vias, permanecendo uma delas comigo e outra com a pesquisadora.
2. Esta pesquisa é de natureza qualitativa, na qual serão analisados os Diários de Aula registrados por mim, professora alfabetizadora que atuo em sala de aula em turma do 1º ao 3º ano do Ensino Fundamental.
3. Responderei a uma entrevista que será gravada e realizada em local privativo, não sendo obrigada a responder todas as questões, podendo interrompê-la quando desejar.
4. Estou ciente de que os dados da entrevista e as análises dos Diários de Aula serão divulgados através de publicações em artigo, apresentação de eventos em Educação em geral.
5. Obtive todas as informações necessárias para poder decidir conscientemente sobre minha participação na referida pesquisa.
6. Minha identidade será preservada, portanto, será considerado o sigilo e anonimato em cada coleta de dados.
7. Minha participação na realização desta pesquisa não implicará lucros nem prejuízos de qualquer espécie, tanto para o colaborador como para a instituição onde atua como docente nem para a instituição onde atuo, nem prevê nenhum desconforto.

Eu, \_\_\_\_\_ declaro que estou de acordo em participar voluntariamente desta pesquisa e que fui devidamente esclarecido/a de todos os aspectos constantes neste termo.

Canoas, 03 de novembro de 2011.

\_\_\_\_\_  
Darlene Angelita de Paula dos Santos\*

\_\_\_\_\_  
Assinatura do Participante

\_\_\_\_\_  
Profª Dr. Maria Inês Corte Vitória

**Pesquisador:** Darlene Angelita de Paula dos Santos (51) 9119-9169 – darlene.santos@acad.pucrs.br

**Orientadora:** Dr. Maria Inês Corte Vitória – (51) 3320-3620 – R: 8236 – mvitoria@pucrs.br

**Comitê de Ética em Pesquisa/PUCRS** – (51) 3320-3345 – cep@pucrs.br – protocolo CEP

- Supervisora Escolar, Mestranda em Educação pela PUCRS.

**APÊNDICE B – Termo de Aceite da Instituição Pesquisada**

Porto Alegre, 5 de julho de 2012.

Ao Comitê de Ética e Pesquisa da PUCRS

Prezados Senhores:

Declaro que tenho conhecimento e autorizo a realização do projeto de Pesquisa intitulado “DIÁRIOS DE AULA EM CONTEXTOS DE ALFABETIZAÇÃO” proposto pelos pesquisadores DARLENE ANGELITA DE PAULA DOS SANTOS e MARIA INÊS CÔRTE VITÓRIA.

O referido projeto será realizado na Escola (nome da instituição pesquisada\*) e só poderá ocorrer a partir da apresentação da carta de aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da PUCRS.

Atenciosamente,

---

Carimbo e assinatura da Direção da  
Instituição Pesquisada\*

\* os campos não foram preenchidos para preservar a identidade da Instituição Pesquisada.

**APÊNDICE C – Consigna para os Registros nos Diários de Aula**

PUCRS – Pontifícia Universidade Católica do RS

*Registra no teu Diário de Aula aspectos que te pareçam significativos no teu dia a dia. Isso significa registrar aspectos objetivos/descritivos bem como subjetivos.*

**ANEXOS****ANEXO A**

Documento de Aprovação da Pesquisa pela Comissão de Ética da Faculdade de Educação/PUCRS

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE  
DO SUL  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

**COMISSÃO CIENTÍFICA**

PROTOCOLO DE PESQUISA Nº ..... 71

**Título do Projeto:**

**DIÁRIOS DE AULA EM CONTEXTOS DE ALFABETIZAÇÃO**

**Pesquisadores**

Darlene Angelita de Paula dos Santos (mestranda)

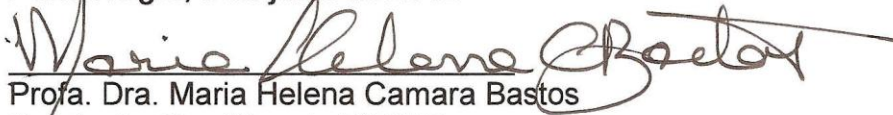
Maria Inês Corte Vitória (orientadora)

O projeto de pesquisa de mestrado atende aos requisitos exigidos, apresentando as questões de pesquisa, referencial teórico-metodológico e bibliografia pertinente. Estão especificados os instrumentos de coleta de dados, como TCL, o roteiro de entrevista, a carta de consentimento da instituição.

Considerando que não há um perfil invasivo no procedimento com seres humanos, o encaminhamento para o CEP é facultativo, ficando essa deliberação a cargo dos pesquisadores, inclusive com vistas a publicações posteriores.

O projeto está aprovado pela Comissão Científica da Faculdade de Educação.

Porto Alegre, 9 de julho de 2012

  
Profa. Dra. Maria Helena Camara Bastos  
Comissão Científica da FACED

## ANEXO B

Tabela 1 : Análise Flutuante dos Diários de aula

Diário	Ano	Professora	Diários: Aspectos objetivos/descritivos	Diários: Aspectos subjetivos
01	3º ano do Ensino Fundamental	A	<p><i>“Um educando, o qual pensei que seria mais um que encerraria o ano no nível pré-silábico II, aprendeu a escrever o seu pré-nome.”</i></p> <p><i>“Para mim, uma grande vitória, talvez, para quem nunca alfabetizou, ou quem nunca teve a oportunidade de trabalhar com seríssimas dificuldades de aprendizagem, ao ler este depoimento deve-se perguntar: “mas em novembro, final de ano e uma criança recém aprender a escrever seu pré-nome?””</i></p>	<p><i>“Termina mais uma semana de aula mas, com um brilho diferente.”</i></p> <p><i>“Porém, no universo que convivemos em sala de aula, cada pequeno progresso torna-se uma grande vitória, pelo histórico de vida de cada um dos educandos, no grande grupo e na individualidade.”</i></p> <p><i>“Enfim, Vitor Rafael escreveu no seu trabalhinho “VITOR RA”, e ganhei a semana.”</i></p>
02	3º ano do Ensino Fundamental	A	<p><i>“Escrever exige um maior compromisso. Registrar sistematicamente maior ainda. É um ato de deixar posto nossos fazeres e os fazeres de nossos alunos. O processo de alfabetização precisa disso, desse re-olhar sobre...”</i></p>	<p><i>“Pensar e escrever sobre a prática. São movimentos reflexivos, porém diferentes.”</i></p>
03	3º ano do Ensino Fundamental	A	<p><i>“Nesta semana, praticamente encerrando o ano letivo, estamos realizando testagens individuais.”</i></p> <p><i>“Sei que existem questões maiores, em que muitos deveriam ter atendimento especializado</i></p>	<p><i>“Particularmente, sei que talvez seja um “sentimento errado”, mas sinto muita frustração quando não vejo progresso no meu educando.”</i></p> <p><i>“Nos dias 1º, 02 e 03 de dezembro, participamos</i></p>

		<p>(neurologia, psicologia, etc), mas há um conjunto der situações que deveriam estar unidas para que isso acontecesse, iniciando pela casa, escola, e o mais importante, pelas políticas públicas que são mal elaboradas, mal distribuídas. Quando penso nisso tudo, às vezes me pergunto será que é possível...”</p> <p>“Assisti ao relato de educadoras com projetos de “uso do Notebook em sala de aula”, excelente, porém questionamos como os mesmos foram adquiridos. A diretora relatou que recebeu o questionário da CRE e foi aprovado por preencher alguns pré-requisitos, eis alguns deles: sala de aula com 20 alunos, famílias comprometidas e localidade da escola. Não sei se, em minha mente “maliciosa”, mas fica subentendido que em bairros de periferia esses computadores jamais chegarão.”</p> <p>“Alguns palestrantes relataram nossa realidade, o que já estamos “carecas de saber”. Gostei muito de algumas dinâmicas apresentadas pelo profissional em Ciências, que conseguiu unir Matemática, 100% com a realidade dos educandos, junto com a socialização dos mesmos.”</p>	<p>de dois dias de formação em Alfabetização e Letramento. Levei algumas ansiedades e, infelizmente, retornei com as mesmas.”</p> <p>“A tão questionada inclusão, termina por exclusão, pois, o mesmo tempo que temos educandos com seríssimos problemas de aprendizagem, temos os outros, que vão ficar como... simplesmente, como os outros... Desculpe o desabafo, mas acredito que estamos em um grande momento de conflito na alfabetização! Abraços fraternos!”</p>
--	--	--	---



			<p><i>“Enfim, acho que é possível mesmo com todas as adversidades, pois acredito no processo da alfabetização, conforme o tempo do educando e, quanto à promoção, isto é, a não retenção no 2º ano, não defino que sou contra, mas acredito que as escolas, profissionais, pais e educandos ainda não estão prontos para esta mudança, acredito na transformação, mas não à “fôrceps”.”</i></p>	
04	3º ano do Ensino Fundamental	A	<p><i>“Todos foram aprovados, mesmo os que não construíram conhecimento na leitura e na escrita. É a progressão continuada.”</i></p> <p><i>“É hora de rever metodologia, conceitos, paradigmas. Desafios maiores exigem uma formação mais consistente e contínua para dar conta dos mesmos.”</i></p>	<p><i>“Chegou o final do ano letivo. Algumas conquistas. Outros desafios para o próximo ano.”</i></p>
05	3º ano do Ensino Fundamental	A	<p><i>“Os dias iniciais foram de socialização, diálogo, atividades diversificadas com música, brincadeiras dirigidas além de testagens para saber os níveis de cada educando. No grande grupo há todos os níveis, desde alguns educandos pré-silábicos II até alfabetizados III, que já produzem textos. Novamente acredito que tenho um grande desafio, pois o trabalho deverá ser diferenciado, atingindo</i></p>	<p><i>Primeiro dia de aula, expectativa dos educandos e nova ansiedade, pois seus olhos brilhantes nos questionam: “o que iremos aprender”, e nossa ansiedade e não decepcioná-los.”</i></p> <p><i>“Estou muito entusiasmada, pois este ano teremos a Feira de Ciências, e o tema escolhido foi “Cinema”, o qual eu</i></p>

			<p><i>todos ao mesmo tempo.”</i></p> <p><i>“Os educandos deixaram a marca de sua mão na “Parede da Fama” na nossa sala de aula com seus nomes em estrelas, onde cada um será um artista neste ano, onde além de trabalharmos com vários filmes, faremos a nossa própria história, isto é, produziremos um filme.”</i></p>	<p><i>torci que fosse o mais votado. Estou com muitas ideias, falta organizá-las, e os educandos já entraram em sintonia com a feira, trocam filmes, comentam e já estão ansiosos para a grande realização em outubro.”</i></p>
06	3º ano do Ensino Fundamental	A	<p><i>“Cada um com o seu tempo. Alguns, iniciando o reconhecimento de letra e som. Outros formando sílabas, lendo e escrevendo palavras, e já aqueles que leem e escrevem frases e textos.”</i></p> <p><i>“O estímulo está vindo devido á história do cinema, filmes, onde questionamos, trabalhamos o nome de atores e filmes, através do alfabeto do cinema que temos em sala de aula.”</i></p> <p><i>“Associando à isso, eles relacionam aos sons das letras, através dos nomes dos filmes que estão expostos nas paredes. Associam também à figura, o que aproxima-os ainda mais da leitura e da escrita.”</i></p> <p><i>“Na semana anterior realizamos dois dias de paralisação, os quais foram muito positivos, pois nos proporcionaram momentos de luta por um salário</i></p>	<p><i>“Estas últimas semanas estão sendo muito positivas, porque o grande grupo cada dia está mais participativo, interessado, fazendo com que os demais educandos também se interessem mais pela aprendizagem.”</i></p> <p><i>“Enfim, este é o meu relato e espero ter novidades no próximo diário, como por exemplo, mais um educando alfabetizado.”</i></p>

			<p><i>digno. No início me senti um pouco só, pois diante de um grupo de profissionais na escola, fomos apenas entre duas. Chegando lá no Palácio Piratini me senti fortalecida, pois vi muitos colegas unidos, acreditando na causa. Posso estar errada, mas acho que a maior parte do grupo acostumou com a comodidade e de certa forma, isso traz uma certa indignação, pois afinal, a luta é por um todo e não pela individualidade, como está sendo.”</i></p>	
07	3º ano do Ensino Fundamental	A	<p><i>“Ganhamos da escola uma caixa com grande diversidade de jogos que desenvolvem a atenção, percepção, conhecimento de letras e palavras, entre outros. Estipulei um dia da semana para socializarmos os jogos e está sendo muito positivo.”</i></p> <p><i>“Auxiliei no início, agora apenas sou mediadora, pois eles ensinam uns aos outros, “brigam”, brincam, pronunciam os sons das letras...”</i></p> <p><i>“É muito legal assistir aos educandos, jogando e aprendendo uns com os outros. Estou iniciando as avaliações e poucos continuam apresentando dificuldades na aprendizagem. Infelizmente ainda há alguns que não reconhecem as letras.”</i></p>	<p><i>“Nestas semanas estou realizada com a evolução do conhecimento da maioria dos educandos.”</i></p> <p><i>“Ora sinto-me culpada. Ora sinto a ausência da família em busca de atendimento especializado. Mas, lutar sempre, desistir jamais.”</i></p>

08	3º ano do Ensino Fundamental	A	<p><i>“Nesta semana realizei avaliações da Língua Portuguesa, contendo reconhecimento de letra e som, escrita de palavras e frases; interpretação de desenhos e textos.”</i></p> <p><i>“Ainda não realizei a avaliação da leitura. Sinto diariamente a evolução do conhecimento do interesse dos educandos.”</i></p>	<p><i>“Questionam muito, refletem, observam e perguntam. Levantam hipóteses.”</i></p> <p><i>“Sinto que eles estão seguros e felizes. Mesmo aqueles que ainda apresentam seríssimas dificuldades de aprendizagem, realizam com empenho as atividades. Alguns se dando conta de seus “erros” e outros, que ainda não percebem. Em suma, estou muito feliz, e acredito que, encerrando positivamente estas semanas.”</i></p>
09	3º ano do Ensino Fundamental	A	<p><i>“Tenho passado por momentos de reflexão em que me questiono se estou utilizando a metodologia correta, se preciso buscar outras formas de trabalhar. Tudo isto diante da tamanha heterogeneidade presente na turma.”</i></p> <p><i>“Muitas atividades estão dando certo porém sinto que preciso buscar outras para contemplar os que ainda não estão conseguindo se inserir no universo da leitura e da escrita. Até mais!”</i></p>	
10	3º ano do Ensino Fundamental	A	<p><i>“Às vezes, fico observando, ora penso que trata-se de dificuldade ou comprometimento neurológico ora penso que também apresentam falta de</i></p>	<p><i>“Passou rápido mas já estamos encerrando o trimestre dia 31 de maio. A maioria, como já havia relatado antes, está evoluindo na</i></p>

			<p><i>interesse. Realizei uma atividade de motricidade fina (com bolinhas de papel crepom) e observei que o educando, mesmo tendo condições de realizar o trabalho não apresentou interesse, o que me fez refletir sobre a diferença entre dificuldade e interesse.”</i></p>	<p><i>aprendizagem. Mas, na individualidade, alguns me preocupam muito, pois não percebi nenhum progresso na aprendizagem.”</i></p>
11	3º ano do Ensino Fundamental	A		<p><i>“Cada dia que passa penso que a educação é um conjunto de comprometermos, isto é, família e escola, onde, além do conhecimento, o educando deve compreender que necessita ter autonomia e responsabilidade diante de suas ações, conforme sua idade, é claro!”</i></p>
12	3º ano do Ensino Fundamental	A	<p><i>“Mudamos neste trimestre a disposição das classes, onde formamos pequenos grupos e tivemos um diálogo sobre apoio ao colega, a diferença entre ajudar e fazer para o colega, como devem realizar as atividades em grupo...”</i></p> <p><i>“Está sendo uma boa experiência pois ficaram juntos educandos em níveis diferentes. Alguns leem e escrevem e outros ainda não construíram conhecimento na leitura e na escrita.”</i></p> <p><i>“Aconteceu algo muito</i></p>	<p><i>“Os educandos, no geral, estão progredindo a cada dia, estamos trabalhando com vários tipos de produções escritas, projetos com jornais, montagens, o que está despertando o interesse de muitos e está me desafiando cada vez mais. Até mais!”</i></p>

			<p><i>interessante na semana anterior. Em um trabalho de interpretação oral e escrita os educandos confeccionaram um navio, com dobradura de papel. Um dos educandos, o B..., que só faz interpretação oral, conseguiu pela primeira vez confeccionar sozinho o seu navio, e ficou radiante! E, quando solicitei que auxiliasse os outros colegas, ele ficou mais feliz ainda. Conversei com a mãe que relatou, brincando: “Por isso que não tenho mais folhas em casa e só enxergo barcos de papel!”””</i></p> <p><i>“Esta descoberta, com B... me incentivou a dar continuidade em atividades assim, em grupo. Foi um grande incentivo a este educando que apresenta comprometimento neurológico e ainda não reconhece letras, não escreve e não reconhece cores mas se descobriu como alguém que aprende e que também pode ensinar, pode trocar saberes com seus pares.”</i></p>	
13	3º ano do Ensino Fundamental	A	<p><i>“Bom, repensar a própria prática. Este exercício, sem perceber, faço diariamente, ao me perguntar: será que estou fazendo correto? Se eu trabalhar em grupo? Como formar grupos com crianças em níveis diferentes? Que tipo de atividade? E assim vai...”</i></p>	<p><i>“A angústia e a vontade de que os educandos superem suas dificuldades é tão grande, que às vezes me perco neste “repensar”.”</i></p> <p><i>“Pensar sobre é diferente de escrever. Comecei a refletir</i></p>

			<p><i>“Sentada na cama, em volta com vários livros e folhas, pensando em cada rosto nos momentos de planejamento.”</i></p> <p><i>“Já comparei educandos em que registrei uma aprendizagem no início e fui vendo sua evolução através dos registros. A escrita no Diário de Aula me fez ter re-olhares sobre a prática para então retomá-la de uma maneira mais competente e eficaz. Contribuiu muito para minha formação, minha mudança enquanto educadora, pois é diferente pensar de que escrever. A escrita fica. Pode-se voltar. Ler. Reler. Retomar ações.”</i></p>	<p><i>sobre várias questões quando comecei a registrar no “Diários de Aula”. Muitas situações que acontecem acabam passando. E, quando comecei a registrar, percebi que elas não passavam. Ao serem registradas, elas ficam.”</i></p> <p><i>“Os sentimentos registrados são diversos: tristeza, angústia, vergonha: “Como, com tantos anos de Magistério fui errar assim?” Ou sentimento de sucesso: “Consegui, meu aluno se alfabetizou!””</i></p> <p><i>“Achei muito positivo os relatos sobre os Diários de Aula também. Gostaria de ler de outras pessoas, para saber se seus sentimentos são parecidos com os meus e trocar ideias com quem essa prática de escrita nos mesmos. Beijão Darlene e sorte nesta estrada tão difícil mas tão maravilhosa, com misturas de sentimentos. Avante e sucesso!”</i></p>
//////////	////////////////////	////////////////////	////////////////////////////////////	////////////////////////////////////
Diário	Ano	Professora	Diários: Aspectos objetivos/descritivos	Diários: Aspectos subjetivos

01	2º ano do Ensino Fundamental	B	<p><i>“Tive grandes evoluções desde o início quando recebi toda a turma PS 2. Hoje a maioria está entre alfabético e alfabetizado.”</i></p> <p><i>“Tenho dois educandos que mais me preocupam, pois não estou conseguindo grandes avanços na aprendizagem.”</i></p> <p><i>“Um deles, um menino, tem sérias dificuldades na fala. Não consigo compreender quase nada do que ele fala, principalmente quando está agitado. Copia tudo do quadro mas não sabe o que está copiando. Demonstra agitação em atividades individuais de escrita e procura copiar dos colegas. Conhece poucas letras e poucos números. A família já foi chamada mais de uma vez com relação à fala mas os responsáveis dizem que já levaram ao médico e estão aguardando serem chamados, isso é, desde a primeira semana de aula que venho questionando a família e nada foi feito até o momento. O educando vai para o 2º ano com dificuldades e se não for tratado por especialistas vai crescer e acabar sofrendo com piadas e brincadeiras maldosas.”</i></p> <p><i>“A segunda é uma menina, tem muita dificuldade de concentração, não consegue terminar as atividades nem mesmo a</i></p>	<p><i>“Hoje recebi um caderno onde devo escrever as minhas reflexões diárias referentes à prática de sala de aula. Tenho duas turmas de 1º ano, nas quais sinto muito prazer em trabalhar. Na turma da manhã tenho uma estagiária.”</i></p> <p><i>“Eu trabalho diretamente no momento com a turma da tarde. Tenho 18 alunos frequentando a turma. No geral os educandos são participativos, interessados, comprometidos na realização das atividades. No geral os educandos estão muito bem em seu processo de aprendizagem.”</i></p> <p><i>“Por enquanto é só. Espero que possa estar contribuindo para o trabalho. Qualquer dúvida é só deixar um recado.”</i></p>
----	------------------------------	---	--	--



			<p><i>data. Conhece poucas letras e poucos números. É agitada, está sempre conversando e tira a concentração dos colegas. Mesmo sentada ao meu lado, por opção dela, ainda assim não consegue copiar as atividades do quadro, nem por cinco minutos consegue concentração. A família relata que em casa ela age do mesmo modo. Nunca realiza as atividades de tema de casa, segundo a educanda, a mãe não ajuda e às vezes coloca fora os trabalhos, a mãe diz que a falta do pai contribui para que a educanda seja assim.”</i></p> <p><i>“O nome ela consegue escrever sozinha faz pouco tempo. Estou muito feliz com a evolução de uma das alunas nunca conseguiu copiar do quadro nem mesmo a data. Já faz alguns dias que está conseguindo copiar tudo, eu e os colegas sempre batemos palmas pois isso é uma vitória, já que a mesma muitas vezes não colocava nem mesmo a primeira palavra no caderno. O nome ela escreve desde o final do 1º trimestre.”</i></p>	
02	2º ano do Ensino Fundamental	B	<p><i>“Vai chegando o final do ano e as preocupações vão aumentando a cada dia. É época de avaliação e apesar do primeiro ano não reprovar, eu me preocupo e trabalho para que os educandos possam ir para o</i></p>	<p><i>“O que me deixa triste e com certo sentimento de culpa é que infelizmente não são todos que conseguem concluir esse processo no 1º ano, alguns nem no 2º ano, e outros</i></p>

			<p>2º ano conhecendo as letras, os números, compreendendo o processo da leitura e da escrita.”</p> <p>“Um aluno começou a escrever palavras simples e está lendo, bem devagar, mas o que importa é que está evoluindo, apesar de não ter o apoio da família para realizar as atividades de casa, ele faz por ele mesmo. O educando não consegue se organizar, dificilmente conclui as atividades de cópia do quadro, mas conhece as letras e está evoluindo em seu processo de aprendizagem.”</p> <p>“Fizemos brigadeiro essa semana, foi bem interessante. Todos os alunos participaram da atividade que já estava marcada há bastante tempo. Era a culminância do trabalho para a Feira de Ciências, onde trabalhamos os sentidos.”</p>	<p>seguem repetindo o 2º ano várias vezes.”</p> <p>“Muitas vezes parece que tudo o que eu falo e faço não é compreendido por alguns alunos. Mesmo jogos e atividades diferenciadas não atraem a atenção deles por muito tempo.”</p> <p>“Durante a semana também tive muitas alegrias, observei que mais dois alunos estão lendo.”</p>
03	2º ano do Ensino Fundamental	B	<p>“Tivemos um curso de formação continuada sobre Programa de Formação Continuada dos alunos do 1º ao 3º ano do ensino fundamental. Curso sobre Alfabetização e Letramento.”</p> <p>“Quando fui comunicada que haveria um curso de formação para falar sobre a progressão dos alunos do 1º ao 3º ano fiquei bem feliz, pensei que a partir</p>	<p>“No segundo dia pela manhã teve um relato interessante sobre o ensino da Matemática no dia-a-dia através do jornal do bairro, de onde eram retiradas reportagens que chamassem atenção dos alunos e dali era trabalhada a disciplina com os dados que constavam nas reportagens.”</p>

			<p><i>desse curso fossem sanadas as minhas dúvidas a respeito do assunto, mas na verdade não foi o que aconteceu. Passamos dois dias ouvindo relatos de práticas que já trabalhamos em sala de aula e palestras cujos assuntos já conhecíamos. Assuntos que se tornam repetitivos e cansativos, ainda mais nessa época do ano”.</i></p> <p><i>“Quanto á progressão, o que fazer, como fazer não foi trabalhado diretamente nos dois dias de curso dos quais participei. Eu confesso que fiquei frustrada. Gostaria de ter tido acesso á mais informações.”</i></p>	<p><i>“Em seguida ao relato tivemos palestra sobre trabalhando a Matemática nos anos Iniciais. Foi bem interessante. A professora nos deu exemplos práticos e descontraiu a platéia com dinâmicas envolvendo a Matemática e a socialização. A palestrante foi interrompida pelo nosso coordenador que iria dar bom dia e se estendeu por quase uma hora.”</i></p>
04	2º ano do Ensino Fundamental	B		<p><i>“Final de ano. Aprendi muito. Ensinei também. Fiquei feliz com o progresso de muitos. Me emocionei com cada palavra lida. Cada palavra escrita. Escrever sobre isso me faz deixar registrado o quanto é importante é esse momento para mim e para eles.”</i></p>
05	2º ano do Ensino Fundamental	B	<p><i>“A turma da manhã é tranquila. No geral conseguem realizar as atividades. Tenho vários alunos que estão lendo e escrevendo mas também tenho alunos que não conhecem as letras.”</i></p>	<p><i>“O início do ano de 2012 foi de muitas mudanças gerando ansiedades e expectativas.”</i></p> <p><i>“Trabalhei durante dois anos com o primeiro ano, turma na qual amo desempenhar minha prática docente.</i></p>

				<p><i>Gosto de poder fazer parte do início da vida escolar dos educandos, viver as primeiras aprendizagens, as descobertas. Participar do processo inicial da alfabetização, quando eles começam a conhecer as letras, os números e estabelecer relações. As primeiras palavras escritas e lidas com muita emoção.”</i></p> <p><i>“Mas este ano vou viver novas experiências com turmas de 2º ano. Durante a primeira semana de aula, pude observar que tenho duas turmas muito diferentes tanto nas aprendizagens quanto no comportamento. Esse desafio é algo que está me preocupando muito. Porém a minha preocupação maior é com a turma da tarde que apresenta um perfil agitado, com dificuldade de parar e escutar o que está sendo falado.”</i></p> <p><i>“Muitos não conhecem as letras, não realizam as atividades, tem dificuldades de prestar atenção. Ainda não sei como fazer para atrair a atenção deles.”</i></p>
06	2º ano do Ensino	B	<i>“Esta semana fiz reunião com os pais.</i>	<i>“Na turma da tarde estou trabalhando</i>

	Fundamental		<p><i>Compareceram em torno de 50% em cada turma. Falei sobre a progressão continuada. As mães da turma da tarde questionaram o fato dos alunos passarem sem saber ler e escrever”.</i></p> <p><i>“ Fizemos combinações a respeito de evitarmos o consumo de salgadinhos, bolacha recheada e refri na escola. Essa fala está relacionada com o trabalho que também será feito no turno Integral. As mães, de ambas as turmas, concordaram.”</i></p> <p><i>“ Combinamos que toda segunda-feira os educandos podem trazer brinquedos. O objetivo dos brinquedos é trabalhar a produção textual a partir dos relatos. Na verdade estou buscando estratégias para atingir o interesse os alunos.com objetos que tenha significado para eles.”</i></p> <p><i>“Estou passando por um processo de reflexão, ainda não sei se o que estou trabalhando dará resultados positivos. Ainda estou verificando o que cada aluno sabe, mas infelizmente pude observar que temos dificuldades de aprendizagem que vão além de nossos conhecimentos pedagógicos. Eu me vejo impotente diante de 30 alunos, cada um com suas particularidades e muitos</i></p>	<p><i>regras de convivência, o espaço, noção de fila, momento de silêncio, saber esperar e ouvir, não está sendo fácil.”</i></p> <p><i>“Eu só penso em como fazer com que todos aprendam a ler e a escrever se muitos não conseguem escutar o que eu falo”.</i></p>
--	-------------	--	--	---

			<p><i>infelizmente só contam com o apoio da escola.”</i></p> <p><i>“Eu estou trabalhando com a escrita de palavras, reconhecimento do nome a partir de palavras trabalhadas, reconhecimento das letras associando-as a desenhos, em número de sílabas e número de letras.”</i></p> <p><i>“Hoje fiz atividades no pátio, estimulando a escuta através de comandos como: direita, esquerda, em cima, embaixo. Brincadeira de morto e vivo. Percebi avanços, mas ainda falta muito.”</i></p>	
07	2º ano do Ensino Fundamental	B	<p><i>“A ideia de fazer o dia do brinquedo surgiu de uma conversa com uma colega. Está dando resultado positivo, já é a segunda semana que os educandos trazem brinquedos na segunda-feira.”</i></p> <p><i>“Estamos conseguindo fazer produções bem criativas no coletivo. O registro, é claro, precisa ser mais sucinto, mas o que importa é a construção da ideia do que é uma produção textual com início, meio e fim.”</i></p> <p><i>“Uma das produções teve início com duas amigas indo almoçar com dois amigos. Ganharam um urso de pelúcia que deveria ser dividido. Após o almoço foram passear no parque e andar de skate. O</i></p>	<p><i>“A cada dia percebo mais que a nossa função não é só mediar a construção da leitura e da escrita mas sim intervir oralmente, desde amarrar o tênis até a utilização correta do vaso sanitário.”</i></p> <p><i>“A função da educação mais formal, muitas vezes fica de lado para que se possa dar conta de questões básicas de higiene, convívio e boas maneiras.”</i></p>

			<p><i>educandos estão gostando de serem parte das histórias.”</i></p> <p><i>“Comecei a trabalhar a campanha da fraternidade esta semana. Mandei de tema um questionamento sobre o que é saúde pública. Fiquei surpresa com as respostas dos pais. O aluno M. é muito esperto e inteligente. Ficou fazendo questionamentos sobre o que é imposto. É uma criança que tem o apoio dos pais. Por outro lado, aqueles alunos que além de ninguém auxiliar a fazer o tema, também não estavam entendendo nada, apesar de todas as explicações e exemplos. Há aqueles que nem escutaram o que foi falado. Infelizmente são poucos os que contam com o apoio esclarecido dos responsáveis. Teve uma aluna que disse que avó não sabia mas ligou para o tio para perguntar e ele respondeu “É direito de ter médico para todos” Achei muito interessante o empenho da família para responder.”</i></p> <p><i>“Também aproveitando o tema saúde estou trabalhando higiene. Eu sempre falo e questiono eles sobre os hábitos de higiene. Durante uma conversa sobre o uso dos sanitários da escola, que as meninas devem sempre forrar o vaso com papel antes de sentar</i></p>	
--	--	--	--	--

			<p><i>para não pegar doenças, que devem usar papel para se limpar, toda vez que forem fazer xixi ou cocô. Um menino disse que os meninos não precisam se secar quando fazem xixi porque o pai dele disse que homem não usa papel quando faz xixi. Eu respondi que sim, os meninos também podem usar para não ficar com a cueca molhada ou com cheiro. Ele ficou me olhando.”</i></p> <p><i>“Faço sempre essa fala pois percebo que muitos vão ao banheiro sem levar papel. Acredito que em casa não cultivam esse hábito. Até aula de como “se limpar” após defecar eu dei. Um aluno disse: Professora, mas quando sair só um pouquinho sujo é porque já está bom.”</i></p>	
08	2º ano do Ensino Fundamental	B	<p><i>“Esta semana sugeri aos meus alunos que fizéssemos um Diário de Leitura, onde vamos escrever juntos palavras iniciadas com cada letra do alfabeto. O objetivo do diário é que eles leiam em casa as palavras e juntamente com a família escrevam novas palavras e até pequenos textos ilustrados.”</i></p> <p><i>“Eu raramente mando tema de casa, pois os alunos já ficam na escola mais de 7 horas por dia. As poucas vezes que mando tema a</i></p>	



			<p>maioria volta sem fazer. O diário é uma maneira de estimulá-los a ler e a escrever.”</p> <p>“Observei na primeira vez que fizemos os registros que até aqueles alunos que nunca copiam, não participam, se mostraram interessados e fizeram os mesmos. Na sala registramos 10 palavras. Cada grupo escolheu 3 e a professora 1. Está sendo bem legal”.</p>	
09	2º ano do Ensino Fundamental	B	<p>“Hoje iniciei com os alunos a construção de um livro com várias histórias produzidas e reescritas por eles. Essa ideia é em função do Dia do Livro Infantil, juntamente com o nosso dia de visita à biblioteca, onde os alunos escolhem os livros que irão levar para casa e fazem a leitura de outros.”</p> <p>“Cada dia um livro é escolhido pelos alunos para que eu leia a história, após a exploração oral do livro, personagens, autor, enredo, vamos para a sala de aula e os alunos reescrevem a história em forma de desenho ou escrita.”</p> <p>“O objetivo PE explorar a escrita e a a leitura, assim como a imaginação e a criação. Pude observar ao longo do tempo, as evoluções no processo de aprendizagem. No final de cada trimestre vamos fazer</p>	

			<i>a capa e entregar juntamente com as avaliações para os responsáveis.”</i>	
10	2º ano do Ensino Fundamental	B	<p><i>“Tem casos que vão além do meu conhecimento e das condições que temos na escola pública.”</i></p> <p><i>“Tenho muitos casos que precisam da ajuda de profissionais especializados, mas infelizmente dependem do SUS e também da família que muitas vezes não compreende a necessidade da criança.”</i></p>	<p><i>“Às vezes me pego observando a turma e penso o que estou fazendo para contribuir com a aprendizagem desses educandos, pois parece que o que falo e faço para alguns não faz o menor sentido, passo a aula toda circulando entre as classes e observando o trabalho dos alunos. Vejo que tenho alunos que estão de corpo presente, porém não compreendem o que falo, o que está acontecendo.”</i></p> <p><i>“Gostaria de ser menos preocupada com esses alunos, mas não consigo. Eu fico me cobrando o tempo todo pelo fato de ter alunos que não sabem e não fazem nada durante a aula toda. E ao mesmo tempo sei que não posso fazer milagres.”</i></p>
11	2º ano do Ensino Fundamental	B	<i>“Durante a semana tive uma surpresa com o L. Esse aluno nunca concluiu uma atividade, nem mesmo a data ele escrevia no caderno. Não sei se é “certo”, se é pedagógico ou não, mas eu adotei um carimbo para estimular os alunos a realizar as atividades. Quem realiza</i>	<i>“Enfim, fiquei muito feliz por saber que o L. consegue fazer, mas precisa ser estimulado a todo momento. Por merecimento ele ganhou dois carimbos e ficou ,muito feliz mostrando o caderno para todos, fiz questão de elogiá-lo para os</i>

			<p>tudo ganha o rostinho feliz. O L. se esforçou e conseguiu realizar toda a atividade do quadro, coisa que desde o início do ano ele nunca tinha feito, eu pensava que ele não sabia escrever, pois nunca tinha feito nada no caderno nem mesmo pintar os desenhos das atividades. Segundo relato das colegas e da mãe, no ano anterior ele nunca fazia nada em aula. A mãe disse que mudou o filho de escola porque a professora não passou a mão na cabeça dele quando ele e um colega brigaram e por isso ele ficou assim, pois até então ele sempre fez tudo, a partir desse dia ele ficou com raiva da professora e não quis mais fazer nada.”</p> <p>“Com isso, no ditado de palavras que fiz com a turma ele também fez e percebi que está silábico colocando uma vogal para cada sílaba.”</p>	<p>colegas.”</p>
12	2º ano do Ensino Fundamental	B	<p>“Estamos trabalhando atividade para o dia das mães, ensaios, músicas, desenhos, coisas que as mães gostam , recados e mimos para as queridas mães.”</p>	<p>“Durante uma atividade que pedia para desenhar a mãe, um aluno perguntou se podia desenhar ele dentro da barriga da mãe. Eu fiquei emocionada e respondi que sim. Esse aluno foi abandonado pela mãe ainda pequeno, é criado pelos avôs paternos, juntamente com a irmã menor. O pai casou novamente e a esposa</p>

				<p><i>do pai não quis os filhos morando junto com eles.”</i></p> <p><i>“Como é difícil trabalhar essa data para algumas crianças. Durante os ensaios para a apresentação é possível perceber o quanto a mãe é importante para eles, já alguns que sabem que a mãe não vem assistir, eles não querem ensaiar e fazem tudo para atrapalhar os outros.”</i></p>
13	2º ano do Ensino Fundamental	B		<p><i>“Pedi de tema de casa para os alunos desenharem os membros de sua família. L. fez o tema pela primeira vez. Eu elogiei e perguntei quem tinha ajudado. Ele respondeu que foi a mãe. Eu no questioneei sobre os membros da família e ele foi me dizendo que era o irmão, a irmã, o primo e ficou em dúvida com uma mulher e disse que era a tia.”</i></p> <p><i>“O que me chamou a atenção foi que ele não fez a mãe. Na dúvida ele disse que era a tia. Parece que quer evitar a presença da mãe.”</i></p> <p><i>“Não fica difícil perceber porque a criança não tem estímulo para fazer as</i></p>

				atividades.”
14	2º ano do Ensino Fundamental	B	<p>“Durante a realização das avaliações do trimestre percebi a evolução de alguns alunos, mas o V. foi o que mais me surpreendeu. Esse aluno ficou fora da escola durante 4 anos. Hoje ele tem 10 anos. No início do ano estava Ps2. Tinha muito medo de colocar as letras, dizia que não sabia e não conseguia avançar, mas hoje percebi que está alfabético. Lê palavras simples e escreve. Fiquei muito feliz por ele, é uma pena ter perdido tanto tempo, ele poderia estar no 5º ano.”</p>	<p>“Esse aluno é muito interessado, presta atenção em tudo o que eu falo, faz todas as atividades. Sempre pede para levar livros para casa e fica feliz ao relatar o que leu.”</p> <p>“A alfabetização é uma mistura de emoção com ansiedade. Fico muito feliz pelos alunos que conseguem avançar e seguem descobrindo coisas novas mas também sofro muito por aqueles que não conseguem avançar. O tempo passa e eles vão fiando, os avanços são mínimos e muitas vezes parece que nunca vão conseguir sair do nível Ps2. A ansiedade por querer que esses alunos também avancem é muito grande e às vezes atrapalha.”</p> <p>“Muitas vezes eu passo a aula toda chamando a atenção daqueles alunos com mais dificuldades de aprendizagem porque quero que eles também façam parte do grupo, pois percebo que se dispersam facilmente.”</p>
15	2º ano do Ensino Fundamental	B	<p>“Hoje encerra o trimestre. Fiz as avaliações ao longo das duas últimas semanas. Avaliação de leitura e de</p>	<p>“Na turma da tarde o problema é maior. Tenho 8 alunos PS2. Alguns ao conhecem as</p>

			<p><i>escrita de palavras e frases, reconhecimento de números, adição, subtração de unidades. Observei avanços em alguns alunos, já em outros nem tanto.”</i></p> <p><i>“Na turma da manhã tenho 3 alunos PS2, todos com dificuldades na fala. Eu quase não compreendo o que eles falam. Na avaliação de leitura de letras e palavras eu preciso deduzir o que eles estão dizendo. Desses alunos apenas um a mãe está buscando ajuda. O outro é meu aluno desde o ano passado, desde o início eu pedi para a mãe procurar ajuda mas ela diz que já buscou, mas pelo SUS é demorado. O pior descaso é o aluno “M”é que a mãe quando questionada disse que o filho era assim mesmo: “Ele não aprende, é igual aos irmãos. Todos tem problema e não aprendem mesmo.””</i></p>	<p><i>letras. A família não procura saber como o filho está na escola. É um descaso. A família larga na escola e acha que é obrigação só da escola a aprendizagem da criança, quando ambas deveriam estar junto”.</i></p>
16	2º ano do Ensino Fundamental	B	<p><i>“A ideia era que a aula fosse reflexiva, com atividades de produção escrita e artística. Acabou sendo uma aula de simples cópia”.</i></p>	<p><i>“Hoje foi um dia difícil. Passei “apagando incêndio” desde cedo. A minha aula que era para ser uma aula produtiva, pois planejei trabalhar um texto sobre a Noite e o Dia.”</i></p>
17	2º ano do Ensino Fundamental	B	<p><i>“Estou feliz por ter ganho a ajuda de uma professora que faz um trabalho de apoio com os alunos em sala de aula. Esse trabalho está sendo muito importante</i></p>	

			<p><i>para os alunos que tem mais dificuldades pois eles estão recebendo atendimento individualizado”.</i></p> <p><i>“É possível ver o entusiasmo e dedicação por conseguirem com ajuda concluir as atividades, coisa que sozinhos às vezes não conseguem. Na verdade esse projeto deveria atender a todas as turmas dos Anos Iniciais.”</i></p>	
18	2º ano do Ensino Fundamental	B	<p><i>“Estamos trabalhando com o jornal na sala de aula. Está sendo uma experiência muito boa, os alunos estão gostando de ver as reportagens, os que já sabem ler querem comentar e ler em voz alta para os demais.”</i></p> <p><i>“Essa semana trabalhei o encarte do jornal que trouxe a reportagem das escolas de várias cidades que tem o projeto do Jornal em Sala de Aula. Os alunos se identificaram com os alunos das outras escolas. Está sendo produtivo.”</i></p>	
19	2º ano do Ensino Fundamental	B	<p><i>“Por falar em planejamento eu sempre planejo as minhas aulas semanalmente, mas dificilmente consigo seguir a risca tudo o que eu tinha em mente para com as atividades porque sempre acontece algo que faz mudar ou adaptar certas atividades.”</i></p>	<p><i>“Tem dias que ser professora não é tarefa fácil. Dá vontade de largar tudo e sair correndo, mas depois de contar até 1000 e respirar é possível rever a prática e dar a volta por cima”.</i></p> <p><i>“Hoje foi um dia de superação</i></p>

			<p>principalmente à tarde. Começou cedo, desde a entrada do turno. O educando “A” não aceita regras e tampouco combinações. Ele quer sempre impor sua vontade. Hoje ele pegou o estojo do colega e depois bateu no mesmo com o caderno. Quando chamada sua atenção ele age como vítima, se nega a fazer as atividades e passa o tempo todo provocando, a mim e aos colegas. Estávamos trabalhando com uma história que eu havia contado “Grandes Amigos”, que fala sobre a importância de ajudar, de respeitar os amigos, colegas e professora. Mas com o “A” não teve efeito. Durante a escrita de palavras no quadro surgiu a palavra MACACO e o “A” disse: “O macaco é igual tu, né professora?” Eu pensei por um instante e ouvi as crianças dizendo: “Olha o que tu falou para a professora”. Então eu disse: “Isso mesmo “A”, tu sabe que todos nós somos descendentes de macacos. Dei a explicação que já era conhecida por muitos. Então ele ficou</p>
--	--	--	--



				<p><i>surpreso e disse para os colegas: “Viu? Eu disse uma coisa certa. Todos somos dos macacos.” Foi o jeito que encontrei para não potencializar a fala dele para o lado pejorativo.”</i></p> <p><i>“A cada dia a sala de aula é uma nova aprendizagem que se constitui. Muitas vezes agimos por impulso diante de situações que não são planejadas, ora temos retorno positivo, ora não”.</i></p>
20	2º ano do Ensino Fundamental	B	<p><i>“Eu sei que não adianta só eu fazer o meu trabalho se a criança precisa também de outro tipo de ajuda para avançar no processo de aprendizagem. Eu vejo um “depósito” de crianças com sérios problemas, que vão ficando para trás e sendo promovidas sem nunca terem tido a chance de receber um outro tipo de ajuda que pudesse contribuir mais para a aprendizagem.”</i></p> <p><i>“Escrever no Diário de Aula foi uma experiência positiva para mim. Acredito que consegui rever alguns pontos sobre o meu trabalho e consegui mudar. Porém, relendo alguns registros eu consegui ver pontos que infelizmente não consegui mudar. É um sentimento de incapacidade diante de algumas situações</i></p>	<p><i>“A criança sofre quando não consegue acompanhar os colegas e eu sofro junto por fazer tão pouco por ela. Obrigada por me proporcionar esse momento de desabafo”.</i></p>

			<i>que não estão ao meu alcance como: auxiliar os alunos que precisam de ajuda especializada e não tem.”</i>	
//////////	//////////	//////////	//////////	//////////
Diário	Ano	Professora	Diários: Aspectos objetivos/descritivos	Diários: Aspectos subjetivos
01	3º ano do Ensino Fundamental	C	<p><i>‘Revela uma boa capacidade de decodificação gráfica. A maioria atribui significado pessoal à mensagem escrita (interpretação).’</i></p> <p><i>“Quanto á escrita, a maioria encontra-se alfabetizada, alguns alfabéticos, outros silábicos e um ou dois pré-silábicos”.</i></p> <p><i>“Tem facilidade em abstrair conceitos de adição e subtração.”</i></p> <p><i>“São organizados na realização dos trabalhos, às vezes perdem ou não cuidam convenientemente dos materiais escolares”.</i></p>	<p><i>“A turma 2º FA é concentrada e de um modo geral tem boa capacidade de compreensão e retenção de informações. É motivada frente às tarefas escolares, com exceção de alguns casos específicos.”</i></p> <p><i>“Poucos educandos necessitam ser lembrados das combinações de convivência estabelecidas pela turma.”</i></p> <p><i>“É uma turma que relaciona-se bem entre si e como os educadores em atitudes de respeito e de solidariedade.”</i></p>
02	3º ano do Ensino Fundamental	C	<i>“A turma possui, no seu geral, uma boa frequência, sendo raros casos de não assiduidade, os quais percebo prejudicar e muito o processo de ensino e aprendizagem”.</i>	<i>“Penso que a turma tem um bom potencial que deve ser explorado de maneira a desenvolver as habilidades individuais.”</i>
03	3º ano do Ensino	C	<i>“Nos dias 1º,02 e 03 de dezembro deste ano, 2011,</i>	<i>“O educador deve ir ao encontro de seus alunos</i>

	Fundamental		<p><i>participamos do Programa de Progressão continuada dos alunos do 1º ao 3º ano do ensino fundamental. Oferecido pela 27ª coordenadoria regional de educação, em Esteio, numa escola do estado.”</i></p> <p><i>“Foi nos mostrado algumas concepções de alfabetização e letramento e muitas sugestões de projetos e atividades para desenvolver nos anos iniciais nas diferentes áreas do conhecimento.”</i></p> <p><i>“Um dos pontos que mais me chamou a atenção foi a abordagem “Trabalhando a Matemática nos Anos Iniciais”, onde firmamos o nosso conceito de que a Matemática não deve ser trabalhada de modo formal, descontextualizado em sala de aula como “fazer continhas”, “encher linhas de números”.”</i></p> <p><i>“Entendemos que a Matemática é um produto cultural, precisa-se considerar contexto social e demandas culturais.”</i></p> <p><i>“O relato da professora “C” sobre a compreensão dos números e suas quantidades nos trouxe sugestões de como usar reportagens de jornais e revistas atuais para trabalhar com histórias matemáticas e gráficos representando as</i></p>	<p><i>com a certeza de que eles precisam da Matemática para lidar com as situações sociais e o que precisam aprender para lidar com essas situações.”</i></p>
--	-------------	--	---	---

			<p><i>quantidades encontradas nas histórias matemáticas e quantidades envolvendo aspectos da realidade.”</i></p> <p><i>“Outro ponto que chamou-me a atenção foi o relato da professora G. sobre “Textos Colaborativos com o uso do Google Docs”. Seus alunos tem acesso individualmente à netbooks onde tem a prática de criarem textos individuais e coletivos utilizando para formar este último, internet (e-mail).”</i></p> <p><i>“Ela apresentou um texto coletivo construído pela turma demarcando a parte criada por cada um. Penso que esta é uma prática que incentivará nossos alunos ao estudo, pois vivemos na era tecnológica e devemos acompanhar estas mudanças adequando-se às nossas salas de aula, ou melhor, devemos adequar nossas práticas pedagógicas ao movimento tecnológico.”</i></p> <p><i>“Acredito que toda formação continuada é importante na vida do profissional docente, pois os atualiza e sugere práticas inovadoras. A pergunta que para mim ficou depois de tudo isso é como trabalhar com crianças que chegarão ao 3º ano sem estar ao menos no nível silábico de alfabetização por</i></p>	
--	--	--	---	--

			apresentarem problemas neurológicos ou de qualquer outra natureza que esteja fora da alçada pedagógica.”	
04	3º ano do Ensino Fundamental	C	<p>“Neste ano de 2012 trabalho com o terceiro ano. Uma turma com 28 alunos. É uma turma bastante heterogênea, oriunda de um segundo ano onde experienciamos pela primeira vez a progressão continuada, ou seja, a não retenção nesta etapa da escolarização. A maioria dos educandos precisam ser alfabetizados, outros já leem e escrevem. Percebo que há muitas dificuldades de aprendizagem, alguns casos bem graves.”</p> <p>“Realizei também neste período testagens para diagnosticar níveis de alfabetização.”</p> <p>“Dividi a turma em dois grandes grupos: o grupo A necessita ser alfabetizado. O grupo B já finda esta etapa. Partimos para a produção textual, ortografia e assuntos mais condizentes com o seu momento.”</p>	<p>“Nas primeiras semanas de atividades são realizadas adaptações: educadora conhecendo educandos e vice-versa. Crianças novas ingressando, outras saindo ou trocando de turno.”</p> <p>“Tendo os resultados em mãos senti a necessidade de direcionar o meu trabalho de acordo com o momento de cada criança em seu processo educativo”.</p>
05	3º ano do Ensino Fundamental	C	<p>“Hoje chamei à minha mesa o aluno A e a aluna B. Pedi que ambos lessem algumas palavrinhas simples. Os dois conseguiram ler e alegraram-se muito com isso. Nesses momentos sinto-me compensada, o</p>	<p>“É com um pouco de frustração que começo a escrever essas linhas. Mais de 50% da minha turma não são alfabetizados. O restante, 9 alunos, estão alfabetizados, o que seria “normal”</p>

			<p><i>sentimento de frustração nessas horas dá lugar à satisfação.”</i></p>	<p><i>para crianças dentro de um terceiro ano do ensino fundamental.”</i></p> <p><i>“Estou confusa e um pouco perdida quanto á metodologia a ser utilizada com esses educandos, sendo que os objetivos de ambos os grupos diferem em vários pontos.”</i></p> <p><i>“Tenho trabalhado de maneira diferenciada mas confesso que às vezes não consigo dar conta da demanda. As faltas também estão preocupando-me bastante também.”</i></p> <p><i>“Peço a Deus sabedoria todos os dias para poder alcançar essas crianças e ser mediadora de seu processo de aprendizagem.”</i></p> <p><i>“Hoje a P. contou-me sobre sua família, que seu pai havia estuprado sua irmã menor e por isso seus pais separaram-se. Ela disse: ‘Meu pai teve de sair de casa para não ir preso.’ Penso na realidade familiar dessas crianças, o quanto suas cabecinhas devem estar pensando em tudo o que acontece em suas vidas.”</i></p> <p><i>“A escola deve ser um</i></p>
--	--	--	---	---

				<i>local onde apreendam conhecimentos de uma forma prazerosa, alegre e feliz já que suas vidas, muitas vezes retratam uma triste e sofrida realidade.”</i>
06	3º ano do Ensino Fundamental	C	<p><i>“O aluno C é muito introspectivo. Não expressa-se. Percebo que tem dificuldades na fala. Possui ótima coordenação motora, PE muito caprichoso e esforçado. Assim como ele outras crianças da turma tem esse perfil.”</i></p> <p><i>“Atividades com música e expressão corporal acredito que possam desenvolver estas habilidades: expressão corporal e verbal”.</i></p> <p><i>“As crianças gostam bastante de atividades de recorte e colagem, é um momento prazeroso, onde elas tem contato com vários tipos de textos.”</i></p>	<p><i>“A turma apresenta bom comportamento e relacionamento com colegas e professores. São silenciosos para trabalhar. Como tudo, tem o seu lado negativo. Esse silêncio interfere a partir do momento que não tiram suas dúvidas, não participam. Poucos expressam seus pensamentos.”</i></p>
07	3º ano do Ensino Fundamental	C	<p><i>“Entendo que o objetivo principal dos anos iniciais (1º ao 5º ano) é a leitura, escrita e as 04 operações, ainda que exista a cobrança dos conteúdos programáticos da série.”</i></p> <p><i>“Tenho alfabetizado a partir de pequenos textos, retirando palavras-chave, enfatizando também a família silábica correspondente, assim contemplo vários níveis de</i></p>	<p><i>“Estou mais tranquila em relação à aprendizagem (alfabetização) de minhas crianças”.</i></p> <p><i>“Nossa realidade educacional tem mudado, nossa clientela e suas implicações evoluem a cada dia, com isso devemos acompanhar essa mudança com estratégias que supram</i></p>

			<p>alfabetização.”</p> <p>“A organização da sala é heterogênea em relação aos níveis, acredito que o indivíduo aprenda através da interação social, da troca de saberes e experiências.”</p>	<p>a deficiência de nossos alunos que é gravemente o fato de não lerem e escreverem convenientemente.”</p>
08	3º ano do Ensino Fundamental	C	<p>“Semana passada encerramos o 1º trimestre letivo na escola. Época de avaliar os conhecimentos de nossos alunos e reavaliarmos nossos métodos e estratégias de ensino.”</p> <p>“Metade da turma lê e escreve necessitando apenas trabalhar ortografia e produção textual dentro dos padrões convencionais: parágrafo, pontuação, letra maiúscula no início de frase e nomes próprios.”</p> <p>“A outra metade necessita de um olhar mais apurado e intervenções não só de alfabetização mas também intervenções especializadas, na minha opinião.”</p> <p>“Me preocupa uma menina de 12 anos, a qual mencionei em registros anteriores que sua irmã fora estuprada por seu pai. Essa menina tem uma dificuldade tremenda. Se encontra no nível pré-silábico de alfabetização e tem problemas de organização de seu próprio caderno.”</p>	<p>“Fatores como falta de assiduidade e apoio efetivo da família em todos os momentos da vida escolar dos filhos fragilizam o sucesso das crianças.”</p> <p>“Acredito que este tipo de caso está além de nossa intervenção pedagógica.”</p> <p>“Precisamos de ajuda urgentemente. Socorro!”</p>



			<p><i>“Nosso sistema educacional e nossas famílias desinteressadas colocam nossas crianças em nossas salas de aula e esperam que o professor o professor supra “todas” as necessidades e dê conta de solucionar “todos” os seus problemas”.</i></p>	
09	3º ano do Ensino Fundamental	C	<p><i>“Penso que o registro em qualquer área a vida é importante, não seria diferente em nossa tarefa diária de alfabetização.”</i></p> <p><i>“Relendo e analisando os registros do ano passado pude perceber a diferença gritante entre esses e os educandos atuais, assim como seu processo de ensino e aprendizagem. Quando estamos em formação seja ela a nível médio (Magistério) ou a nível Superior (Graduação), aprendemos teorias de como fazer, sugestões de atividades, mas não vivenciamos o dia-a-dia, o que aprendemos, o que torna efetivo e concreto o aprendizado. É claro, tirando o período de estágio.”</i></p> <p><i>“Os registros nos trazem à memória os vários acontecimentos que envolveram e envolvem nossos educandos, como também a nossa posição frente a isso. Nos fazem ver os progressos, os retrocessos das crianças, nossas intervenções</i></p>	

			<i>positivas e as que não foram tão positivas.”</i>	
10	3º ano do Ensino Fundamental	C	<i>“Apesar das muitas atividades gostei muito de registrar neste Diário meus anseios, práticas, enfim, relatos envolvendo o meu trabalho como alfabetizadora”.</i>	<i>“É na prática diária desta teoria, é no registro dos acontecimentos, das atividades das falas, das reações, do acolhimento do nosso trabalho que acontece verdadeiramente a aprendizagem.”</i>  <i>“ É experenciando que os sujeitos aprendem, é na ação, na reflexão, na tomada de decisões. E o registro é uma excelente ferramenta para o professor interessado em aperfeiçoar e tornar eficaz o seu fazer pedagógico.”</i>  <i>“Espero que meus registros sejam úteis e acrescentem ao estudo desenvolvido onde educadores sejam contagiados com uma prática reflexiva e humanizadora. Esse é o registro das atividades da vida e para a vida de uma sala de aula de alfabetização.”</i>
////////	////////////////////	////////////////////	////////////////////////////////////	////////////////////////////////////
Diário	Ano	Professora	Diários: Aspectos objetivos/descritivos	Diários: Aspectos subjetivos
01	3º ano do Ensino	D	<i>“Recebi um Diário de Aula para registrar minha prática em sala de aula.</i>	

	Fundamental		<i>Aspectos que venham a contribuir para uma docência mais reflexiva. Acredito que poderá contribuir.”</i>	
02	3º ano do Ensino Fundamental	D	<p><i>“Estou desenvolvendo atividades que envolvem muita leitura e muita escrita. Isso irá prepará-los para o 4º ano. Exercícios que envolvem compreensão também são eficazes, além dos que envolvem desafios”.</i></p> <p><i>“O final do ano letivo está chegando, isso faz repensar como esse momento é importante na vida do aluno. Como a aprovação ou a reprovação tem impacto em sua vida escolar e pessoal. Isso torna nosso compromisso ainda mais sério.”</i></p>	
03	3º ano do Ensino Fundamental	D	<i>“Investir na alfabetização dos alunos será um grande desafio. Primeiro encontro com a turma. Nos conhecemos.”</i>	<i>“Início de ano. Vou fazer com que esse ano tenha algo diferente.”</i>
04	3º ano do Ensino Fundamental	D	<i>“Este ano está sendo um desafio para mim enquanto educadora. Trabalho há anos com o 3º ano, estou acostumada a receber turmas quase toda num mesmo nível de aprendizagem, mas agora, em razão da progressão continuada, recebi alunos que não escrevem o próprio nome. A diferença é gritante, costumava começar o ano com pequenos textos, construção</i>	

			<p><i>de frases, etc.”</i></p> <p><i>“Tenho que alfabetizar e ao mesmo tempo tenho alunos que estão muito adiantados, querendo avançar. Me sinto amarrada, se eu adianto o conteúdo, alguns vão ficar perdidos. Estou estudando a forma de trabalhar e assim contemplar a todos nas suas dificuldades.”</i></p>	
05	3º ano do Ensino Fundamental	D	<p><i>“Com essa mudança (a progressão continuada), esqueceram de nos dar amparo, subsídios para a continuação desse trabalho. Precisamos urgentemente de formação para esclarecermos dúvidas com pessoas que tenham o que acrescentar.”</i></p>	
06	3º ano do Ensino Fundamental	D	<p><i>“Últimas semanas bastante complicadas. Tenho dificuldades para trabalhar diante de uma turma tão heterogênea.”</i></p>	<p><i>“Ainda não consegui desenvolver conteúdos que planejei para o 3º ano”.</i></p>
07	3º ano do Ensino Fundamental	D	<p><i>“Estamos construindo um dicionário. Cada aluno o seu. Fizem a capa e uma vez por semana, trabalhamos com uma letra. Por exemplo, na semana que trabalhamos com uma determinada letra, ênfase sobre ela a semana toda, com textos, separação de sílabas, frases, ditados, desenhos. Depois que já fizemos isso vamos para o dicionário. Em um lado da folha, é feita a escrita das palavras, do outro, a colagem. Eles estão adorando!”</i></p>	<p><i>“Com esse trabalho noto avanços significativos, alunos que não conheciam as letras estão participando e adquirindo conhecimentos.”</i></p>

08	3º ano do Ensino Fundamental	D	<p><i>“Até quando conseguem encontrar sozinhos uma palavra na revista para recortar, eles ficam exultantes.”</i></p>	<p><i>“A turma se mostra interessada e participativa. Apesar das dificuldades que a maioria da turma apresenta, eles me procuram bastante e noto que querem aprender. Eles vibram com pequenas conquistas.”</i></p>
09	3º ano do Ensino Fundamental	D	<p><i>“Esta semana trabalhamos com atividades diversas. Trabalhamos a linha do tempo. Fizemos um cartaz onde cada aluno pintou cada ano da sua vida num pedacinho de papel. Por exemplo, quem tem 9 anos, escreve em cada pedaço os números de cada ano. Foram colocados primeiro os de 8 anos, depois de 9, 10 e 14 anos.”</i></p> <p><i>“Com essa atividade eles conseguem ter noção de quantidade (relação <math>n^\circ</math>/quantidade). E, a partir desse trabalho foram feitas várias perguntas: quantos tem 8 anos, quantos tem 9 anos e assim por diante”.</i></p> <p><i>“Foi um trabalho bem explorado, onde pudemos trabalhar números e interpretação. Fizemos também um mural das frutas que mais gostam, a partir desse mural, trabalhamos gráficos, interpretação. Isso tudo dentro do conteúdo sobre alimentação.”</i></p>	

			<p><i>“Muitos alunos não conseguem ler, só copiam. Essa é minha maior dificuldade. Fizem uma avaliação de interpretação de texto, a maioria não atingiu os objetivos propostos”.</i></p>	
10	3º ano do Ensino Fundamental	D	<p><i>“Terminamos as avaliações. Um semestre já terminou. Agora é ver o que preciso fazer para superar as dificuldades que os alunos apresentam.”</i></p> <p><i>“Estou trabalhando em um projeto “Livrinhos de História” onde a cada dois ou três dias os alunos levam um livro para casa e depois de lerem eles devem contar a história para a turma. Os que não conseguem ler, sugeri que alguém da família leia e após, eles contarão a história.”</i></p> <p><i>“Com esse projeto, pretendo trabalhar intensamente a leitura, pois só fortalecendo-os na leitura conseguirei desenvolver os conteúdos que preciso trabalhar no 3º ano. Acredito que o aluno que lê bem, consegue ter entendimento de todo e qualquer conteúdo.”</i></p>	
11	3º ano do Ensino Fundamental	D	<p><i>“Enfim, gostei muito de realizar essa prática, embora tenha certa dificuldade para escrever, pôr no papel as minhas vivências em sala de aula.”</i></p>	<p><i>“Foi bem interessante fazer esses relatos de sala de aula. Ao pararmos para repensar, como é nosso trabalho, estamos</i></p>

			<p><i>“O Diário de Aula contribuiu para minha formação com as reflexões proporcionadas, mediadas pela escrita.”</i></p>	<p><i>lembrando, analisando e criticando o jeito que desenvolvemos determinadas atividades, e, muitas vezes, nos damos conta que poderíamos ter feito de outra forma, com ênfase em algumas atividades mais do que em outras.”</i></p>
//////////	////////////////////	////////////////////	////////////////////////////////////	////////////////////////////////////
Diário	Ano	Professora	Diários: Aspectos objetivos/descritivos	Diários: Aspectos subjetivos
01	1º ano do Ensino Fundamental	E	<p><i>“Passei exercícios para eles pintarem os números. Logo todos começaram a trazer o exercício na minha mesa para mostrarem se estava certo.”</i></p>	<p><i>“A aula estava em perfeita harmonia, até o J.V. querer sair para a rua. Eu lhe disse que não e ele começou a chorar.”</i></p> <p><i>“As crianças estavam com saudades de mim pois eu havia lhes deixado com uma estagiária”.</i></p> <p><i>“O A. continua batendo nos colegas, as meninas K. e S. brigaram no recreio. Quando entravam na sala de aula conversei com elas e elas fizeram as pazes.”</i></p> <p><i>“Eles são muito inseguros, procuram sempre ficar perto.”</i></p> <p><i>“As crianças são muito carentes.”</i></p>
02	1º ano do Ensino	E	<p><i>“Quanto ao conhecimento de cada aluno continuo avaliando em grupo e</i></p>	<p><i>“Nesta semana, pois aula estava tranqüila. Percebi que as crianças</i></p>

	Fundamental		<i>individualmente.”</i>	<p><i>estão mais tranqüila e com muita saudade, pois quando chega o final de semana elas falam que sentiram saudade.”</i></p> <p><i>“Percebo que eles estão mais seguros. Claro que tem alguns com algumas dificuldades, mas estão construindo os conteúdos com mais clareza.”</i></p> <p><i>“Aconteceu um episódio com o A. onde sua mãe veio conversar comigo e passei para a direção.”</i></p>
03	1º ano do Ensino Fundamental	E	<p><i>“ Fizemos uma semana de curso: capacitação para alfabetizadores. O que eu mais gostei foi das dinâmicas de Matemática. Trabalhos foram apresentados pela professora que elaborou um livrinho com sua turma. ”</i></p>	<p><i>“Achei muito cansativo os horários. Devia ser diferente, os dias e os horários”</i></p> <p><i>“Adorei o curso. Gostei porque reencontrei várias colegas.”</i></p> <p><i>“Quanto ao atendimento, as palestras foram produtivas e pude tirar alguma para meu aprendizado.”</i></p>
04	1º ano do Ensino Fundamental	E	<p><i>“Final de ano. Algumas aprendizagens. Reli o que escrevi. Preciso rever algumas práticas.”</i></p>	
05	1º ano do Ensino Fundamental	E	<p><i>“Teremos reunião com os pais, estou organizando a mesma: a pauta, a recepção.”</i></p> <p><i>“Para as crianças, no</i></p>	



			<p><i>decorrer da semana passei desenhos, recortes e colagens, foi muito legal. Alguns fizeram uma bagunça com a cola, mas é assim mesmo.”</i></p> <p><i>“Trabalhamos as vogais, a 1ª letra do nome, a família, desenhar e colorir, com quem se mora, se tem animal de estimação.”</i></p> <p><i>“As crianças colaboraram com as atividades propostas, alguns tem dificuldades mas conseguem fazer do seu jeito.”</i></p>	
06	1º ano do Ensino Fundamental	E	<p><i>“As crianças trabalharam com recorte e colagem. Fizeram montagens com figuras geométricas que foi criação deles. As atividades ficaram muito bonitas”.</i></p> <p><i>“Aprenderam que salgadinho faz mal e não trazem mais para a escola.”</i></p>	<p><i>“Esta semana foi muito produtiva, mas tem crianças que ainda não entenderam para que vem na escola, são muito infantis e dengosos, mas ajudam a produzir o que é solicitado. Com dificuldades, mas fazem.”</i></p> <p><i>“As crianças trabalharam com recorte e colagem. Fizeram montagens com figuras geométricas que foi criação deles. As atividades ficaram muito bonitas. As crianças adoram correr no pátio, no recreio”.</i></p> <p><i>“São crianças adoráveis.”</i></p>
07	1º ano do	E	<i>“Fomos na pracinha,</i>	<i>“Esta semana foi muito</i>

	Ensino Fundamental		<p><i>jogamos bola, produzimos trabalhinhos com recortes de mãozinhas onde trabalhamos números, cores, tamanhos, lateralidade e continuamos a trabalhar as formas e maior e menor, números e alfabeto com o nome dos colegas.”</i></p> <p><i>“Estou conseguindo trabalhar o que foi planejado.”</i></p>	<p><i>importante. Fizemos uma rodinha de conversa. Eles prometeram que irão se comportar.”</i></p>
08	1º ano do Ensino Fundamental	E	<p><i>Quando conversamos falamos sobre todos os assuntos. Esta semana falamos sobre o endereço e estão aprendendo o nome da rua, o número da casa. A maioria já sabe seu endereço.”</i></p> <p><i>“ Estão trabalhando o alfabeto e associando com a letra do seu nome.”</i></p>	<p><i>“Todos os dias ao entrar na sala de aula as crianças já pegam as cadeiras, arrumam em círculos, sentam e rezamos.”</i></p> <p><i>“Cantam e dançam todos os dias. Eles adoram cantar.”</i></p>
09	1º ano do Ensino Fundamental	E	<p><i>“Esta semana trabalhamos nome das mães, a primeira letra do alfabeto de cada uma delas. Foi colocado no quadro e eles copiaram no caderno, ensaiamos para o dia das mães, a apresentação.”</i></p>	<p><i>“As crianças irão cantar a música “amar como Jesus amou” e um versinho para as mães.”</i></p>
10	1º ano do Ensino Fundamental	E	<p><i>“As crianças estão mais comportadas, estão conseguindo copiar, fazer trabalhos orais como: contar historinhas e interpretá-las. As crianças adoram cantar, dançar e desenhar.”</i></p>	<p><i>“Continuo a rodinha de conversa para a melhora de comportamento, além de falarem sobre a família, higiene, bairro...”</i></p>
11	1º ano do Ensino	E	<p><i>“Escrever nesse Diário de Aula durante seis meses me fizeram registrar algumas</i></p>	

	Fundamental		<p><i>práticas de sala de aula. Reli o Diário. Percebi que preciso rever minha metodologia. Está muito repetitiva.”</i></p> <p><i>“ A rotina está deixando as crianças menos empolgadas”.</i></p> <p><i>“Pensar sobre o que fiz e como fiz contribuiu para minha formação na medida em que pretendo mudar.”</i></p> <p><i>“Quero continuar escrevendo para poder comparar minha metodologia utilizada hoje e depois de rever algumas formas de propor atividades às crianças.”</i></p>	
//////////	//////////	//////////	//////////	//////////

Fonte: da Autora (2012)

## ANEXO C

Tabela 2 : Análise Inicial do Diário de Aula da Professora A – 3º ano do Ensino Fundamental

Diário	Excertos do Diário: Aspectos objetivos/descritivos	Análise	Excertos do Diário: Aspectos subjetivos	Análise
01	<p><i>“Um educando, o qual pensei que seria mais um que encerraria o ano no nível pré-silábico II, aprendeu a escrever o seu pré-nome. Para mim, uma grande vitória, talvez, para quem nunca alfabetizou, ou quem nunca teve a oportunidade de trabalhar com seríssimas dificuldades de aprendizagem, ao ler este depoimento deve-se perguntar: “mas em novembro, final de ano e uma criança recém aprender a escrever seu pré-nome?””</i></p>	<p>Processo de Alfabetização.</p>	<p><i>“Termina mais uma semana de aula mas, com um brilho diferente.”</i></p> <p><i>“Porém, no universo que convivemos em sala de aula, cada pequeno progresso torna-se uma grande vitória, pelo histórico de vida de cada um dos educandos, no grande grupo e na individualidade.”</i></p> <p><i>“Enfim, Vitor Rafael escreveu no seu trabalhinho “VITOR RA”, e ganhei a semana.”</i></p>	<p>Satisfação Docente.</p> <p>Satisfação Docente.</p> <p>Emoção.</p>
02	<p><i>“Escrever exige um maior compromisso. Registrar sistematicamente maior ainda. É um ato de deixar posto nossos fazeres e os fazeres de nossos alunos. O processo de alfabetização precisa disso, desse re-olhar sobre [...]”</i></p>	<p>Compromisso com o registro.</p> <p>Avaliação da prática.</p>	<p><i>“Pensar e escrever sobre a prática. São movimentos reflexivos, porém diferentes.”</i></p>	<p>Movimento reflexivo da professora.</p>
03	<p><i>“Nesta semana, praticamente encerrando o ano letivo, estamos realizando testagens individuais.”</i></p>	<p>Avaliação.</p>	<p><i>“Particularmente, sei que talvez seja um “sentimento errado”, mas sinto muita frustração quando não vejo progresso no meu</i></p>	<p>Insatisfação Docente.</p>

	<p><i>“Sei que existem questões maiores, em que muitos deveriam ter atendimento especializado (neurologia, psicologia, etc), mas há um conjunto de situações que deveriam estar unidas para que isso acontecesse, iniciando pela casa, escola, e o mais importante, pelas políticas públicas que são mal elaboradas, mal distribuídas. Quando penso nisso tudo, às vezes me pergunto será que é possível...”</i></p> <p><i>“Enfim, acho que é possível mesmo com todas as adversidades, pois acredito no processo da alfabetização, conforme o tempo do educando e, quanto à promoção, isto é, a não retenção no 2º ano, não defino que sou contra, mas acredito que as escolas, profissionais, pais e educandos ainda não estão prontos para esta mudança, acredito na transformação, mas não à “fôrceps”.”</i></p>	<p>Comprometimento da família.</p> <p>Políticas públicas.</p> <p>Proposta pedagógica da escola.</p> <p>Processos de Alfabetização.</p>	<p><i>educando.”</i></p> <p><i>“Nos dias 1º, 02 e 03 de dezembro, participamos de dois dias de formação em Alfabetização e Letramento. Levei algumas ansiedades e, infelizmente, retornei com as mesmas.”</i></p> <p><i>“A tão questionada inclusão, termina por exclusão, pois, o mesmo tempo que temos educandos com seríssimos problemas de aprendizagem, temos os outros, que vão ficar como... simplesmente, como os outros... Desculpe o desabafo, mas acredito que estamos em um grande momento de conflito na alfabetização!”</i></p>	<p>Insatisfação Docente.</p> <p>Ansiedade.</p> <p>Conflito.</p> <p>Dúvida e incerteza diante dos alunos com necessidades educativas especiais.</p> <p>Preocupação com os alunos que não se alfabetizam.</p>
04	<p><i>“Todos foram aprovados, mesmo os que não construíram conhecimento na leitura e na escrita. É a progressão</i></p>	<p>Aprovação e reprovação.</p> <p>Avaliação.</p>	<p><i>“Chegou o final do ano letivo. Algumas conquistas. Outros desafios para o próximo ano.”</i></p>	<p>Satisfação Docente.</p> <p>Expectativas para o ano seguinte.</p>

	<p><i>continuada.”</i></p> <p><i>“É hora de rever metodologia, conceitos, paradigmas. Desafios maiores exigem uma formação mais consistente e contínua para dar conta dos mesmos.”</i></p>	Metodologia		
05	<p><i>“Os dias iniciais foram de socialização, diálogo, atividades diversificadas com música, brincadeiras dirigidas além de testagens para saber os níveis de cada educando.</i></p> <p><i>“No grande grupo há todos os níveis, desde alguns educandos pré-silábicos II até alfabetizados III, que já produzem textos.”</i></p> <p><i>“Os educandos deixaram a marca de sua mão na “Parede da Fama” na nossa sala de aula com seus nomes em estrelas, onde cada um será um artista neste ano, onde além de trabalharmos com vários filmes, faremos a nossa própria história, isto é, produziremos um filme.”</i></p>	<p>Metodologia.</p> <p>Processos de alfabetização.</p> <p>Avaliação</p> <p>Metodologia.</p> <p>Planejamento.</p> <p>Ludicidade.</p> <p>Interdisciplinaridade</p>	<p><i>“Primeiro dia de aula, expectativa dos educandos e nova ansiedade, pois seus olhos brilhantes nos questionam: “o que iremos aprender”, e nossa ansiedade e não decepcioná-los.”</i></p> <p><i>“Estou muito entusiasmada, pois este ano teremos a Feira de Ciências, e o tema escolhido foi “Cinema”, o qual eu torci que fosse o mais votado. Estou com muitas ideias, falta organizá-las, e os educandos já entraram em sintonia com a feira, trocam filmes, comentam e já estão ansiosos para a grande realização em outubro.”</i></p>	<p>Ansiedade.</p> <p>Desejo de aprender coisas novas.</p> <p>Questionamento da professora em relação à suas aulas.</p> <p>Entusiasmo com a Feira de Ciências da escola.</p> <p>Criatividade.</p> <p>Envolvimento da turma com a atividade que será desenvolvida.</p> <p>Satisfação Docente.</p>
06	<p><i>“Cada um com o seu tempo. Alguns, iniciando o</i></p>	<p>Ensino e Aprendizagem.</p>	<p><i>“Estas últimas semanas estão sendo muito positivas, porque o</i></p>	<p>Interesse e participação dos alunos nas</p>

<p><i>reconhecimento de letra e som. Outros formando sílabas, lendo e escrevendo palavras, e já aqueles que leem e escrevem frases e textos.”</i></p> <p><i>“O estímulo está vindo devido á história do cinema, filmes, onde questionamos, trabalhamos o nome de atores e filmes, através do alfabeto do cinema que temos em sala de aula. Associando à isso, eles relacionam aos sons das letras, através dos nomes dos filmes que estão expostos nas paredes. Associam também à figura, o que aproxima-os ainda mais da leitura e da escrita.”</i></p> <p><i>“Na semana anterior realizamos dois dias de paralisação, os quais foram muito positivos, pois nos proporcionaram momentos de luta por um salário digno. No início me senti um pouco só, pois diante de um grupo de profissionais na escola, fomos apenas entre duas. Chegando lá no Palácio Piratini me senti fortalecida, pois vi muitos colegas unidos, acreditando na causa. Posso estar errada, mas acho que a maior parte do grupo</i></p>	<p>Planejamento.</p> <p>Processos de alfabetização.</p> <p>Políticas públicas Educacionais.</p> <p>Plano de carreira.</p> <p>Consciência coletiva.</p>	<p><i>grande grupo cada dia está mais participativo, interessado, fazendo com que os demais educandos também se interessem mais pela aprendizagem.”</i></p> <p><i>“Enfim, este é o meu relato e espero ter novidades no próximo diário, como por exemplo, mais um educando alfabetizado.”</i></p>	<p>atividades solicitadas.</p> <p>Satisfação Docente.</p> <p>Expectativas das professora em relação à alfabetização dos alunos.</p>
--	--	---	---

	<i>acostumou com a comodidade e de certa forma, isso traz uma certa indignação, pois afinal, a luta é por um todo e não pela individualidade, como está sendo.</i>			
07	<p><i>“Ganhamos da escola uma caixa com grande diversidade de jogos que desenvolvem a atenção, percepção, conhecimento de letras e palavras, entre outros.”</i></p> <p><i>“Auxiliei no início, agora apenas sou mediadora, pois eles ensinam uns aos outros, “brigam”, brincam, pronunciam os sons das letras...”</i></p> <p><i>“É muito legal assistir aos educandos, jogando e aprendendo uns com os outros. Estou iniciando as avaliações e poucos continuam apresentando dificuldades na aprendizagem.”</i></p> <p><i>“ Infelizmente ainda há alguns que não reconhecem as letras.”</i></p>	<p>Recursos didáticos.</p> <p>Aprendizagem.</p> <p>Planejamento.</p> <p>Ensino e Aprendizagem.</p> <p>Autonomia dos alunos.</p> <p>Avaliação Aprendizagem.</p> <p>Metodologia.</p> <p>Dificuldades de aprendizagem em alfabetização.</p>	<p><i>“Nestas semanas estou realizada com a evolução do conhecimento da maioria dos educandos.”</i></p> <p><i>“Ora sinto-me culpada. Ora sinto a ausência da família em busca de atendimento especializado. Mas, lutar sempre, desistir jamais.”</i></p>	<p>Satisfação Docente.</p> <p>Conflito.</p> <p>Ausência da família na escola.</p>
08	<i>“Nesta semana realizei avaliações da Língua Portuguesa, contendo reconhecimento de letra e som, escrita de palavras e frases;</i>	<p>Avaliação</p> <p>Processos de alfabetização.</p> <p>Planejamento.</p>	<i>“Questionam muito, refletem, observam e perguntam. Levantam hipóteses.”</i>	Alto grau de criticidade na turma.



	<p><i>interpretação de desenhos e textos.”</i></p> <p><i>“Ainda não realizei a avaliação da leitura. Sinto diariamente a evolução do conhecimento do interesse dos educandos.”</i></p>	<p>Processos de alfabetização.</p> <p>Aprendizagem da leitura e escrita.</p>	<p><i>“Sinto que eles estão seguros e felizes. Mesmo aqueles que ainda apresentam seríssimas dificuldades de aprendizagem, realizam com empenho as atividades. Alguns se dando conta de seus “erros” e outros, que ainda não percebem. Em suma, estou muito feliz, e acredito que, encerrando positivamente estas semanas.”</i></p>	Satisfação docente.
09	<p><i>“Tenho passado por momentos de reflexão em que me questiono se estou utilizando a metodologia correta, se preciso buscar outras formas de trabalhar. Tudo isto diante da tamanha heterogeneidade presente na turma.”</i></p> <p><i>“Muitas atividades estão dando certo porém sinto que preciso buscar outras para contemplar os que ainda não estão conseguindo se inserir no universo da leitura e da escrita.”</i></p>	<p>Metodologia.</p> <p>Questionamento sobre a prática.</p> <p>Processos de alfabetização.</p> <p>Metodologia.</p>		
10	<p><i>“Às vezes, fico observando, ora penso que trata-se de dificuldade ou comprometimento neurológico ora penso que também apresentam falta de interesse. Realizei uma</i></p>	<p>Dificuldades e Distúrbios de Aprendizagem.</p> <p>Metodologia.</p> <p>Aprendizagem.</p>	<p><i>“Passou rápido mas já estamos encerrando o trimestre dia 31 de maio. A maioria, como já havia relatado antes, está evoluindo na aprendizagem. Mas, na individualidade, alguns me preocupam muito,</i></p>	Insatisfação Docente.

	<i>atividade de motricidade fina (com bolinhas de papel crepom) e observei que o educando, mesmo tendo condições de realizar o trabalho não apresentou interesse, o que me fez refletir sobre a diferença entre dificuldade e interesse.”</i>		<i>pois não percebi nenhum progresso na aprendizagem.”</i>	
11			<i>“Cada dia que passa penso que a educação é um conjunto de comprometermos, isto é, família e escola, onde, além do conhecimento, o educando deve compreender que necessita ter autonomia e responsabilidade diante de suas ações, conforme sua idade, é claro!”</i>	Relação família e escola.  Não participação da família na escola.  Reconhece que o aluno deve buscar sua autonomia.  Busca de sintonia entre escola, família e aluno.
12	<i>“Mudamos neste trimestre a disposição das classes, onde formamos pequenos grupos e tivemos um diálogo sobre apoio ao colega, a diferença entre ajudar e fazer para o colega, como devem realizar as atividades em grupo...”</i>  <i>“Está sendo uma boa experiência pois ficaram juntos educandos em níveis diferentes. Alguns leem e escrevem e outros ainda não construíram</i>	Metodologia.  Trabalho em grupo.  Diálogo sobre a importância do coletivo.  Ensino e Aprendizagem.  Heterogeneidade.  Ensino e Aprendizagem.  Processos de	<i>“Os educandos, no geral, estão progredindo a cada dia [...]”</i>	Satisfação docente.  Progresso dos alunos.

	<p><i>conhecimento na leitura e na escrita.”</i></p> <p><i>“Aconteceu algo muito interessante na semana anterior. Em um trabalho de interpretação oral e escrita os educandos confeccionaram um navio, com dobradura de papel. Um dos educandos, o B..., que só faz interpretação oral, conseguiu pela primeira vez confeccionar sozinho o seu navio, e ficou radiante! E, quando solicitei que auxiliasse os outros colegas, ele ficou mais feliz ainda. Esta descoberta, com B... me incentivou a dar continuidade em atividades assim, em grupo. Foi um grande incentivo a este educando [...] ainda não reconhece letras, não escreve e não reconhece cores mas se descobriu como alguém que aprende e que também pode ensinar [...]”</i></p>	<p>alfabetização.</p> <p>Metodologia.</p> <p>Heterogeneidade.</p> <p>Ensino e Aprendizagem.</p> <p>Avaliação.</p> <p>Autonomia.</p>		
13	<p><i>“Bom, repensar a própria prática. Este exercício, sem perceber, faço diariamente, ao me perguntar: será que estou fazendo correto? Se eu trabalhar em grupo? Como formar grupos com crianças em níveis diferentes?”</i></p>	<p>Reflexão docente.</p> <p>Importância do registro.</p> <p>Questionamento sobre a prática.</p> <p>Metodologia.</p> <p>Planejamento.</p>	<p><i>“A angústia e a vontade de que os educandos superem suas dificuldades é tão grande, que às vezes me perco neste “repensar”.”</i></p>	<p>Preocupação da professora com os educandos que apresentam dificuldades na alfabetização.</p> <p>Ansiedade.</p> <p>Conflito.</p>

	<p><i>Que tipo de atividade? E assim vai...”</i></p> <p><i>“Sentada na cama, em volta com vários livros e folhas, pensando em cada rosto nos momentos de planejamento.”</i></p> <p><i>“Já comparei educandos em que registrei uma aprendizagem no início e fui vendo sua evolução através dos registros. A escrita no Diário de Aula me fez ter re-olhares sobre a prática para então retomá-la de uma maneira mais competente e eficaz. Contribuí muito para minha formação, minha mudança enquanto educadora [...] A escrita fica. Pode-se voltar. Ler. Releer. Retomar ações.”</i></p> <p><i>“Achei muito positivo os relatos nos Diários de Aula [...] Gostaria de ler de outras pessoas, [...] trocar ideias [...]”</i></p>	<p>Planejamento.</p> <p>Metodologia.</p> <p>Importância do registro no Diário de Aula.</p> <p>Ação-reflexão-ação.</p> <p>Formação docente.</p> <p>Importância do registro no Diário de Aula.</p>	<p><i>“Pensar sobre é diferente de escrever. Comecei a refletir sobre várias questões quando comecei a registrar nos “Diários de Aula”. Muitas situações que acontecem acabam passando. E, quando comecei a registrar, percebi que elas não passavam. Ao serem registradas, elas ficam. Os sentimentos registrados são diversos: tristeza, angústia, vergonha: “Como, com tantos anos de Magistério fui errar assim?” Ou sentimento de sucesso: “Consegui, meu aluno se alfabetizou!””</i></p>	<p>Insatisfação Docente.</p> <p>Movimento reflexivo da professora.</p> <p>Ansiedade.</p> <p>Conflito.</p>
--	--	--	--	---

Fonte: da Autora (2012)

## ANEXO D

Tabela 3: Análise Inicial do Diário de Aula da Professora B – 2º ano do Ensino Fundamental

Diário	Excertos do Diário: Aspectos objetivos/descritivos	Análise	Excertos do Diário: Aspectos subjetivos	Análise
01	<p><i>“Tive grandes evoluções desde o início quando recebi toda a turma PS 2. Hoje a maioria está entre alfabético e alfabetizado.”</i> <i>Deixar em itálico o que é excerto...</i></p> <p><i>“Tenho dois educandos que mais me preocupam, pois não estou conseguindo grandes avanços na aprendizagem.”</i> <i>“Um deles, um menino, tem sérias dificuldades na fala. Não consigo compreender quase nada do que ele fala, principalmente quando está agitado. Copia tudo do quadro mas não sabe o que está copiando. [...] Conhece poucas letras e poucos números.[...] O educando vai para o 2º ano com dificuldades e se não for tratado por especialistas vai crescer e acabar sofrendo com piadas e brincadeiras maldosas.”</i> <i>“A segunda é uma menina, tem muita dificuldade de concentração, não</i></p>	<p>Processos de alfabetização.</p> <p>Aprendizagem.</p> <p>Ensino e Aprendizagem.</p> <p>Alunos com dificuldades e com distúrbios de aprendizagem.</p>	<p><i>“Tenho duas turmas de 1º ano, nas quais sinto muito prazer em trabalhar.”</i></p> <p><i>“No geral os educandos são participativos, interessados, comprometidos na realização das atividades. No geral os educandos estão muito bem em seu processo de aprendizagem.”</i></p> <p><i>“A família já foi chamada mais de uma vez com relação à fala mas os responsáveis dizem que já levaram ao médico e estão aguardando serem chamados, isso é, desde a primeira semana de aula que venho questionando a família e nada foi feito até o momento.”</i> <i>“A família relata que em casa ela age do mesmo modo. Nunca realiza as atividades de tema de casa, segundo a educanda, a mãe não ajuda e às vezes coloca fora os trabalhos, a mãe diz que a falta do pai contribui para que a educanda seja assim.”</i></p>	<p>Satisfação docente.</p> <p>Empolgação da professora e dos alunos na realização das atividades.</p> <p>Satisfação docente.</p> <p>Não participação da família na escola.</p> <p>Falta de encaminhamento à especialistas de crianças com necessidades educativas especiais.</p> <p>Ansiedade.</p>

	<p><i>consegue terminar as atividades nem mesmo a data. Conhece poucas letras e poucos números. É agitada, está sempre conversando e tira a concentração dos colegas. Mesmo sentada ao meu lado, por opção dela, ainda assim não consegue copiar as atividades do quadro, nem por cinco minutos consegue concentração.”</i></p> <p><i>“[...] Já faz alguns dias que está conseguindo copiar tudo, eu e os colegas sempre batemos palmas pois isso é uma vitória, já que a mesma muitas vezes não colocava nem mesmo a primeira palavra no caderno [...]”</i></p>	<p>Aluna com avanço na aprendizagem, reconhecido pela professora e colegas.</p> <p>Ensino e Aprendizagem.</p> <p>Avaliação.</p>		
02	<p><i>“Vai chegando o final do ano e as preocupações vão aumentando a cada dia. É época de avaliação e apesar do primeiro ano não reprovar, eu me preocupo e trabalho para que os educandos possam ir para o 2º ano conhecendo as letras, os números, compreendendo o processo da leitura e da escrita.”</i></p> <p><i>“Um aluno começou a escrever palavras simples e está lendo,</i></p>	<p>Avaliação.</p> <p>Processos de alfabetização.</p> <p>Aprendizagem.</p> <p>Processo de</p>	<p><i>“O que me deixa triste e com certo sentimento de culpa é que infelizmente não são todos que conseguem concluir esse processo no 1º ano, alguns nem no 2º ano [...]”</i></p> <p><i>“Muitas vezes parece que tudo o que eu falo e faço não é compreendido por alguns alunos. Mesmo jogos e atividades diferenciadas não atraem a atenção deles por muito tempo.”</i></p>	<p>Ansiedade.</p> <p>Insatisfação da professora em relação ao desinteresse dos alunos para algumas atividades que ela propõe.</p>

	<p><i>bem devagar [...] conhece as letras e está evoluindo em seu processo de aprendizagem.”</i></p> <p><i>“Fizemos brigadeiro essa semana, foi bem interessante. Todos os alunos participaram da atividade que já estava marcada há bastante tempo. Era a culminância do trabalho para a Feira de Ciências, onde trabalhamos os sentidos.”</i></p>	<p>alfabetização.</p> <p>Metodologia.</p> <p>Planejamento.</p>	<p><i>“Durante a semana também tive muitas alegrias, observei que mais dois alunos estão lendo.”</i></p> <p><i>“[...] o que importa é que está evoluindo, apesar de não ter o apoio da família para realizar as atividades de casa, ele faz por ele mesmo.”</i></p>	<p>Satisfação docente.</p> <p>Realização da professora ao alfabetizar.</p> <p>Não apoio da família à escola.</p> <p>Falta de incentivo da família aos alunos.</p>
03	<p><i>“Tivemos um curso de formação continuada sobre Programa de Formação Continuada dos alunos do 1º ao 3º ano do ensino fundamental. Curso sobre Alfabetização e Letramento.”</i></p> <p><i>“[...] pensei que a partir desse curso fossem sanadas as minhas dúvidas a respeito do assunto, mas na verdade não foi o que aconteceu. Passamos dois dias ouvindo relatos de práticas [...] cujos assuntos já conhecíamos [...] repetitivos e cansativos [...]”.</i></p>	<p>Formação docente.</p> <p>Políticas públicas.</p> <p>Alfabetização.</p> <p>Crítica em relação ao curso de formação oferecido pela mantenedora.</p>		
04			<p><i>“Final de ano. Aprendi muito. Ensinei também. Fiquei feliz com o progresso de muitos.”</i></p>	<p>Satisfação docente.</p> <p>Emoção.</p>

			<p><i>“ Me emocionei com cada palavra lida. Cada palavra escrita.”</i></p> <p><i>“ Escrever sobre isso me faz deixar registrado o quanto é importante é esse momento para mim e para eles.”</i></p>	<p>Emoção.</p> <p>Satisfação Docente.</p>
05	<p><i>“A turma da manhã é tranquila. No geral conseguem realizar as atividades. Tenho vários alunos que estão lendo e escrevendo mas também tenho alunos que não conhecem as letras.”</i></p> <p><i>“Muitos não conhecem as letras, não realizam as atividades, tem dificuldades de prestar atenção. Ainda não sei como fazer para atrair a atenção deles.”</i></p>	<p>Planejamento.</p> <p>Avaliação.</p> <p>Processos de alfabetização.</p> <p>Aprendizagem.</p> <p>Ensino e Aprendizagem.</p>	<p><i>“O início do ano de 2012 foi de muitas mudanças gerando ansiedades e expectativas.”</i></p> <p><i>“Gosto de poder fazer parte do início da vida escolar dos educandos, viver as primeiras aprendizagens, as descobertas. Participar do processo inicial da alfabetização, quando eles começam a conhecer as letras, os números e estabelecer relações. As primeiras palavras escritas e lidas com muita emoção.”</i></p> <p><i>“Durante a primeira semana de aula, pude observar que tenho duas turmas muito diferentes tanto nas aprendizagens quanto no comportamento.”</i></p> <p><i>“[...]minha preocupação maior é com a turma da tarde que apresenta um perfil agitado, com dificuldade de parar e escutar o que está sendo</i></p>	<p>Expectativa da professora em relação ao ano letivo.</p> <p>Emoção.</p> <p>Prazer em ser professora alfabetizadora.</p> <p>Valorização das construções dos alunos.</p> <p>Satisfação docente.</p> <p>Hábitos e atitudes.</p> <p>Disciplina.</p> <p>Limites.</p> <p>Conflito.</p>



			<i>falado.”</i>	
06	<p><i>“Esta semana fiz reunião com os pais. Compareceram em torno de 50% em cada turma. Falei sobre a progressão continuada. As mães da turma da tarde questionaram o fato dos alunos passarem sem saber ler e escrever”.</i></p> <p><i>“Fizemos combinações a respeito de evitarmos o consumo de salgadinhos, bolacha recheada e refri na escola. Essa fala está relacionada com o trabalho que também será feito no turno Integral. As mães, de ambas as turmas, concordaram.”</i></p> <p><i>“Combinamos que toda segunda-feira os educandos podem trazer brinquedos. O objetivo dos brinquedos é trabalhar a produção textual a partir dos relatos. Na verdade estou buscando estratégias para atingir o interesse os alunos com objetos que tenha significado para eles.”</i></p>	<p>Processos de alfabetização.</p> <p>Políticas públicas.</p> <p>Avaliação.</p> <p>Participação dos pais.</p> <p>Metodologia.</p> <p>Aprendizagem.</p> <p>Conscientização sobre a necessidade de uma alimentação saudável.</p> <p>Participação da família.</p> <p>Metodologia de Ensino..</p>	<p><i>“Na turma da tarde estou trabalhando regras de convivência, o espaço, noção de fila, momento de silêncio, saber esperar e ouvir, não está sendo fácil.”</i></p> <p><i>“Eu só penso em como fazer com que todos aprendam a ler e a escrever se muitos não conseguem escutar o que eu falo”.</i></p> <p><i>“Hoje fiz atividades no pátio, estimulando a escuta através de comandos como: direita, esquerda, em cima, embaixo. Brincadeira de morto e vivo. Percebi avanços, mas ainda falta muito.”</i></p>	<p>Conflito.</p> <p>Hábitos e atitudes.</p> <p>Disciplina.</p> <p>Limites.</p> <p>Desenvolvimento de atividades que permitem alterar hábitos e atitudes dos alunos.</p>

	<p><i>“Estou passando por um processo de reflexão, ainda não sei se o que estou trabalhando dará resultados positivos [...] infelizmente pude observar que temos dificuldades de aprendizagem que vão além de nossos conhecimentos pedagógicos.”</i></p>	<p>Formação docente.</p> <p>Reflexão docente.</p> <p>Questionamento sobre a prática.</p> <p>Avaliação.</p>		
07	<p><i>“A ideia de fazer o dia do brinquedo surgiu de uma conversa com uma colega. Está dando resultado positivo, já é a segunda semana que os educandos trazem brinquedos na segunda-feira.”</i></p> <p><i>“Estamos conseguindo fazer produções bem criativas no coletivo.”</i></p> <p><i>“Comecei a trabalhar a campanha da fraternidade esta semana. Mandei de tema um questionamento sobre o que é saúde pública. Fiquei surpresa com as respostas dos pais. O aluno M. é muito esperto e inteligente. Ficou fazendo questionamentos sobre o que é imposto. É uma criança que tem o apoio dos pais. Por outro lado, aqueles alunos que além de ninguém auxiliar a</i></p>	<p>Metodologia.</p> <p>Planejamento.</p> <p>Troca de ideias com outra colega alfabetizadora.</p> <p>Ensino e aprendizagem.</p> <p>Ensino e aprendizagem.</p> <p>Participação da família.</p> <p>Avaliação da participação da família.</p>	<p><i>“A cada dia percebo mais que a nossa função não é só mediar a construção da leitura e da escrita mas sim intervir oralmente, desde amarrar o tênis até a utilização correta do vaso sanitário.”</i></p> <p><i>“A função da educação mais formal, muitas vezes fica de lado para que se possa dar conta de questões básicas de higiene, convívio e boas maneiras.”</i></p>	<p>Insatisfação Docente.</p> <p>A professora se sente sobrecarregada com tantas demandas do cotidiano.</p> <p>Preocupação em assumir uma educação paternalista e deixar de lado a construção do conhecimento formal.</p>

	<p><i>fazer o tema, também não estavam entendendo nada[...] Há aqueles que nem escutaram o que foi falado. Infelizmente são poucos os que contam com o apoio esclarecido dos responsáveis. Teve uma aluna que disse que avó não sabia mas ligou para o tio para perguntar [...] Achei muito interessante o empenho da família para responder.”</i></p>			
08	<p><i>“Esta semana sugeri aos meus alunos que fizéssemos um Diário de Leitura, onde vamos escrever juntos palavras iniciadas com cada letra do alfabeto. O objetivo do diário é que eles leiam em casa as palavras e juntamente com a família escrevam novas palavras e até pequenos textos ilustrados. [...] O diário é uma maneira de estimulá-los a ler e a escrever.”</i></p> <p><i>“Observei na primeira vez que fizemos os registros que até aqueles alunos que nunca copiam, não participam, se mostraram interessados [...]”</i></p>	<p>Metodologia de Ensino.</p> <p>Avaliação.</p>		
09	<p><i>“Hoje iniciei com os</i></p>	<p>Metodologia.</p>		

	<p><i>alunos a construção de um livro com várias histórias produzidas e reescritas por eles. Essa ideia é em função do Dia do Livro Infantil, juntamente com o nosso dia de visita à biblioteca, onde os alunos escolhem os livros que irão levar para casa e fazem a leitura de outros.”</i></p> <p><i>“Cada dia um livro é escolhido pelos alunos para que eu leia a história, após a exploração oral do livro, personagens, autor, enredo, vamos para a sala de aula e os alunos reescrevem a história em forma de desenho ou escrita.”</i></p> <p><i>“Pude observar ao longo do tempo, as evoluções no processo de aprendizagem.”</i></p>	<p>Aprendizagem. Ensino.</p> <p>A professora procurando novas formas de trabalhar a leitura e a escrita.</p> <p>Incentivo à leitura e ao uso da biblioteca.</p> <p>Utilização regular da biblioteca.</p> <p>Aprendizagem. Avaliação.</p>		
10	<p><i>“Tem casos que vão além do meu conhecimento e das condições que temos na escola pública.”</i></p> <p><i>“Tenho muitos casos que precisam da ajuda de profissionais especializados, mas infelizmente dependem do SUS e também da família que muitas vezes não compreende a necessidade da criança.”</i></p>	<p>Políticas públicas. Formação docente.</p> <p>Preocupação com os alunos com necessidades educativas especiais.</p> <p>Falta de encaminhamento à especialistas, por parte da família.</p>	<p><i>“Às vezes me pego observando a turma e penso o que estou fazendo para contribuir com a aprendizagem desses educandos, pois parece que o que falo e faço para alguns não faz o menor sentido[...].”</i></p> <p><i>“Gostaria de ser menos preocupada com esses alunos [...] fico me cobrando o tempo todo pelo fato de ter alunos que não sabem e não fazem nada durante a aula toda. E ao mesmo</i></p>	<p>Insatisfação Docente.</p>

			<i>tempo sei que não posso fazer milagres.”</i>	
11	<p><i>“Durante a semana tive uma surpresa com o L. Esse aluno nunca concluiu uma atividade, nem mesmo a data ele escrevia no caderno. Não sei se é “certo”, se é pedagógico ou não, mas eu adotei um carimbo para estimular os alunos a realizar as atividades. Quem realiza tudo ganha o rostinho feliz. O L. se esforçou e conseguiu realizar toda a atividade do quadro, coisa que desde o início do ano ele nunca tinha feito, eu pensava que ele não sabia escrever, pois nunca tinha feito nada no caderno nem mesmo pintar os desenhos das atividades. [...] Com isso, no ditado de palavras que fiz com a turma ele também fez e percebi que está silábico colocando uma vogal para cada sílaba.”</i></p>	<p>Avaliação.</p> <p>Reflexão sobre a prática.</p> <p>Metodologia.</p>	<p><i>“Enfim, fiquei muito feliz por saber que o L. consegue fazer, mas precisa ser estimulado a todo momento. Por merecimento ele ganhou dois carimbos e ficou muito feliz mostrando o caderno para todos, fiz questão de elogiá-lo para os colegas.”</i></p>	<p>Satisfação docente.</p> <p>Contentamento mediante a evolução do aluno.</p>
12	<p><i>“Estamos trabalhando atividade para o dia das mães, ensaios, músicas, desenhos, coisas que as mães gostam, recados e mimos [...] .”</i></p>	<p>Metodologia.</p> <p>Busca de participação das mães na escola.</p> <p>Ludicidade.</p>	<p><i>“Durante uma atividade que pedia para desenhar a mãe, um aluno perguntou se podia desenhar ele dentro da barriga da mãe. Eu fiquei emocionada e respondi que sim. Esse aluno foi abandonado pela mãe ainda pequeno, é criado</i></p>	<p>Emoção.</p>

			<p>pelos avôs paternos[...]"</p> <p>"Como é difícil trabalhar essa data para algumas crianças."</p>	
13			<p>"Pedi de tema de casa para os alunos desenharem os membros de sua família.[...] O que me chamou a atenção foi que ele não fez a mãe."</p> <p>"Não fica difícil perceber porque a criança não tem estímulo para fazer as atividades."</p>	<p>Segundo registro que a professora traz a questão da apresentação para as mães – o trabalho com os alunos.</p> <p>Questionamento.</p> <p>Dúvida.</p>
14	<p>"Durante a realização das avaliações do trimestre percebi a evolução de alguns alunos, mas o V. foi o que mais me surpreendeu. Esse aluno ficou fora da escola durante 4 anos. Hoje ele tem 10 anos. No início do ano estava Ps2. Tinha muito medo de colocar as letras, dizia que não sabia e não conseguia avançar, mas hoje percebi que está alfabético. Lê palavras simples e escreve. Fiquei muito feliz por ele, é uma pena ter perdido tanto tempo, ele poderia estar no 5º ano."</p>	<p>Avaliação.</p> <p>Processos de alfabetização.</p> <p>Aprendizagem.</p>	<p>"Esse aluno é muito interessado, presta atenção em tudo o que eu falo, faz todas as atividades. Sempre pede para levar livros para casa e fica feliz ao relatar o que leu."</p> <p>"A alfabetização é uma mistura de emoção com ansiedade. Fico muito feliz pelos alunos que conseguem avançar e seguem descobrindo coisas novas mas também sofro muito por aqueles que não conseguem avançar. O tempo passa e eles vão fiando, os avanços são mínimos e muitas vezes parece que nunca vão conseguir sair do nível Ps2. A ansiedade por querer que esses alunos</p>	<p>Satisfação docente.</p> <p>Ansiedade da professora em relação aos que não aprendem.</p>

			<p><i>também avancem é muito grande e às vezes atrapalha.”</i></p> <p><i>“Muitas vezes eu passo a aula toda chamando a atenção daqueles alunos com mais dificuldades de aprendizagem porque quero que eles também façam parte do grupo, pois percebo que se dispersam facilmente.”</i></p>	
15	<p><i>“Hoje encerra o trimestre. Fiz as avaliações ao longo das duas últimas semanas. Avaliação de leitura e de escrita de palavras e frases, reconhecimento de números, adição, subtração de unidades. Observei avanços em alguns alunos, já em outros nem tanto.”</i></p> <p><i>“Na turma da manhã tenho 3 alunos PS2, todos com dificuldades na fala. Eu quase não compreendo o que eles falam. Na avaliação de leitura de letras e palavras eu preciso deduzir o que eles estão dizendo. Desses alunos apenas um a mãe está buscando ajuda. O outro é meu aluno desde o ano passado, desde o início eu pedi para a mãe procurar ajuda mas ela diz que já buscou, mas pelo SUS é demorado. O</i></p>	<p>Avaliação.</p> <p>Processos de alfabetização.</p> <p>Ensino e aprendizagem.</p> <p>Avaliação.</p> <p>Aprendizagem.</p> <p>Processos de alfabetização.</p>	<p><i>“Na turma da tarde o problema é maior. Tenho 8 alunos PS2. Alguns ao conhecem as letras. A família não procura saber como o filho está na escola. É um descaso. A família larga na escola e acha que é obrigação só da escola a aprendizagem da criança, quando ambas deveriam estar junto”.</i></p>	<p>Relação família-escola-aprendizagem dos filhos.</p> <p>Indignação da professora com o descaso da família.</p>

	<i>pior descaso é o aluno “M”é que a mãe quando questionada disse que o filho era assim mesmo: “Ele não aprende, é igual aos irmãos. Todos tem problema e não aprendem mesmo.””</i>			
16	<i>“A ideia era que a aula fosse reflexiva, com atividades de produção escrita e artística. Acabou sendo uma aula de simples cópia”.</i>	Reflexão sobre a prática. Metodologia. Avaliação.	<i>“Hoje foi um dia difícil. Passei “apagando incêndio” desde cedo. A minha aula que era para ser uma aula produtiva, pois planejei trabalhar um texto sobre a Noite e o Dia.”</i>	Insatisfação Docente.
17	<i>“Estou feliz por ter ganho a ajuda de uma professora que faz um trabalho de apoio com os alunos em sala de aula. Esse trabalho está sendo muito importante para os alunos que tem mais dificuldades pois eles estão recebendo atendimento individualizado”.</i>  <i>“É possível ver o entusiasmo e dedicação por conseguirem com ajuda concluir as atividades, coisa que sozinhos às vezes não conseguem. Na verdade esse projeto deveria atender a todas as turmas dos Anos Iniciais.”</i>	Dificuldades de aprendizagem.  Aprendizagem.  Metodologia.  Autonomia dos alunos. Processos de alfabetização. Aprendizagem.		
18	<i>“Estamos trabalhando com o jornal na sala de</i>	Planejamento.		



	<p><i>aula. Está sendo uma experiência muito boa, os alunos estão gostando de ver as reportagens, os que já sabem ler querem comentar e ler em voz alta para os demais.”</i></p> <p><i>“ Essa semana trabalhei o encarte do jornal que trouxe a reportagem das escolas de várias cidades que tem o projeto do Jornal em Sala de Aula. Os alunos se identificaram com os alunos das outras escolas. Está sendo produtivo.”</i></p>	<p>Metodologia. Processos de alfabetização. Aprendizagem.</p> <p>Metodologia. Avaliação.</p>		
--	---	--	--	--

19	<p><i>“Por falar em planejamento eu sempre planejo as minhas aulas semanalmente, mas dificilmente consigo seguir a risca tudo o que eu tinha em mente para com as atividades porque sempre acontece algo que faz mudar ou adaptar certas atividades.”</i></p>	Planejamento.	<p><i>“Tem dias que ser professora não é tarefa fácil. Dá vontade de largar tudo e sair correndo, mas depois de contar até 1000 e respirar é possível rever a prática e dar a volta por cima”.</i></p> <p><i>“Hoje foi um dia de superação principalmente à tarde. Começou cedo, desde a entrada do turno. O educando “A” não aceita regras e tampouco combinações. Ele quer sempre impor sua vontade. Hoje ele pegou o estojo do colega e depois bateu no mesmo com o caderno. Quando chamada sua atenção ele age como vítima, se nega a fazer as atividades e passa o tempo todo provocando, a mim e aos colegas. Estávamos trabalhando com uma história que eu havia contado “Grandes Amigos”, que fala sobre a importância de ajudar, de respeitar os amigos, colegas e professora. Mas com o “A” não teve efeito. Durante a escrita de palavras no quadro surgiu a palavra MACACO e o “A” disse: “O macaco é igual tu, né professora?” Eu pensei por um instante e ouvi</i></p>	Conflito.
----	---	---------------	--	-----------

			<p>as crianças dizendo: “Olha o que tu falou para a professora”.</p> <p>Então eu disse: “Isso mesmo “A”, tu sabe que todos nós somos descendentes de macacos. Dei a explicação que já era conhecida por muitos. Então ele ficou surpreso e disse para os colegas: “Viu? Eu disse uma coisa certa. Todos somos dos macacos.”</p> <p>Foi o jeito que encontrei para não potencializar a fala dele para o lado pejorativo.”</p> <p>“A cada dia a sala de aula é uma nova aprendizagem que se constitui. Muitas vezes agimos por impulso diante de situações que não são planejadas, ora temos retorno positivo, ora não”.</p>	
20	<p>“Eu sei que não adianta só eu fazer o meu trabalho se a criança precisa também de outro tipo de ajuda para avançar no processo de aprendizagem. Eu vejo um “depósito” de crianças com sérios problemas, que vão ficando para trás e</p>	<p>Ensino e aprendizagem.</p> <p>Políticas públicas.</p> <p>Progressão continuada.</p> <p>Avaliação.</p>	<p>“A criança sofre quando não consegue acompanhar os colegas e eu sofro junto por fazer tão pouco por ela.”</p>	Ansiedade.

	<p><i>sendo promovidas sem nunca terem tido a chance de receber um outro tipo de ajuda que pudesse contribuir mais para a aprendizagem.”</i></p> <p><i>“Escrever no Diário de Aula foi uma experiência positiva para mim. Acredito que consegui rever alguns pontos sobre o meu trabalho e consegui mudar. Porém, relendo alguns registros eu consegui ver pontos que infelizmente não consegui mudar. É um sentimento de incapacidade diante de algumas situações que não estão ao meu alcance como: auxiliar os alunos que precisam de ajuda especializada e não tem.”</i></p>	<p>Importância do Registro da prática docente.</p>		
--	--	--	--	--

Fonte: da Autora (2012)

## ANEXO E

Tabela 4: Análise Inicial do Diário de Aula da Professora C – 3º ano do Ensino Fundamental

Diário	Excertos do Diário: Aspectos objetivos/descritivos	Análise	Excertos do Diário: Aspectos subjetivos	Análise
01	<p>“Revela uma boa capacidade de decodificação gráfica. A maioria atribui significado pessoal à mensagem escrita (interpretação).”</p> <p>“Quanto á escrita, a maioria encontra-se alfabetizada, alguns alfabéticos, outros silábicos e um ou dois pré-silábicos”.</p> <p>“Tem facilidade em abstrair conceitos de adição e subtração.”</p> <p>“São organizados na realização dos trabalhos, às vezes perdem ou não cuidam convenientemente dos materiais escolares”.</p>	<p>Processos de alfabetização.</p> <p>Aprendizagem.</p> <p>Processos de alfabetização.</p> <p>Avaliação.</p> <p>Aprendizagem.</p> <p>Atenção aos aspectos do cotidiano da sala de aula.</p>	<p>“A turma 2º FA é concentrada e de um modo geral tem boa capacidade de compreensão e retenção de informações. É motivada frente às tarefas escolares, com exceção de alguns casos específicos.”</p> <p>“Poucos educandos necessitam ser lembrados das combinações de convivência estabelecidas pela turma.”</p> <p>“É uma turma que relaciona-se bem entre si e como os educadores em atitudes de respeito e de solidariedade.”</p>	<p>Hábitos e atitudes.</p> <p>Motivação.</p> <p>A professora considera a concentração da turma essencial.</p> <p>Normas de convivência.</p> <p>Disciplina.</p> <p>Limites.</p> <p>Satisfação Docente.</p> <p>Relação professor-aluno e aluno-aluno.</p>
02	<p>“A turma possui, no seu geral, uma boa frequência, sendo raros casos de não assiduidade, os quais percebo prejudicar e muito o processo de ensino e aprendizagem”.</p>	<p>Ensino e aprendizagem.</p> <p>Frequência.</p>	<p>“Penso que a turma tem um bom potencial que deve ser explorado de maneira a desenvolver as habilidades individuais.”</p>	<p>A professora acredita que todos podem aprender.</p> <p>Confiança nas potencialidades e habilidades individuais.</p>
03	<p>“Nos dias 1º, 02 e 03 de dezembro deste ano,</p>	<p>Formação continuada.</p>	<p>“O educador deve ir ao encontro de seus alunos</p>	<p>Conflito.</p>

	<p><i>2011, participamos do Programa de Progressão continuada dos alunos do 1º ao 3º ano do ensino fundamental. Foi nos mostrado algumas concepções de alfabetização e letramento e muitas sugestões de projetos e atividades para desenvolver nos anos iniciais nas diferentes áreas do conhecimento.”</i></p> <p><i>“Acredito que toda formação continuada é importante na vida do profissional docente, pois os atualiza e sugere práticas inovadoras. A pergunta que para mim ficou depois de tudo isso é como trabalhar com crianças que chegarão ao 3º ano sem estar ao menos no nível silábico de alfabetização por apresentarem problemas neurológicos ou de qualquer outra natureza que esteja fora da alçada pedagógica.”</i></p>	<p>Processos de alfabetização.</p> <p>Metodologia.</p> <p>Formação continuada.</p> <p>Progressão continuada.</p> <p>Processos de alfabetização.</p> <p>Aprendizagem.</p> <p>Avaliação.</p> <p>Políticas públicas.</p> <p>Reflexão sobre a prática.</p>	<p><i>com a certeza de que eles precisam da Matemática para lidar com as situações sociais e o que precisam aprender para lidar com essas situações.”</i></p>	<p>Problematização.</p>
04	<p><i>“Neste ano de 2012 trabalho com o terceiro ano. Uma turma com 28 alunos. É uma turma bastante heterogênea, oriunda de um segundo ano onde experienciamos pela primeira vez a progressão continuada, ou seja, a não retenção</i></p>	<p>Processos de alfabetização.</p>	<p><i>“Nas primeiras semanas de atividades são realizadas adaptações: educadora conhecendo educandos e vice-versa. Crianças novas ingressando, outras saindo ou trocando de turno.”</i> <i>“Tendo os resultados em mãos senti a</i></p>	<p>Relacionamento.</p> <p>Adaptação e Socialização.</p>

	<p><i>nesta etapa da escolarização. A maioria dos educandos precisam ser alfabetizados, outros já leem e escrevem. Percebo que há muitas dificuldades de aprendizagem, alguns casos bem graves.”</i></p> <p><i>“Realizei também neste período testagens para diagnosticar níveis de alfabetização.”</i></p> <p><i>“Dividi a turma em dois grandes grupos: o grupo A necessita ser alfabetizado. O grupo B já finda esta etapa. Partimos para a produção textual, ortografia e assuntos mais condizentes com o seu momento.”</i></p>	<p>Avaliação.</p> <p>Processos de alfabetização.</p>	<p><i>necessidade de direcionar o meu trabalho de acordo com o momento de cada criança em seu processo educativo”.</i></p>	
05	<p><i>“Estou confusa e um pouco perdida quanto á metodologia a ser utilizada com esses educandos, sendo que os objetivos de ambos os grupos diferem em vários pontos.”</i></p> <p><i>“Tenho trabalhado de maneira diferenciada mas confesso que às vezes não consigo dar conta da demanda.”</i></p>	<p>Metodologia.</p> <p>Avaliação e auto-avaliação da prática docente.</p> <p>Reflexão sobre a prática.</p> <p>Planejamento.</p> <p>Aprendizagem.</p> <p>Metodologia.</p>	<p><i>“Hoje chamei à minha mesa o aluno A e a aluna B. Pedi que ambos lessem algumas palavrinhas simples. Os dois conseguiram ler e alegraram-se muito com isso. Nesses momentos sinto-me compensada, o sentimento de frustração nessas horas dá lugar à satisfação.”</i></p> <p><i>“É com um pouco de frustração que começo a escrever essas linhas. Mais de 50% da minha turma não são alfabetizados. O</i></p>	<p>Satisfação Docente.</p> <p>Insatisfação docente.</p>

			<p><i>restante, 9 alunos, estão alfabetizados, o que seria “normal” para crianças dentro de um terceiro ano do ensino fundamental.”</i></p> <p><i>“Peço a Deus sabedoria todos os dias para poder alcançar essas crianças e ser mediadora de seu processo de aprendizagem.”</i></p> <p><i>“[...] Penso na realidade familiar dessas crianças, o quanto suas cabecinhas devem estar pensando em tudo o que acontece em suas vidas. A escola deve ser um local onde apreendam conhecimentos de uma forma prazerosa, alegre e feliz já que suas vidas, muitas vezes retratam uma triste e sofrida realidade.”</i></p>	<p>Ansiedade.</p> <p>Emoção.</p> <p>Preocupação com a realidade das crianças.</p>
06	<p><i>“O aluno C é muito introspectivo. Não expressa-se. Percebo que tem dificuldades na fala. Possui ótima coordenação motora, PE muito caprichoso e esforçado. Assim como ele outras crianças da turma tem esse perfil.”</i></p> <p><i>“Atividades com música e expressão corporal acredito que possam desenvolver</i></p>	<p>Avaliação.</p> <p>Observação das habilidades dos alunos.</p> <p>Metodologia.</p>	<p><i>“A turma apresenta bom comportamento e relacionamento com colegas e professores”.</i></p> <p><i>“ São silenciosos para trabalhar. Como tudo, tem o seu lado negativo. Esse silêncio interfere a partir do momento que não tiram suas dúvidas, não participam. Poucos expressam seus pensamentos.”</i></p>	<p>Relacionamento professor-aluno.</p> <p>Conflito.</p>



	<p><i>estas habilidades: expressão corporal e verbal”.</i></p> <p><i>“As crianças gostam bastante de atividades de recorte e colagem, é um momento prazeroso, onde elas tem contato com vários tipos de textos.”</i></p>	<p>Leitura.</p> <p>Metodologia.</p> <p>Planejamento.</p> <p>Recursos didáticos.</p>		
07	<p><i>“Entendo que o objetivo principal dos anos iniciais (1º ao 5º ano) é a leitura, escrita e as 04 operações, ainda que exista a cobrança dos conteúdos programáticos da série.”</i></p> <p><i>“Tenho alfabetizado a partir de pequenos textos, retirando palavras-chave, enfatizando também a família silábica correspondente, assim contemplo vários níveis de alfabetização.”</i></p> <p><i>“A organização da sala é heterogênea em relação aos níveis, acredito que o indivíduo aprenda através da interação social, da troca de saberes e experiências.”</i></p>	<p>Processos de alfabetização.</p> <p>Planejamento.</p> <p>Metodologia.</p> <p>Planejamento.</p> <p>Professora dá ênfase ao trabalho em grupo.</p> <p>Heterogeneidade.</p> <p>Troca de saberes.</p> <p>Metodologia.</p>	<p><i>“Estou mais tranquila em relação à aprendizagem (alfabetização) de minhas crianças”.</i></p> <p><i>“Nossa realidade educacional tem mudado, nossa clientela e suas implicações evoluem a cada dia, com isso devemos acompanhar essa mudança com estratégias que supram a deficiência de nossos alunos que é gravemente o fato de não lerem e escreverem convenientemente.”</i></p>	<p>Momento de tranquilidade da professora ao verificar que as crianças estão aprendendo.</p> <p>Satisfação docente.</p> <p>Visão da professora que deve acompanhar as mudanças para dar conta das demandas do cotidiano.</p> <p>Preocupação com a alfabetização dos alunos.</p>
08	<p><i>“Semana passada encerramos o 1º trimestre letivo na escola. Época de avaliar os</i></p>	<p>Avaliação e auto-avaliação.</p> <p>Reflexão sobre a prática.</p>	<p><i>“Fatores como falta de assiduidade e apoio efetivo da família em todos os momentos da vida escolar dos filhos</i></p>	<p>Relação família e escola.</p> <p>Conflito.</p>

	<p><i>conhecimentos de nossos alunos e reavaliarmos nossos métodos e estratégias de ensino.”</i></p> <p><i>“Metade da turma lê e escreve necessitando apenas trabalhar ortografia e produção textual dentro dos padrões convencionais: parágrafo, pontuação, letra maiúscula no início de frase e nomes próprios.”</i></p> <p><i>“ “Me preocupa uma menina de 12 anos [...] Se encontra no nível pré-silábico de alfabetização[...].”</i></p> <p><i>“Nosso sistema educacional e nossas famílias desinteressadas colocam nossas crianças em nossas salas de aula e esperam que o professor o professor supra “todas” as necessidades e dê conta de solucionar “todos” os seus problemas”.</i></p>	<p>Ação-reflexão-ação: para planejar novas ações.</p> <p>(re)Planejamento.</p> <p>Avaliação.</p> <p>Aprendizagem.</p> <p>Processos de alfabetização.</p> <p>Defasagem idade-ano escolar.</p> <p>Dificuldades de aprendizagem.</p> <p>Políticas públicas.</p> <p>Crítica em relação á falta de estrutura e de profissionais especializados nas escola públicas.</p> <p>Papel o professor.</p>	<p><i>fragilizam o sucesso das crianças.”</i></p> <p><i>“Acredito que este tipo de caso está além de nossa intervenção pedagógica.”</i></p>	<p>Preocupação com as crianças com necessidades educativas especiais.</p>
--	---	--	---	---

09	<p><i>“Penso que o registro em qualquer área da vida é importante, não seria diferente em nossa tarefa diária de alfabetização.”</i></p> <p><i>“Relendo e analisando os registros do ano passado pude perceber a diferença gritante entre esses e os educandos atuais, assim como seu processo de ensino e aprendizagem [...]”</i></p> <p><i>“Quando estamos em formação seja ela a nível médio (Magistério) ou a nível Superior (Graduação), aprendemos teorias de como fazer [...] o dia-a-dia, o que aprendemos, o que torna efetivo e concreto o aprendizado.”</i></p> <p><i>“Os registros nos trazem à memória os vários acontecimentos que envolveram e envolvem nossos educandos, como também a nossa posição frente a isso. Nos fazem ver os progressos, os retrocessos das crianças, nossas intervenções positivas e as que não foram tão positivas.”</i></p>	<p>A professora enfatiza a importância do registro.</p> <p>Importância dos registros.</p> <p>Formação docente.</p> <p>Aprendizagens construídas no cotidiano educativo.</p> <p>Avaliação.</p> <p>A professora enfatiza a importância do registro.</p> <p>Formação docente.</p>		
----	--	--	--	--

10	<p><i>“Apesar das muitas atividades gostei muito de registrar neste Diário meus anseios, práticas, enfim, relatos envolvendo o meu trabalho como alfabetizadora”.</i></p> <p><i>“É na prática diária desta teoria, é no registro dos acontecimentos, das atividades das falas, das reações, do acolhimento do nosso trabalho que acontece verdadeiramente a aprendizagem.”</i></p> <p><i>“ [...] o registro é uma excelente ferramenta para o professor interessado em aperfeiçoar e tornar eficaz o seu fazer pedagógico.”</i></p>	<p>Avaliação do uso do Diário de Aula.</p> <p>Registro e Formação docente.</p> <p>Ensino e Aprendizagem.</p> <p>Ênfase no registro como forma de aperfeiçoamento da prática docente.</p> <p>Formação docente.</p> <p>Reflexão sobre a prática.</p>	<p><i>“Esse é o registro das atividades da vida e para a vida de uma sala de aula de alfabetização.”</i></p>	<p>Emoção.</p> <p>Identidade.</p>
----	---	--	--	-----------------------------------

Fonte: da Autora (2012)

## ANEXO F

Tabela 5: Análise inicial do Diário de Aula da Professora D – 3º ano do Ensino Fundamental

Diário	Excertos do Diário: Aspectos objetivos/descritivos	Análise	Excertos do Diário: Aspectos subjetivos	Análise
01	<i>“Recebi um Diário de Aula para registrar minha prática em sala de aula. Aspectos que venham a contribuir para uma docência mais reflexiva. Acredito que poderá contribuir.”</i>	Prática docente.  Acolhida ao uso do Diário de Aula.		
02	<i>“Estou desenvolvendo atividades que envolvem muita leitura e muita escrita. Isso irá prepará-los para o 4º ano. Exercícios que envolvem compreensão também são eficazes, além dos que envolvem desafios”.</i>  <i>“O final do ano letivo está chegando, isso faz repensar como esse momento é importante na vida do aluno. Como a aprovação ou a reprovação tem impacto em sua vida escolar e pessoal. Isso torna nosso compromisso ainda mais sério.”</i>	Ensino e Aprendizagem.  Avaliação.		
03	<i>“Investir na alfabetização dos alunos será um grande desafio.[...]”</i>	Metodologia.  Ensino e aprendizagem.	<i>“Início de ano. Vou fazer com que esse ano tenha algo diferente.”</i>	Ansiedade e perspectiva da professora em exercer uma docência melhor

				no ano que se inicia.  Ansiedade em desenvolver um bom trabalho.
04	<p><i>“Este ano está sendo um desafio para mim enquanto educadora. Trabalho há anos com o 3º ano, estou acostumada a receber turmas quase toda num mesmo nível de aprendizagem, mas agora, em razão da progressão continuada, recebi alunos que não escrevem o próprio nome. A diferença é gritante, costumava começar o ano com pequenos textos, construção de frases, etc.”</i></p> <p><i>“Tenho que alfabetizar e ao mesmo tempo tenho alunos que estão muito adiantados, querendo avançar. Me sinto amarrada, se eu adianto o conteúdo, alguns vão ficar perdidos. Estou estudando a forma de trabalhar e assim contemplar a todos nas suas dificuldades.”</i></p>	<p>Planejamento.</p> <p>Metodologia.</p> <p>Processos de Alfabetização.</p>		
05	<p><i>“Com essa mudança (a progressão continuada), esqueceram de nos dar amparo, subsídios para a continuação desse</i></p>	<p>Progressão continuada.</p> <p>Políticas públicas.</p> <p>Formação</p>		

	<i>trabalho. Precisamos urgentemente de formação para esclarecermos dúvidas com pessoas que tenham o que acrescentar.”</i>	continuada.		
06	<i>“Ainda não consegui desenvolver conteúdos que planejei para o 3º ano”.</i>	<i>Planejamento. Professora preocupada com o desenvolvimento dos conteúdos.</i>	<i>“Últimas semanas bastante complicadas”.  “ Tenho dificuldades para trabalhar diante de uma turma tão heterogênea.”</i>	<i>Conflito.  Insatisfação docente.</i>
07	<i>“Estamos construindo um dicionário. Cada aluno o seu. Fizeram a capa e uma vez por semana, trabalhamos com uma letra. Por exemplo, na semana que trabalhamos com uma determinada letra, ênfase sobre ela a semana toda, com textos, separação de sílabas, frases, ditados, desenhos. Depois que já fizemos isso vamos para o dicionário. Em um lado da folha, é feito a escrita das palavras, do outro, a colagem. Eles estão adorando!”</i>	<i>Metodologia. Planejamento. Processos de alfabetização.  Professora realizada com o retorno da turma em relação a atividade proposta.</i>	<i>“Com esse trabalho noto avanços significativos, alunos que não conheciam as letras estão participando e adquirindo conhecimentos.”</i>	<i>Satisfação docente.  Emoção</i>
08	<i>“Até quando conseguem encontrar sozinhos uma palavra na revista para recortar, eles ficam exultantes.”</i>	<i>Autonomia dos alunos.  Aprendizagem.</i>	<i>“A turma se mostra interessada e participativa. Apesar das dificuldades que a maioria da turma apresenta, eles me procuram bastante e noto que querem aprender. ‘</i>	<i>Satisfação docente.  Professora se encanta com cada progresso dos alunos.</i>

			<i>‘Eles vibram com pequenas conquistas.’</i>	Emoção
09	<p><i>“Esta semana trabalhamos com atividades diversas.”</i></p> <p><i>“Muitos alunos não conseguem ler, só copiam. Essa é minha maior dificuldade. Fizem uma avaliação de interpretação de texto, a maioria não atingiu os objetivos propostos”.</i></p>	<p>Planejamento.</p> <p>Metodologia.</p> <p>Processos de alfabetização.</p> <p>Aprendizagem.</p> <p>Avaliação.</p>		
10	<p><i>“Terminamos as avaliações. Um semestre já terminou. Agora é ver o que preciso fazer para superar as dificuldades que os alunos apresentam.”</i></p> <p><i>“[...] pretendo trabalhar intensamente a leitura, pois só fortalecendo-os na leitura conseguirei desenvolver os conteúdos que preciso trabalhar no 3º ano. Acredito que o aluno que lê bem, consegue ter entendimento de todo e qualquer conteúdo.”</i></p>	<p>Avaliação.</p> <p>Professora pensando em buscar alternativas para os alunos que ainda não estão alfabetizados.</p> <p>Construção da leitura e da escrita.</p> <p>Processos de alfabetização.</p> <p>Planejamento.</p> <p>Aprovação e reprovação.</p> <p>Aprendizagem.</p>		
11	<p><i>“O Diário de Aula contribuiu para minha formação com as reflexões proporcionadas, mediadas pela escrita.”</i></p>	<p>Importância do registro para a Formação docente.</p> <p>Contribuições do Diário de Aula para</p>		



	<p><i>“A turma se mostra interessada e participativa. Apesar das dificuldades que a maioria da turma apresenta, eles me procuram bastante e noto que querem aprender. Eles vibram com pequenas conquistas.”</i></p>	<p>as reflexões da professora.</p> <p>Processos de alfabetização.</p> <p>A professora se mostra satisfeita com a turma.</p> <p>Aprendizagem.</p>		
--	---	--	--	--

Fonte: da Autora (2012)

## ANEXO G

Tabela 6: Análise Inicial do Diário de Aula da Professora E – 1º ano do Ensino Fundamental

Diário	Excertos do Diário: Aspectos objetivos/descritivos	Análise	Excertos do Diário: Aspectos subjetivos	Análise
01	<i>“Passei exercícios para eles pintarem os números. Logo todos começaram a trazer o exercício na minha mesa para mostrarem se estava certo.”</i>	Planejamento.	<i>“A aula estava em perfeita harmonia, até o J.V. querer sair para a rua. Eu lhe disse que não e ele começou a chorar.”</i> <i>“O A. continua batendo nos colegas, as meninas K. e S. brigaram no recreio. Quando entravam na sala de aula conversei com elas e elas fizeram as pazes.”</i>  <i>“Eles são muito inseguros, procuram sempre ficar perto.”</i>	Disciplina/indisciplina.  Hábitos e atitudes.  Conflito.    Insegurança.  Ansiedade  Os alunos ainda não conquistaram autonomia.
02	<i>“Quanto ao conhecimento de cada aluno continuo avaliando em grupo e individualmente.”</i>	Avaliação.  Aprendizagem.	<i>“Percebi que as crianças estão mais tranquilas e com muita saudade, pois quando retornam do final de semana elas falam que sentiram saudade.”</i>  <i>“Percebo que eles estão mais seguros. Claro que tem alguns com algumas dificuldades, mas estão construindo os conteúdos com mais clareza.”</i>	Emoção.  Afetividade.      Satisfação Docente.
03	<i>“Fizemos uma semana de curso: capacitação para alfabetizadores</i>	Formação continuada.		

	<p>[...]”<i>“Adorei o curso. Gostei porque reencontrei várias colegas.”</i></p> <p><i>“[...] pude tirar alguma para meu aprendizado.”</i></p>	<p>Professora gostou do curso porque reencontrou colegas e aproveitou algo para sua prática docente.</p>		
04	<p><i>“Final de ano. Algumas aprendizagens. Reli o que escrevi. Preciso rever algumas práticas.”</i></p>	<p>Avaliação.</p> <p>Aprendizagem.</p> <p>Reflexão docente.</p>		
05	<p><i>“Teremos reunião com os pais, estou organizando a mesma: a pauta, a recepção.”</i></p> <p><i>“Para as crianças, no decorrer da semana passei desenhos, recortes e colagens, foi muito legal. Alguns fizeram uma bagunça com a cola, mas é assim mesmo.”</i></p> <p><i>“Trabalhamos as vogais, a 1ª letra do nome, a família, desenhar e colorir, com quem se mora, se tem animal de estimação.”</i></p>	<p>Participação da família.</p> <p>A professora está empenhada com a organização da reunião com os pais.</p> <p>Metodologia.</p> <p>Planejamento.</p> <p>Inserção no universo da escrita.</p>	<p><i>“As crianças colaboraram com as atividades propostas, alguns tem dificuldades mas conseguem fazer do seu jeito.”</i></p>	<p>Hábitos e atitudes.</p> <p>Limites.</p>
06	<p><i>“As crianças trabalharam com recorte e colagem. Fizeram montagens com figuras geométricas que foi criação deles”.</i></p> <p><i>“Aprenderam que salgadinho faz mal e</i></p>	<p>Metodologia.</p> <p>Ensino e Aprendizagem.</p>	<p><i>“Esta semana foi muito produtiva, mas tem crianças que ainda não entenderam para que vem na escola, são muito infantis e dengosos, mas ajudam a produzir o que é solicitado. Com dificuldades, mas</i></p>	<p>Insatisfação docente.</p>

	<i>não trazem mais para a escola.”</i>	Avaliação. Transformação da realidade.	<i>fazem.”</i>	
07	<i>“Fomos na pracinha, jogamos bola, produzimos trabalhos com recortes de mãozinhas onde trabalhamos números, cores, tamanhos, lateralidade e continuamos a trabalhar as formas e maior e menor, números e alfabeto com o nome dos colegas.”</i>  <i>“Estou conseguindo trabalhar o que foi planejado.”</i>	Metodologia. Ensino e aprendizagem.  Planejamento. Avaliação.	<i>“Esta semana foi muito importante. Fizemos uma rodinha de conversa. Eles prometeram que irão se comportar.”</i>	Socialização.
08	<i>“ Estão trabalhando o alfabeto e associando com a letra do seu nome.”</i>	Processos de alfabetização. Aprendizagem. Avaliação.	<i>“Todos os dias ao entrar na sala de aula as crianças já pegam as cadeiras, arrumam em círculos, sentam e rezamos.”</i>  <i>“Cantam e dançam todos os dias. Eles adoram cantar.”</i>	Hábitos e atitudes. Organização da sala de aula. .  Rotina. Ludicidade.
09	<i>“Esta semana trabalhamos nome das mães, a primeira letra do alfabeto de cada uma delas. Foi colocado no quadro e eles copiaram no caderno, ensaiamos para o dia das mães, a apresentação.”</i>	Metodologia. Alfabetização. Organização de atividade envolvendo a família.		
10	<i>“ [...] estão conseguindo copiar, fazer trabalhos orais como: contar</i>	Metodologia.	<i>“As crianças estão mais comportadas[...].”</i> <i>“Continuo a rodinha de conversa para a</i>	Satisfação Docente. Hábitos e atitudes.

	<i>historinhas e interpretá-las. As crianças adoram cantar, dançar e desenhar.”</i>		<i>melhora de comportamento, além de falarem sobre a família, higiene, bairro...”</i>	
11	<p><i>“Escrever nesse Diário de Aula durante seis meses me fizeram registrar algumas práticas de sala de aula. Reli o Diário. Percebi que preciso rever minha metodologia. Está muito repetitiva.”</i></p> <p><i>“A rotina está deixando as crianças menos empolgadas”.</i></p> <p><i>“Pensar sobre o que fiz e como fiz contribuiu para minha formação na medida em que pretendo mudar.”</i></p> <p><i>“Quero continuar escrevendo para poder comparar minha metodologia utilizada hoje e depois de rever algumas formas de propor atividades às crianças.”</i></p>	<p>Uso do Diário de Aula.</p> <p>Importância do Registro.</p> <p>Reflexão sobre o impacto de suas ações sobre as crianças.</p> <p>Registro e Formação docente.</p> <p>Reflexão sobre a prática.</p> <p>Perspectiva de mudança.</p> <p>Importância do registro para a Formação docente.</p>		

Fonte: da Autora (2012)